

**MARCELO RAMOS
MOTTA
PAZIVAL XI° O.T.O.**

ATAQUE E DEFESA ASTRAL

EDITADO POR FERNANDO AIWASS LIGVORI
HYAMUNISIDDHA AUSSIK AIWASS



**THELEMA PUBLICAÇÕES
2002 E.V.**

Publicação em Classe B



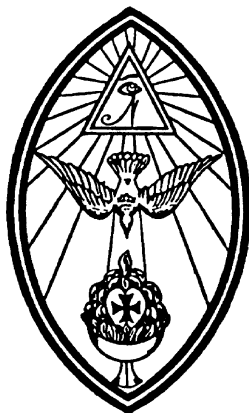
DA PARTE DA

**ORDEM
RUBI E OURO**

Imprimatur

**Fra: A.: A.:
M. 7º=4 R.R. et A.C.
6º=5 Imperator**

**O.T.O.
USADO PELA ORDEM:**



Parywal XI° O.T.O.

Titulo original:

Ataque e Defesa Astral

Copyright © 2003 na língua portuguesa de Thelema Publicações

REVISÃO:

Fernando Aiwass Ligvori



THELEMA PUBLICAÇÕES

Brás Bernardino 54/402 centro
Juiz de Fora – Minas Gerais
Brasil

36010 320



PREFÁCIO

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei

M

Marcelo Motta originalmente, segundo os comentários de seus discípulos, escreveu este livro como uma tentativa de torna-lo sua tese mágicka. Trabalho referente ao Grau de “Adeptus Exemptus” da A.:A.:. Com a finalização deste trabalho, Marcelo completaria sua tarefa do Grau e estaria apto para assinar o Juramento do Abismo. Mas essa é somente umas das tantas possibilidades.

Realmente não é relevante se Marcelo foi vitorioso em sua travessia ou não, se realmente derramou todo seu sangue na Taça de Babalon. Porém, não há relato nenhum de Marcelo detalhando sua travessia. Simplesmente ele se proclamou “Magister Templi” da A.:A.:e se auto proclamou Præmonstrator Geral de sua corrente.

Germer enviou Marcelo de volta ao Brasil para que ele efetivasse a divulgação de Thelema. Em princípio pela própria A.:A.: e mais tarde com a O.T.O. Não existe uma prova que Germer deixou algum posto para Marcelo na A.:A.: quanto menos na O.T.O.; mesmo assim, isso continua sendo irrelevante. Porém, cremos que o erro de Marcelo não foi só simplesmente ter se proclamado Præmonstrator. Ele também afirmava ser, ao mesmo tempo, o Imperator e Cancellarius da Ordem.

Ainda sim, aqueles que puderem ler o “Auto defesa Psíquica” de Dion Fortune verão que os livros são similares. Na época em que Marcelo escreveu este trabalho, o livro de Fortune citado acima ainda não havia sido traduzido para o português. Como Fortune o escreveu muitos anos antes de Marcelo, podemos comprovar que ele pajeou muitas das informações contidas no livro de Fortune. Experiências relatadas por ela, de sua própria experiência, Marcelo afirmava ser dele. As histórias são as mesmas, somente os personagens são mudados.

Mas ainda sim o livro é uma boa leitura. Marcelo era um versado ocultista, uma sumidade no que se refere a Thelema. Os leitores irão gostar de sua obra.

Amor é a lei, amor sob vontade

Fernando Aiwass Ligvori
Juiz de Fora

NOTA DE REDAÇÃO

E

ste livro representa a primeira publicação no Brasil de um tratado sério sobre o uso criminoso de faculdades parapsicológicas. O autor tem trinta anos de experiência no assunto e foi treinado cientificamente pelos métodos da A.:A.:, Ordem fundada por Aleister Crowley, o maior Magista, ocultista e místico do século.

Aleister Crowley, cujo nome mágicko era TO MEGA THERION (A Grande Besta 666), publicou suas revolucionárias descobertas em misticismo, Magick, alquimia e teurgia em bases estritamente científicas, numa espécie de livros sob o nome genérico de “O EQUINÓCIO”, porque os exemplares eram publicados naquela época em média de dois ao ano.

Esta e outras séries monumentais foram finalmente publicadas no Brasil, com traduções de Marcelo Ramos Mota.

Estas publicações foram combatidas, aqui no Brasil, por mais de quarenta anos por “ocultistas” que intencionavam conservá-las em sigilo para poderem explorar o próximo. Esta, e outras condutas indignas estão finalmente sendo neutralizadas.

Estamos no Æon de Hórus, que é a nova Lei, a Lei de Thelema, a qual está explícita no *O Livro da Lei* (Liber Al Vel Legis), “A Lei é para todos”.

Cientistas, filósofos, artistas, e espiritualistas de todo mundo, encontrarão nas Obras de Crowley dados preciosos para aprofundar e tornar mais eficientes suas vontades, adaptando-as ao ritmo e ao ponto de vista do Æon de Hórus, e da Nova Era de Aquário-Leão.



O Autor.

PREFÁCIO

A

disseminação de conhecimento oculto é maior neste momento que em qualquer época anterior da história A Passagem dos *Æons*, que ocorreu em arbil de 1904 da era vulgar, mudou completamente as condições do desenvolvimento psíquico. As palavras de passe e os sinais religiosos das antigas fraternidades iniciáticas, e das religiões estabelecidas perderam todo o seu poder mágicko. Isto é um fato que pouca gente se tornou consciente.

Livros de feitiçaria, de baixa Magick, e de psiquismo passivo se aglomeram nas estantes das livrarias com tratados sobre “parapsicologia”. Charlatães inescrupulosos se arvoram em “doutores” dessa nova “ciência”. O fato é que não existe qualquer universidade séria no mundo que dê diplomas de doutorado em parapsicologia. O assunto é estudado em muitos centro de ensino, mas apenas como um ramo, ou especialidade, da psicologia ou da psiquiatria. Pessoas que alegam ser “parapsicologistas formados” são tão mentirosas quanto aquelas que alegam que existiu um homem chamado “Jesus Cristo”. Não existiu tal homem: o mote mágicko “Jesus Cristo” foi uma fórmula de poder do *Æon* passado, a qual, pronunciada com fé, protegia contra ataques; mas não protege mais. Pelo contrário, aqueles que usam este nome correm perigo de atrair a influência das correntes mortas que ainda circulam, em virtude do momento adquirido durante séculos de imantação, porém não tem mais qualquer elo com a Hierarquia espiritual que zela pelo destino da humanidade.

Quando o autor destas linhas tinha doze anos de idade ele já estudava ocultismo. Em certa ocasião sofreu um ataque mágicko durante o sono: uma entidade maléfica procurou adquirir controle de seus plexos nervosos, ou “Chacras”. Sentindo o ataque, mesmo dormindo eu reagi; a entidade, percebendo que fora identificada, recuou em direção à janela do quarto que estava aberta. Eu lhe bradei, conforme recomendava os livros que estudava:

- Eu te exorcizo em nome de Jesus!

Ao dizer isto, a entidade (envolta em um manto negro e com um chapéu negro de abas) parou de fugir e soltou uma

desafiadora gargalhada. Então, ainda rindo com desdém, saiu pela janela. Eu acordei, sentado na cama, com um pé para fora, a mão erguida no gesto de exorcismo que fizera ainda no sono, suando frio, voltado em direção à janela; e a memória daquela gargalhada chocou-me pela sua zombaria. Foi a primeira vez que percebi que as palavras ritualísticas do cristianismo tinham perdido efeito sobre os seres do invisível. Somente onze anos mais tarde dei-me conta do motivo: A Passagem dos Æons.

A disseminação do conhecimento oculto põe à disposição dos inescrupulosos armas e recursos para influenciar os inocentes sem que estes percebam que sua integridade está sendo atacada. A Lei espiritual da Nova Era é “Faz o que tu queres”. Ora, esta Lei é para todos. Aqueles que buscam influenciar indevidamente a liberdade de seus próximos estão procurando restringir a autonomia espiritual destes; e como está escrito, CCXX I: 41, a palavra de Pecado é Restrição ¹

No passado, as correntes espirituais das diversas religiões proviam seus crentes com alguma defesa: mas a modificação na polaridade terrestre, como já dissemos, tornou as palavras e sinais dessas religiões impotentes, ou até mesmo enganadoras. Se você acredita que o nome “Jesus Cristo” tem força, e algum ente se aproxima de você quando você invoca esse nome, você naturalmente concluirá que se trata de um ente sincero e benfazejo, e não ficará em guarda contra ataques. Acontece, no entanto, que esse nome agora faz parte das forças mortas. Se você tentar utilizá-lo para se defender, não terá valor algum, e qualquer entidade maléfica pode utilizá-lo para lhe enganar. Como diz em CCXX I: 49:

Ab-rogados estão todos os rituais, todos os ordálios, todas as palavras e sinais. Ra-Hoor-Khuit tomou seu assento no Leste ao Equinócio dos Deuses; e que Asar seja com Isa, os quais também são um. Mas eles não são de mim. Que Asar seja o adorante, Isa a sofredora; Hoor, em seu secreto nome e esplendor, é o Senhor iniciando.

Este é um dos muitos pontos importantes que a maioria dos escritores sobre obsessão, ataques mágickos, etc., esquecem ou evitam mencionar. Em nosso livro daremos numerosos exemplos

¹ Esta e outras referências são a capítulo e versículo de “Liber AL”, *O Livro da Lei*, (*Liber AL vel Legis sub figura CCXX*) a disposição dos interessados. Favor entrar em contato com a Ordo Templi Orientis. Vide o fim desta edição.

práticos de defesa contra os mais diversos tipos de ataques ocultos. Esses exemplos serão tirados de nossa própria experiência, ou da experiência de nossos discípulos ou colegas. Evitaremos relatar qualquer fenômeno que não tenhamos conhecimento pessoal. Todo mundo já ouviu falar de um amigo que tem um amigo que tem outro amigo que viu um disco voador, ou que conversou com o Conde de São Germano pessoalmente! ² As mentiras e os exageros mais incabíveis são descritos com sinceridade e até com fé na maioria dos livros de ocultismo, mas as normas disciplinares da Organização a que perecemos nos impedem de tais desatinos, mesmo se eles fossem de nosso feito. Os exemplos que citamos estão documentados, e a origem será sempre mencionada.

Em alguns casos, porém, principalmente aqueles que se originam da experiência de pessoas ainda vivas ou de discípulos nossos, tomamos a liberdade de mudar nomes ou locais, para proteger gente séria e dedicada contra perseguições dos fanáticos ou a curiosidade ociosa dos falsos entusiastas.

Com a disseminação da literatura de falso ocultismo e “parapsicologia, ataques contra a integridade psíquica de outras pessoas estão se tornando perigosamente comuns. O público médio, por enquanto, ainda não se tornou cômico do tipo de coisa que é tentado por gente inescrupulosa que conhece um pouco dos poderes da mente humana, e se dedica a utilizá-los para fins indignos. Por causa de nossos interesses especializados, entramos em contato com vítimas de tais ataques. Muitas vezes fomos consultados sobre a melhor maneira de se defender contra enfeitiçamentos, sugestão, hipnotismo, e fascínio magnético doentio. Ainda devido a nossos interesses, entramos em contato com homens e mulheres que podemos chamar de iniciados, e até de Mestres: temos visto fenômenos que transcendem em profundidade e alcance aqueles obtidos em qualquer sessão espírita, ou aqueles que são gabados como “milagres” pelas mais diversas religiões. Temos participado em combates nos planos

² Franz Hartmann, em certa ocasião, publicou um relato que, segundo ele, lhe fora dado por Helena Blavatsky, com declaração de que era um retrato dela em sua encarnação de Cagliostro. Entretanto, trata-se de uma cópia de um retrato de um dos reis da Prússia, e o original ainda se encontra dependurado num museu alemão! Ficamos sem saber se Franz Hartmann mentiu despididamente, ou se a Mestra se divertiu à custa dele.

sutis, e obtido o apoio daquela força policial oculta que, sob autoridade da Hierarquia espiritual, mantém guarda sobre todas as nações. Já houve ocasiões em que, como todos os iniciados em alguma etapa de suas vidas, fomos forçados àquela vigília mágicka em que o aspirante não se atreve a dormir enquanto o sol está abaixo do horizonte; já afrontamos aquela pressão esmagadora que só se desfaz quando a fase da lua muda, e a força de um ataque oculto, que nos levou a escrever este livro; mas é necessário que façamos uma cuidadosa distinção entre aquilo que é realmente uma experiência psíquica e aquilo que é apenas auto-sugestão ou uma perturbação psicossomática de origem fisiológica. Não é fácil (para ocultistas prudentes!) Ter certeza de que a pessoa que se queixa de um ataque sutil não está meramente sofrendo o tumultuar de seus próprios recalques, ou não está fisicamente enferma. Histeria, psicose e distúrbios glandulares em geral são, pelo menos por enquanto, bem mais comuns que um caso legítimo, (por exemplo) de uma possessão ou obsessão demoníaca; nem sabe o público, e muito menos os teólogos, aquilo que um ocultista iniciado quer dizer quando fala dos “demônios”. Todos os fatores possíveis tem que ser considerados quando investigamos uma situação que alguém alega ter sido causada por um ataque astral; e nas páginas que seguem procuraremos descrever não só os métodos de defesa contra esse tipo de crime, como também a maneira de perceber aqueles casos que deveriam antes estar nas mãos de um neurologista, um psiquiatra, e às vezes até mesmo de um cirurgião.

Devemos ainda, por um lado, prevenir as pessoas imaginativas ou sugestionáveis contra o estudo deste livro. Seria preferível para elas que não nos levassem a sério, e encarassem o que se segue apenas como outro conto de horror fantástico, ou ficção científica. Esta obra está dirigida a estudantes sérios e àqueles que se sentem confrontados pelos problemas que ela descreve. É necessário, neste momento psiquicamente turbulento da história da humanidade, abrir os olhos de homens e mulheres mais evoluídos quanto à natureza das forças com as quais vamos entrando mais e mais em contato à medida que a humanidade progride.

Amor é a lei, amor sob vontade

CAPÍTULO I

SINTOMAS DE ATAQUE OCULTO

A

ciência moderna avançou tanto que atingiu o limiar do ocultismo. Sabemos hoje em dia que aparência material das coisas é pura aparência; que a solidez das substâncias físicas é uma ilusão dos nossos sentidos. Um bloco de granito é um conjunto de partículas elétricas de diferentes cargas, movendo-se em órbitas complexas em volta de umas das outras: se fossem possível anular o sistema de forças que as mantém separadas, as partículas do bloco de granito poderiam ser comprimidas em um volume menor que o da cabeça de um alfinete (conservando, é claro, o mesmo peso). Uma parede de aço impenetrável não é, realmente, impenetrável: se pudéssemos neutralizar a carga de nossos corpos, passaríamos através do aço com a mesma facilidade com que a água escorre através dos buracos de uma peneira.

Nossos próprios corpos não são mais que universos em miniatura. As partículas de que se compõe nossa vida estão enfiadas num sistema de órbitas incrivelmente complexo que nadam num campo emocional, do plano mental, do plano elétrico. Tudo isso nada mais é que campos de energia vibrando em velocidades diversas, todos se interpenetrando e se concentrando em focos infinitesimais que, para os nossos sentidos grosseiros, aparecem como a carne “sólida” de que somos compostos. O assim-chamado materialismo científico nunca existiu. Não há diferença entre a matéria e a energia, e aquilo a que chamamos “morte” é apenas uma modificação do infinito oceano da vida.

Nesse aspecto invisível das coisas (invisíveis para os nossos sentidos), por enquanto difícil de pesquisar até para os nossos mais preciosos instrumentos científicos, ocorrem continuamente fenômenos de que não nos tornamos imediatamente conscientes, mas que no entanto podem produzir ecos naquilo que convencionamos chamar de “matéria”. Há seres compostos de energia mais sutil que aquela que impressiona as nossas mentes através dos sentidos físicos: seres que deslizam numa gama vibratória tal como peixes nadam no oceano. Há, também, homens e mulheres cujas mentes foram especialmente treinadas, ou que possuem de nascença uma aptidão especial para entrar

nesse oceano invisível de energia de uma maneira análoga àquela em que um mergulhador imita os peixes no mar físico. E há também ocasiões em que, assim como no mar físico um maremoto ocorre, ou um dique sobrecarregado arrebenta, as energias sutis invadem nossa consciência e impregnam, inundam nossas vidas.

Normalmente, isto não acontece. A nossa própria incapacidade de perceber essas forças sutis nos protege contra elas; mas a proporção de seres humanos sensíveis a elas está aumentando, e continuará aumentando durante o Novo Æon – um dos motivos por que este livro se faz necessário.

Há quatro condições principais sob as quais o véu que nos separa do Invisível pode ser rompido involuntariamente.

Primeiro, há lugares na superfície da terra em que as forças astrais se concentram em massa. (Isto é, na maior parte das vezes, o resultado de uma combinação accidental entre certas estruturas geológicas e certas correntes do magnetismo terrestre; mas com igual freqüência, tais locais utilizados, precisam, em virtude dessas características, como templos diversos, e as vezes sucessivas religiões, e isto resulta em um desses Portais raros, mas essencialmente naturais, entre o mundo material e o Invisível.)

Segundo, podemos entrar em contato accidental com pessoas que estão, conscientes ou inconscientemente, lidando com essas forças. Esta, aliás, é a forma mais comum de “ataque” oculto: a que tem origem na ignorância ou na imprudência dos nossos semelhantes. Raramente tais situações são propositais, raramente a agressão é deliberada. Um carro pode derrapar e matar um transeunte: seria injusto chamar o motorista de assassino. Podemos dar a mão a uma pessoa, e nesse instante mesmo a pessoa pode tocar, acidentalmente, num fio elétrico exposto: será justo acusarmos essa pessoa do choque que através dela recebemos? É necessário sempre que evitemos automaticamente suspeitar de malignidade deliberada atrás de um “ataque” astral: a pessoa de quem a agressão parece emanar pode não tê-la originado; a agressão pode ser o produto de um infeliz acaso. Por esta e outras razões (que exporemos mais tarde), não devemos jamais reagir a um ataque oculto com outro

ataque: só é possível controlar uma força eficientemente se nos elevarmos acima do plano em que ela se manifesta.

Terceiro, nosso interesse em fenômenos ocultos pode nos levar a situações imprevistas em que nos tornamos, nós mesmos, o tipo de pessoa que mencionamos no parágrafo anterior (isto, aliás, é uma consequência inevitável do caminho iniciático!). Outro dos motivos porque escrevemos este livro foi para prover os inexperientes com alguns dados elementares de segurança. Se entrarmos em contato com forças sutis sem respeitar as leis que regem a sua ação, o resultado poderá ser desastroso, no senso em que desrespeitar qualquer fenômeno natural pode ser desastroso, sem que em si mesmas, as forças de que nos tornamos vítimas estivessem procurando atacar. Por exemplo: se invadirmos o território de um leão selvagem sem tomarmos as precauções necessárias, é bem possível que o animal nos ataque e nos destrua; mas não será justo dizermos que o leão nos odeia pessoalmente, e que deseja prejudicar-nos. Afinal de contas, não é ele o invasor, somos nós.

Finalmente, há certas condições patológicas do corpo humano que produzem um enfraquecimento do véu que normalmente nos separa do Invisível, com o resultado de que as forças sutis invadem o nosso sistema nervoso.

Qualquer que seja a origem de um “ataque” oculto, um sentimento de medo sem causa consciente, e uma sensação de opressão e peso emocional ou moral são freqüentemente os primeiros sintomas. A medida que a situação progride, começa-se a sentir exaustão nervosa. Em certos casos, os tecidos corporais gradualmente se desgastam até que a pessoa se torna praticamente pele e osso, e jaz de cama o tempo todo, sentido-se demasiadamente fraca para se mover. Esta última fase é, felizmente, muito rara. Caso medidas apropriadas não sejam tomadas, a deterioração progride até a morte física. Quase sempre o ataque é perpetrado por um vampiro. Citaremos exemplos mais adiante, e descreveremos métodos de defesa.

Mas comumente, esgotamento nervoso e perturbações mentais são os efeitos de um ataque mágicko. A vítima tem pesadelos de que não se recorda ao acordar, mas que a deixa com receio de dormir. Às vezes, a perturbação nos planos sutis se reflete de formas especiais no corpo físico. Um investigador conta

ter visto a marca de um casco de animal, como se a pessoa tivesse levado um coice violento; outras arranhões profundos marcados sob a epiderme, sem quebrar a superfície cutânea, parecendo como se a vítima tivesse estado nas garras de um gato gigantesco. Tais marcas passam pelos estágios normais das equimoses, e vão esmaecendo até se apagarem ao fim de alguns dias.

Odores desagradáveis, sem qualquer origem física perceptível, são também um possível sintoma de ataque oculto. O cheiro mais descrito é o de carne podre, que vem e vai de supetão, mas enquanto se manifesta, não há dúvida quanto à sua presença: qualquer pessoa, seja sensível ou não, pode sentir o fedor.

Deveria ser desnecessário insistir que a possibilidade de alguma explicação de ordem puramente material deve ser cuidadosamente pesquisada antes de atribuirmos tais ocorrências ao Invisível, e isto mesmo quando os elementos aparentemente sobrenaturais do fenômeno parecerem mais evidentes. Por exemplo: um aspirante de nosso conhecimento telefonou-nos um dia, assustadíssimo, anunciando que estava sob ataque. Corremos à sua casa, onde efetivamente se notava, na sala de estar, um desagradável cheiro de carne podre. Mas abrindo um sofá-cama, demos com o cadáver de um camundongo que tendo ingerido veneno que a dona da casa botara num buraco, ali se refugiaram para morrer.

Devemos também sempre manter em mente a possibilidade de uma fraude deliberada, mesmo onde isto parecer impossível. A ciência do ilusionismo, por exemplo, está tão aperfeiçoada em nossa época que pode produzir a aparência dos mais espantosos milagres. A multiplicidade de Charlatões é tamanha que investigadores sérios, principalmente quando se tem treino científico, tendem a só considerar fenômenos parapsicológicos legítimos os que são obtidos sob condições de rígido controle, e na presença de um ilusionista profissional. Recentemente, um charlatão internacional se exibiu na televisão brasileira, alegando ser capaz de entortar objetos de metal e influenciar o funcionamento de relógios à distância. Pouca gente sabe que esse indivíduo (que iniciou sua carreira como ilusionista, de parceria com outro rapaz que ainda o acompanha até hoje, e auxilia as

suas manipulações dos bastidores) foi condenado em seu país natal por tentar empregar a prestidigitação para se passar por vidente e taumaturgo, e recusa sempre a efetuar seus “fenômenos miraculosos” na presença de mágicos profissionais. Ele tem sido desmascarado pela comunidade internacional de ilusionistas onde quer que alardeie seus poderes.

Recentemente um pesquisador escreveu, uma publicação científica de fama internacional, que quando querem que ele controle um caso de campainhas de portas que tocam sem causa aparente, batidas misteriosas, queda inexplicável de água, óleo ou sangue dos tetos das salas, e outros fenômenos aparentemente psíquicos, ele sai logo em busca de uma empregada ou pessoa da casa que exiba sintomas de histeria. Padres católicos romanos, quando se encontram na presença de “possessos do diabo”, fariam bem em ponderar as restrições antinaturais que são impostas pela religião “cristã” e seus infelizes seguidores. Mas, como todo mundo sabe, sem o “diabo” não haveria o “cristo”, e possessos do diabo católico romano, como veremos adiante, só aparecem para alardear a teologia do romanismo.

Iniciados não tem qualquer interesse em “provar” a existência do Invisível: eles não seriam iniciados se não tivessem tido experiência pessoal da existência dos planos sutis, e daquelas partes da consciência humana que são da mesma gama vibratória que essas esferas de energia que a ciência oficial está começando finalmente a estudar. Nós sabemos que o Invisível existe. Portanto, quando um caso de extrusão indevida das forças sutis no mundo material nos é anunciado, nós procuramos investigar a situação com a maior objetividade possível. A solução de um pretenso caso de ataque mágico não deve ser procurada em nossos preconceitos, e sim na evidência disponível. O primeiro passo, em todo caso, é chamar o médico ou o psiquiatra em nosso auxílio. Se os fenômenos não podem ser curados em termos de doenças do sistema nervoso ou glandular, ou explicados em termos de repressão anormal dos instintos naturais do animal humano, então é tempo de considerarmos a nossa experiência e aplicarmos os nossos testes especializados. É claro que há mais no homem que apenas corpo e mente. Somos seres espirituais manifestados sobre este plano, e corpo e mente são

apenas as vestimentas de um viajador que atravessa uma terra estranha.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DA NATUREZA DE UM ATAQUE OCULTO

Quando um ataque oculto é deliberado, sua forma mais comum é uma combinação de telepatia com sugestão. Antes de entrar em mais detalhes quanto ao mecanismo deste tipo de ataque, daremos um exemplo concreto.

Uma colega nossa, faz alguns anos, recém-saída da universidade, foi convidada a ocupar o cargo de diretora num estabelecimento de ensino no interior no país. Seu subordinado imediato era um homem alto, magro, moreno, extremamente católico, mas que pertencia a uma organização de origem holandesa chamada “Lectorium Rosicrucianum” e freqüentemente se referia, veladamente, aos conhecimentos “ocultos” que obtivera através dessa organização.³ Este indivíduo, conforme foi verificado mais tarde, sentia-se preterido pela nomeação de nossa colega para o cargo de diretora, que ele ambicionava. Tinha como hábito controlar a equipe de professores pelo seu poder mental, e vários casos estranhos de esgotamento nervoso faziam parte do histórico do colégio desde que ele fora empregado. Entre estes casos estava incluída a antecessora de nossa colega, que se demitira do cargo por “motivos de saúde”.

Nossa colega, nessa época, ainda não estava interessada em ocultismo: de fato, suas experiências com esse senhor levaram-na ao estudo do assunto. Ela era extremamente jovem, inexperiente e sensível; o único motivo por que a posição de diretora lhe havia sido oferecida fora sua brilhante carreira universitária. Embora admirando a eficiência do seu subordinado imediato, que se oferecera para cuidar de todos os detalhes administrativos, “poupando trabalho à chefe”, como ele dizia, ela sentia uma antipatia instintiva por ele. Esta antipatia se acentuava quando ele se referia a sua ligação com o tal “Lectorium Rosacrucianum”. Nossa colega procurava controlar essa repugnância, mas sentia

³ O “Lectorium Rosicrucianum” aparenta saguaro a linha teológica progressista de um grupo de padres Jesuítas holandeses que foi responsável por uma recente “modernização” do catecismo romano, muito influenciado pelas críticas fulminantes de “carta a um Maçom”. É claro que essa Ordem não tem qualquer ligação com os antigos “rosa-cruzes”. Cujas primeira regra era que ninguém jamais usasse publicamente o nome de sua Sociedade, nem admitisse ser membro.

que seu assistente, de alguma maneira inexplicável, estava cômico dela. Na época, além do mais, nossa colega já tinha uma atitude positiva e científica para com assuntos religiosos, e se considerava uma agnóstica. O fato de que ela não ia à missa aos domingos, numa cidade pequena e extremamente católica, foi o primeiro (conforme ela só veio a saber muito mais tarde) a ser utilizado contra ela pelo seu “ajudante”, que escreveu longas cartas aos proprietários do colégio insinuando que ela, por sua atitude, estava antagonizando os pais dos alunos para com a instituição.

Em seu segundo mês de gestão nossa colega teve o primeiro atrito sério com o seu lugar-tenente. Ele, um homem extremamente colérico e que não tolerava a mínima desobediência às suas ordens, fosse por que motivo, despedira uma faxineira sem aviso prévio e sem indenização. A mulher veio queixar-se à diretora, e nossa colega levou o caso à atenção de seu subordinado, apontando-lhe, bastante gentilmente aliás, que só ela tinha autoridade para despedir empregados da instituição.

Em vez de admitir este fato incontestável, o homem replicou que ela sabia perfeitamente que a faxineira era desonesta e displicente no serviço. Em seguida, fixando-a profundamente nos olhos, citou-lhe repetidamente as falhas da faxineira, em voz clara e firme. “Isto, e isto, e isto aconteceu. Você sabe que aconteceu. Você sabe que ela fez isto.”

Felizmente para a faxineira, já nessa época nossa colega tinha hábito de manter diário em que anotava cuidadosamente as ocorrências no colégio. Não fosse isto, segundo seu próprio testemunho ela teria acreditado nas acusações, pois acabou fugindo de sua própria sala e da presença do acusador, sentindo-se tão atordoada e exausta que foi direto para seu quarto e dormiu até a manhã seguinte. Diz ela que dormiu mais de dez horas sem acordar. De manhã consultou seu diário, viu que as acusações do seu auxiliar não eram cabíveis e mandou chamar a faxineira.

A bem, da disciplina, disse-lhe, eu não quero contrariar a decisão do meu colega. Mas eu sei que as acusações dele são injustas. Você terá sua indenização, e uma carta de recomendações de meu próprio punho.

Este foi seu primeiro erro . Ao concordar em dispensar a faxineira injustamente, estava se submetendo à vontade mágica perversa do seu subordinado. Mas como já dissemos, ela era jovem e inexperiente. Poucos dias depois o “assistente”, encorajado por esta primeira vitória, voltou a carga. Ele se desentendera com um dos professores mais conceituados do estabelecimento, a quem dera uma “ordem” e que reagira energicamente, dizendo-lhe que era um profissional e não um escravo, e que não recebia ordens dadas nesse tom de ninguém, nem mesmo da diretora...

O método de ação do subordinado foi exatamente o mesmo. Ele foi ao gabinete de nossa colega e exigiu que ela despedisse o professor. Em voz clara e firme, e com os olhos fixados nos de sua superiora, fez-lhe afirmações calmas e repetidas. Nossa colega contou-nos mais tarde que, para sua intensa surpresa, ela se percebeu concordando em voz alta com seu assistente quanto a uma série de gravíssimas acusações contra o professor. A mesma exaustão nervosa e o mesmo cansaço se apossaram dela, e eventualmente ela concordou apressadamente em despedir um homem inocente e retirou-se da sala, alegando uma forte dor de cabeça. Mas desta vez, ao sair da sala, ela sentiu pela primeira vez na vida uma sensação estranhíssima: ao caminhar, era como se seus pés e suas palavras, não estivessem no lugar onde deveriam estar”⁴. Chegando ao seu quarto, nossa colega novamente caiu num sono profundo que durou até a manhã seguinte. Ao acordar, ela se sentiu profundamente envergonhada de seu procedimento na noite anterior. Consultou mais uma vez, seu diário, e verificou que todas as acusações que seu assistente fizera contra o professor eram totalmente infundadas. No entanto, ela havia concordado com todas após cinco minutos de repetições! Pode-se imaginar a sua confusão. Ela não conseguia entender como fora capaz de concordar com tanta calúnia, mas sentia instintivamente que seu assistente era responsável pela sua fraqueza. Podemos imaginar sua revolta. Ela se vestiu, foi

⁴ A sensação é semelhante àquela produzida quando pisamos num tapete muito espesso mal ajustado ao assoalho, e se ocorre os pés estão tocando uma superfície firme indica que o corpo elétrico, que é o invólucro imediato do corpo físico, está em defasagem com este.

para a sua sala e mandou chamar o assistente. Assim que este entrou na sala ela lhe disse:

- Senhor N., eu estive revendo o caso que o senhor me apresentou ontem à noite. As suas acusações eram completamente sem fundamento. É a Segunda vez que o senhor faz isso, e se houver uma terceira eu serei forçada a pedir sua demissão.

O homem alto, magro, moreno, de olhos penetrantes, absolutamente não se perturbou. Olhando fixamente a moça, quinze anos mais jovem que ele, disse-lhe com voz firme e serena:

- Quem vai pedir demissão é você. Antes de sair deste escritório você vai admitir que é incompetente e que não tem confiança em si mesma.

Ora, muito poderia ser dito contra a competência de nossa colega, que mal atingira a maioridade, e estava ainda em seu primeiro emprego; mas autoconfiança é coisa que, podemos testemunhar, nunca lhe faltou. Ela respondeu imediatamente que se N. tinha dúvidas quanto à sua capacidade para o cargo poderia expressá-las por escrito diretamente aos proprietários do colégio, quando ela teria prazer em responder as acusações, e apresentar algumas por sua vez..

Em vez de replicar ou discutir, o homem olhou-a fixamente nos olhos e repetiu, em voz clara e firme:

- Você é incompetente, e você sabe disso. Você não tem confiança em si mesma, e você vai admitir que não tem.

- Isso não é verdade – nossa colega protestou -. Eu faço bem o meu trabalho, e o senhor sabe que o faço bem.

Este foi o segundo erro que ela cometeu. Se tivesse mais experiência da vida, ou um módico treino oculto, teria se retirado imediatamente. Em vez disto, ela ficou e procurou dialogar com o oponente. Este meramente repetiu suas duas frases anteriores, e continuou repetindo-as como uma ladainha. Nossa colega entrara em seu escritório às dez horas da manhã; saiu às três da tarde. Durante este intervalo de tempo, segundo ela, o homem repetiu seu mantra venenoso várias vezes⁵.

⁵ Para poder fazer isto durante tantas horas numa discussão contra outra pessoa é necessário um alto grau de treino em concentração e uma vasta reserva de energia nervoso. Como pessoa humana, o assistente era um exemplo

Ela entrara uma jovem alerta cheia de saúde; saiu em total estado de confusão mental e esgotamento físico, e esteve doente durante mais de uma ano.

Longe de não ter autoconfiança, seu problema é que tinha autoconfiança demais. A pessoa que é autoconfiante ao ponto de se achar capaz de enfrentar um gorila desarmada é mais que autoconfiante, é temerária. A força mental do ambicioso assistente estava para a força mental de nossa pobre amiga, como a força de um gorila está para o ser humano. Ela sentiu, instintivamente, que se admitisse ser incompetente e indecisa nunca mais faria algo de valor na vida mas ignorava totalmente a técnica para se defender contra este tipo de ataque, a qual consiste simplesmente em não lhe dar atenção. Ao discutir e argumentar com seu adversário, ela estava inconscientemente admitindo que dava valor a sua opinião, e afirmando a existência de lealdade intelectual entre os dois. Este segundo erro agravou a vulnerabilidade estabelecida pelo primeiro, e antes que ela percebesse o que estava acontecendo já estava fascinada. Gradualmente, tudo em volta dela foi se tornando irreal, como em um sonho. Sua faculdade de visão pareceu se tornar cada vez mais estreita, até que somente o rosto moreno e magro e os olhos penetrantes do seu atacante eram visíveis. Novamente ela sentiu que seus pés não estavam tocando o chão na extremidade de suas pernas, e sim mais abaixo.

Neste momento, um fenômeno curioso ocorreu. Ela ouviu distintamente uma voz interna cobrir a voz do adversário e dizer-lhe:

- Finja que está derrotada. Então ele relaxará o ataque e você poderá escapar⁶

Nossa Colega seguiu imediatamente o conselho. Diz ela que pediu humildemente perdão ao seu subordinado por tudo que já tinha feito na vida e por tudo que ainda poderia fazer. Isto, por si

paupérrimo; mas como hipnotista, era notável. A diferença entre um verdadeiro e um falso iniciado é freqüentemente apenas uma questão de desenvolvimento do Corpo Moral, chamado Buddhi-Manas pelos Hindus e de Neschamah pelos Qabalistas.

⁶ Nossa colega, embora ignorando este fato na época, estava ligada ao trabalho iniciático há várias encarnações. A voz era de um dos Vigilantes Invisíveis, cuja atenção fora atraída pela tentativa de destruir a mente de uma aspirante à Hierarquia.

só, como explicaremos mais tarde, não era muito grave; mas na sua inexperiência e estado de fraqueza ela cometeu um terceiro e sério erro: ao pedir perdão, ajoelhou-se diante do atacante.⁷

Este interrompeu finalmente a sugestão hipnótica, acariciou-lhe a cabeça e “perdoou-a”, muito satisfeito com seu trabalho.

Nossa colega voltou ao seu quarto e atirou-se ao leito vestida mesmo. Sua mente estava num estado de completo atordoamento. Várias horas mais tarde uma professora, estranhando sua ausência à mesa de jantar, veio ao seu quarto e tentou reanimá-la. Mas ela continuava atordoada, e recusou-se a descer ao refeitório. Trouxeram-lhe comida no quarto, mas ela não comeu. Vários colegas vieram visitá-la, mas o seu assistente não apareceu, embora tivesse sido avisado do seu estado.

Esta situação continuou durante três dias, ao fim dos quais a família, que havia sido prevenida pelo professor que ela defendera, compareceu ao colégio. Seus pais perguntaram-lhe o que tinha acontecido, mas nossa colega não soube explicar; sua mente estava em branco. Qualquer memória de sessão com seu subordinado tinha desaparecido completamente.⁸

Tudo que ela sabia é que sentia medo: um medo constante e sem motivo aparente. Não era medo de alguma coisa ou pessoa em particular, mas não era menos terrível por isto. Ela jazia na cama com os sintomas físicos de medo intenso, a boca seca, as palmas das mãos suando, o coração batendo e a respiração acelerada e rasa.

A família, é claro, ficou imensamente intrigada, mas como não podiam descobrir os motivos da situação da moça foi forçada a atribuir os sintomas a um esgotamento nervoso. Ela foi desligada do estabelecimento por motivos de saúde, e o assistente foi colocado em seu lugar.⁹

⁷ Esta posição mística nunca deve ser utilizada a não ser dentro de um círculo mágico, e em condições essencialíssimas.

⁸ Esta perda de memória de acontecimentos que atacam a integridade do ego é um mecanismo de defesa interno, e bastante comum em casos de traumatismo psíquico.

⁹ Este homem ainda ocupa o cargo, muito apreciado pelos proprietários pela disciplina e economia com que o colégio é dirigido. A qualidade do ensino decaiu no estabelecimento, pois só professores de personalidade fraca e pouco preparado se resignam a trabalhar lá; mas isto não afeta os donos, a quem só os lucros obtidos interessam, nem preocupa à maioria dos pais daquela cidade, pois a linha

A conselho do médico da família, ela foi levada para a fazenda de um parente no campo, para repousar e se recuperar.

Mas a recuperação foi lenta. A intensidade dos sintomas de medo diminui, mas ela continuava a se fatigar com facilidade fora do normal, como se tivesse sido privada de sua vitalidade natural, e estava completamente apática e sem iniciativa.

Após seis meses na fazenda ela recebeu a visita de uma amiga de infância, estudante de ocultismo. Esta, percebendo a natureza do seu estado, submeteu-a a um interrogatório cauteloso mas persistente. Pouco a pouco as circunstâncias esquecidas afloraram à sua consciência. Foi uma experiência extremamente penosa para ela: de fato, a lembrança do ataque produziu um choque emocional quase tão grande quanto o ataque mesmo. Mas finalmente ela conseguiu se livrar da sensação de medo que a acompanhava durante meio ano. Seu estado físico, entretanto, só progressivamente melhorou, e ela levou mais seis meses para se recuperar. O médico da família havia receitado calmantes: estes são muito prejudiciais em casos de depressão nervosa produzida por ataques nos planos sutis, pois incrementam a letargia do corpo Etérico. A amiga, que era uma Probacionista da A.:A.:, consultou seu superior imediato, e foi aconselhada que a doente tomasse regularmente altas doses de vitaminas que fortificam o sistema nervoso, e a se esforçar por exercitar-se fisicamente com moderação mais com persistência. Ela começou com passeios a pé, cada vez mais longos; daí passou a natação e a equitação. Em seis meses voltara ao normal.

Uma explicação completa do mecanismo do ataque lhe foi dada, e isto ajudou muito a sua recuperação: foi um imenso alívio para ela saber que algo real, concreto, e até corriqueiro (para iniciados!) lhe acontecera. Um de seus piores receios fora o de que tinha tudo sido produto de sua imaginação, e que estava ficando louca.

Tendo voltado ao normal, ela se afiliou a nossa Ordem, onde seu progresso tem sido bastante rápido. Sua experiência de ataques ocultos tem-lhe proporcionado inúmeras oportunidades de socorrer pessoas em situações análogas, e vários dos casos

moral adotada é a linha oficial do presente regime: um catolicismo romano escrupulosamente ortodoxo e intransigente.

relatados neste volume provêm dos seus registros de trabalho mágicko.

O processo de ataque contra essa moça foi sugestão, pura e simples. Mas sugestão emitida com tal concentração da vontade que seu impacto no sistema nervoso da vítima foi imediato e duradouro. Não há evidência de que o criminoso tenha tentado reforçar a sugestão à distância, em cujo caso haveria telepatia. É muito provável que a nossa colega tivesse se recuperado mais rapidamente do ataque, se não tivesse se ajoelhado diante do atacante: esta postura mágicka está relacionada no inconsciente coletivo com a idéia de submissão há milênios.

A sugestão mágicka, seja dirigida a nós mesmos, seja dirigida a outras pessoas, funciona melhor visual e muscularmente, que verbalmente. Os centros celebrais da visão humana estão intimamente ligados aos movimentos, e muito mais desenvolvidos que os centros da linguagem. Não é eficiente dar ordens verbais ao nosso subconsciente, a não ser que sejamos, como a moça que acabamos de mencionar, pessoa de um certo nível cultural, acostumadas a verbalizar nossas reações. Para a pessoa média, dizer “Faça isto”, ou “Faça aquilo” é muito menos produtivo do que visualizar a situação que resulta de fazermos o que é desejado que façamos.

Por exemplo, suponhamos que um rapaz tímido deseje dizer galanteio a uma moça bonita e tenha receio de perder a fala na hora; se ele se visualizar gago, suando frio, e repetir a si mesmo mentalmente “Não faça isso”, ou “Seja auto confiante”, de pouco adiantará, pois a imagem visual impressionará a mente subconsciente com muito mais força que a verbalização. Na maior parte das pessoas, a mente subconsciente absorverá a impressão de não agir assim. Seria muito mais eficiente para o rapaz visualizar-se aproximando-se da moça sorrindo e confiante, e falando-lhe com voz clara e uma atitude positiva. De fato, não é preciso sequer dizer “Faça isso” mentalmente, embora assim fazendo reforçaremos, é claro, o processo inteiro.

Este fato psicológico é bem conhecido hoje em dia por especialistas em propaganda, que tomam o máximo cuidado com os detalhes visuais dos seus anúncios, quer em cartazes, na

televisão, ou no cinema; e foi no passado utilizado por diversos cultos religiosos na execução de dramas ou “mistérios” litúrgicos.

A auto-sugestão faz parte do treino mágicko, mas ela só se torna realmente eficiente se for executada simultaneamente em ação, palavra e pensamento, e isto com persistência e tranqüilidade de espírito. Devemos além do mais, selecionar com cuidado onde e como aplicar a sua força. Por exemplo, é ineficiente buscarmos nos livrar de maus hábitos através de sugestões negativas. “Não faça isso”, ou “Não seja assim”, visualizando ao mesmo tempo o que fazemos de errado. É muito melhor utilizar sugestões positivas que cancelem o mau hábito ao estabelecerem em nossa psiquê o hábito contrário. Suponhamos que somos preguiçosos e não gostamos de ler: devemos procurar criar imagens mentais de nós mesmos que sejam alertas, ativas, aplicadas e estudiosas. Não precisamos ocupar demasiado de nosso tempo em tais imagens, basta reservarmos alguns minutos diários para elas; mas será de grande auxílio se executarmos nossas visualizações todo dia à mesma hora, não importa qual seja. O nosso ser instintivo é uma criatura de hábitos. De pingo em pingo enchemos uma piscina; ou havendo tempo suficiente um oceano. Também, faz parte da experiência das pessoas que manipulam suas mentes que, quanto mais tempo levar para um hábito novo se formar em nós, maior será sua permanência. Não nos apressamos, portanto; no aperfeiçoamento de nosso próprio caráter, pelo menos, a pressa é inimiga da perfeição.¹⁰

Os mesmos métodos que são eficientes na criação de bons hábitos são eficientes na criação de maus hábitos, seja em nós mesmos, seja em outra pessoa. Já que vivemos, todos nós dentro dos mesmos diversos planos de energia, em cada um dos quais temos um veículo construído da própria substância daquele plano, **[nota]** podemos, por treino ou acidente, estabelecer contato telepático com uma pessoa que desejamos influenciar. Isto é relativamente mais fácil se estamos em contato constante com essa pessoa; se não estamos é de grande auxílio possuímos um elo biomagnético de algum tipo que nos permita nos sintonizarmos com ela.

¹⁰ É o consenso das mais diversas escolas iniciáticas que o tempo mínimo que levamos para estabelecer um hábito novo em nossa psiquê é uma estação solar, ou três meses.

[Nota] Ultimamente é possível que seja tudo um só veículo, manifestando-se em uma série de gamas vibratórias, ou pelo menos uma tal possibilidade é sugerida pela idéia de continuum, pelas equações de Einstein, e principalmente por CCXX I: 26.

Na maioria dos casos, sugestões feitas por este processo não são reconhecidas como vindo de outra pessoa, mas são aceitas pela vítima como se originadas em sua própria psique, a não ser que se trate de um ocultista treinado, com experiência em introspecção e em controle de seus próprios veículos. Um enfeitiçador hábil procura fazer com que suas sugestões se harmonizem com as tendências naturais da pessoa atacada. Uma vez que as sementes de pensamentos tenham fincado raiz em solo fértil, elas se desenvolverão até que eventualmente a planta subirá acima do nível do subconsciente e crescerá na mente consciente. Supondo que queremos arruinar uma pessoa, e sabemos ser aquela pessoa extremamente orgulhosa por natureza: Ora, procuramos exacerbar o seu orgulho ao ponto em que ela agirá como uma megalomaníaca, alheando de si amigos, antagonizando conhecidos, provocando inimigos: a pessoa aparecerá causar sua própria ruína, e ao cair em si não compreenderá como foi estúpida a ponto de arruinar a si mesma.

Deveria ser desnecessário comentar aqui que verdadeiros iniciados, e iniciados Thelêmicos em particular, não utilizam jamais tais processos para influenciar outras pessoas, quer seja para o “Bem” ou para o “Mal”. O método Thelêmico de influenciar a conduta alheia consiste em mostrar, uma determinada situação, todas as alternativas possíveis à consciência dos outros, e então esperar que eles mesmos escolham a alternativa que desejarem. Frequentemente, essa alternativa difere de qualquer daquelas que lhes havíamos sugerido: como pode um homem abarcar o universo de seu próximo?

“Assim, com teu tudo: tu não tens direito a não fazer a tua vontade. Faze aquilo, e nenhum outro dirá não”.

É este exatamente o processo que deve ser utilizado na educação de crianças. Não devemos tentar influenciá-las na direção dos nossos preconceitos; como podemos saber se elas não trazem, dentro da estrela interna, uma solução muito superior para os problemas que julgamos ter resolvido satisfatoriamente?

E não devemos jamais impedi-las de tomar consciência de todos os fatores da vida, com o pretexto de que não tem idade suficiente; como sabemos se não são mais sábias na infância do nós seremos em nossa velhice?

Toda curiosidade espontânea de ser encorajada; toda pergunta feita de modo-próprio deve ser lealmente respondida com a máxima objetividade e franqueza de que formos capazes; e toda interferência nas escolhas e interesses da criança, por mais evidentemente “bem-intencionadas” que seja, deve ser evitada.

Recordo-me que certa vez, na praia, quando um garotinho de uns dez meses de idade, tentando andar na areia, caía continuamente; a mãe, solícita, toda vez se apressava a levantá-lo. Finalmente, exasperado, eu lhe disse:

- Minha senhora, deixe seu filho se levantar sozinho!

A senhora não quer que ele aprenda a andar?

A mulher bastante surpresa, deixou a criança em paz. Esta me olhou com ar de quem partilha de uma pilhéria, levantou-se de forma muito rebolada e bamboleante, e recomeçou a andar. Pouco adiante caiu de novo, mas levantou-se imediatamente, e assim continuou seu treino para existir eficientemente no nosso universo.

É claro que há situações em devemos restringir uma criança: deixá-la ingerir veneno, por exemplo, seria contra-senso; mas impedir que um adulto tome veneno conscientemente é contra-senso também.

Esta é a atitude Thelêmica. Procurar influenciar os outros para aquilo que consideramos o “bem” é a maior idiota das presunções de que somos capazes. Essencialmente, se estamos tentando impor nossos valores a nossos próximos, é fazer deles fantoches de nós mesmos. Esta conduta está perigosamente próxima do complexo espiritual dos “irmãos negros”.

Thelemitas só utilizam métodos de influência subliminal para se defenderem de ataques. Todo ser humano tem direito Irretoquível de proteger sua integridade. Se, às vezes, os atacantes persistirem a ponto de que a única solução é a dissolução dos seus veículos físicos, paciência. A morte também é um iniciação.

Mas normalmente isto não é necessário.

CAPÍTULO III

USO DO CORPO ASTRAL EM ATAQUES OCULTOS

A expressão “corpo astral” vem da idade média, e foi originalmente empregada pelo astrólogos da época, numa tentativa de explicar de que maneira a influência dos astros agia sobre a substância física. Segundo eles, o corpo físico mantinha dentro de si uma duplicata de matéria astral, isto é; de matéria sutil do mesmo tipo das influências irradiadas pela esfera celeste (da qual a Terra, naturalmente, era considerada o centro), e era através do impacto destas influências transmitido pelo corpo astral ao corpo mais grosseiro que os astros influenciavam a vida humana.

A astrologia caiu em descrédito durante o Século dezanove, que foi o século de grande avanço do pensamento materialista; mas o desenvolvimento da física e da química tem levado os cientistas modernos a aceitarem a possibilidade de radiações muito sutis serem transmitidas continuamente através do espaço sideral. As experiências com fotografia áurica, iniciadas pelos russos, indicam que todo corpo vivo está rodeado de uma aura de energia, de uma gama vibratória visível ao olho físico; e modernos biólogos começam a admitir a influência do movimento aparente do sol, e do movimento real da lua, sobre a vida na superfície do nosso planeta, inclusive a vida humana.

Os iniciados, entretanto, nunca tiveram dúvidas quanto à existência do “corpo astral”; apenas, eles vão mais além: o assim chamado corpo astral compõe-se de diversas estruturas, cada qual de uma determinada gama vibratória, e cada qual com uma determinada função. Os hindus, e principalmente os budistas, tem feito uma análise muito aprofundada dos veículos de que se compõe o “corpo astral” dos místicos medievais do ocidente.

Certas pessoas tem um “corpo astral” mais desenvolvido que o normal, seja devido ao treino deliberado, seja devido a herança genética, seja às influências magnéticas do local onde vivem ou das pessoas com as quais entram em contato. Por exemplo: iniciados treinados, principalmente se são de um alto grau, mas não de um grau suficientemente elevado para terem aniquilado o

Ego,¹¹ possuem personalidades intensamente magnéticas, perturbadoras para pessoas sensíveis que não estão acostumadas à presença de força psíquicas em estado de tensão. Em circunstâncias nas quais aspirantes já de certo desenvolvimento ampliam a consciência dos veículos internos mais facilmente, aqueles que não estão preparados podem ser extremamente perturbados pela vizinhança constante de um iniciado. Portanto, ocultistas avançados que, sem terem ainda alcançado total equilíbrio e aniquilação de seus poderes, permitem a profanos a entrada em seu círculos, e estão sendo imprudentes e até indiscretos; mas não podem, com justiça, serem acusados de abusarem de suas faculdades. Eles emanam força involuntariamente, devido à sua alta carga interna. Os iniciados de maior adiantamento¹² sempre vivem afastados da multidão, pois eles não apenas precisam de isolamento para seu trabalho, como sua influência produz uma reação psíquica violenta em profanos.

Faz algum tempo, aquela colega nossa a quem já nos referimos, tendo alcançado o trabalho correspondente ao Grau de Philosophus da A.:A.:, estabeleceu uma Abadia de Thelema num local que não especificaremos, onde seus discípulos imediatos podiam ir para retiros e treinos mágicko. Um de seus Neófitos, muito bem intencionado, tendo conhecido um homem que se dizia interessado em psiquismo, solicitou permissão para trazê-lo em sua companhia para uma visita. Como já dissemos antes, nossa colega é extremamente confiante, e consentiu na visita de um profano. As condições eram especiais, pois segundo o Neófito, seu conhecido estava a beira de um colapso nervoso, e talvez a atmosfera da Abadia o auxiliasse a se recuperar.

O profano era uma pessoa extremamente sensível, escrupulosamente limpa, e com uma acentuada repugnância por sujidade de qualquer tipo. Suas simpatias especiais em psiquismo eram teosofia e as obras de Max Heindel. Ele seguia uma dieta estritamente vegetariana e era extremamente meticuloso em seus hábitos. Sua obsessão pela limpeza pessoal e a de seu meio

¹¹ Um paradoxo aparente do trabalho iniciático é que nós começamos por nos fortificarmos e desenvolvermos ao máximo possível e terminamos por destruir o castelo fortificado que erigimos.

¹² De Dominis Liminis a Adeptus Minor principalmente.

ambiente, seu vegetarianismo, que ele declarava decorrer de uma profunda repugnância pela violência e pelo sangue, e seu incessante interesse por misticismo haviam impressionado o Neófito como sintomas de espiritualidade. Infelizmente, quando nossa colega consentiu na visita, ela ainda não sabia destas características do visitante, que teria reconhecido imediatamente como sintomas de um temperamento sadomasoquista extremamente reprimido.

Quando o visitante, a quem chamaremos de Sr. N., chegou à Abadia, ocorreu um curioso incidente. A Abadia possuía um jardineiro, o qual por sua vez possuía um cachorro, viralata extremamente amigável e pachorrento, cuja ocupação favorita além de coças as pulgas era dormir em frente ao portão. N., tendo saltado do taxi que o trouxera da estação, e pago o preço da viagem, agachou-se ao lado do animal para acariciá-lo.

O cachorro levantou-se de um pulo e saiu ganindo com o rabo entre as pernas para os fundos do quintal, de onde não saiu até a hora do almoço, para grande espanto de seu dono, que nunca vira o animal proceder assim. O Jardineiro declarou mais tarde que desde o primeiro dia desconfiara de N., por causa da reação do seu cão ao contato com o visitante.

Fora este incidente inicial, N. causou excelente impressão ao pessoal da Abadia, inclusive a nossa colega, a qual não estivera presente a sua chegada, e só soube do caso com o cachorro alguns dias depois.

Era um homem quieto, bem comportado, de palavras comedidas, inteligente e culto. Suas opiniões sobre ocultismo, em muitos pontos, diferiam radicalmente daquelas do pessoal da Abadia, mas não houve qualquer atrito durante o dia. O visitante declarou-se encantado com a Abadia e seus habitantes, e expressou desapontamento apenas pelo fato de que lhe haviam reservado um quarto separado: ele supusera que iria dormir no mesmo quarto que o Neófito responsável pela sua vinda. Nossa colega explicou-lhe delicadamente que o Neófito tinha que dormir sozinho, pois estava executando certas práticas que faziam parte de seu programa de treino, e N. pareceu ficar conformado com a explicação.

Naquela noite, o Neófito acordou de um profundo pesadelo, sentindo, como escreveu em seu diário, “um peso que lhe oprimia

o peito". Mesmo depois de acordar e levantar-se, parecia-lhe como se atmosfera do quarto estivesse impregnada de uma influência doentia. Ele executou os rituais de banição próprios do seu grau e voltou a adormecer sem mais incidentes.

Na manhã seguinte, entretanto, durante o café ele mencionou seu pesadelo, e para seu espanto os outros membros da comunidade declararam em peso que eles, também, haviam experimentado pesadelos durante a noite, com exceção de nossa colega. É claro que, nas circunstâncias, começaram a comparar o que havia acontecido com cada um. Os pesadelos tinham sido do mesmo tipo, inclusive a sensação de opressão no peito. No auge da discussão, N. que se havia retorcido irrequieto em sua cadeira desde o primeiro instante em que se mencionara pesadelos, protestou muito nervoso:

- Por favor, não falem dessas coisas tão mórbidas que eu fico com mal-estar!

Em deferência ao visitante, o assunto foi encerrado; mas nossa colega, para quem a paz da comunidade era muito importante, uma vez que estava sob sua responsabilidade, sentiu que a Abadia estava sob alguma forma de ataque; não era normal que todos seus estudantes tivessem tido o mesmo pesadelo, e isto na mesma noite. A única influência nova na casa era a de N., portanto, ela resolveu ficar de olho nele. Conforme ela comentou mais tarde, não lhe ocorrera ainda que os acontecimentos pudessem ser causados por ele; era simplesmente que a entrada de um profano representava uma quebra no círculo.¹³

Naquela noite, uma das Probacionistas da Abadia, sentindo um premonição, percorreu a casa inteira na hora de dormir, experimentando portas e janelas para ver se estavam bem trancadas. Ela encontrou-se com N. (que vinha do banheiro) num corredor, e este perguntou-lhe o que estava fazendo.

¹³ Explique-se: uma comunidade mágica está normalmente defendida, não só pelos rituais de banimento que são feitos diariamente, como também pelos rituais de invocação. A atmosfera psíquica atinge portanto um estado de alta tensão; a defasagem entre a vida anímica da comunidade e a gama vibratória normal fora da comunidade é muito grande. Nestas circunstâncias, uma influência discordante só pode manifestar vinda de fora se tiver algum foco de afinidade dentro do círculo. Esta é a origem da lenda de que um vampiro só pode penetrar numa casa com o consentimento de alguma pessoa que se encontra lá dentro.

- Estou com a impressão de que há uma influência hostil nos rondando – explicou a moça. –Um ladrão, ou alguma coisa assim.

N. deu uma risada.

- Sua bobinha! Não adianta trancar as vias de entrada, o perigo está dentro da casa. Vá para seu quarto e feche a sua porta à chave.

A Probacionista, entretanto, continuou seu trabalho de verificar se estava tudo bem fechado, e ao retirar-se para seu quarto não trancou a porta; isto era coisa que nunca fora necessário na Abadia, onde a privacidade de cada um era respeitada com o máximo de rigor. Apesar disso ela passou uma noite normal, não experimentando qualquer pesadelo.

O mesmo, entretanto, não ocorreu com o Neófito responsável pela vinda de N .. Por volta das duas da madrugada ele experimentou o mais terrível pesadelo que já tivera na sua vida, e acordou suando frio, como se alguém o estivesse forçando a se manter deitado, ou jazesse sobre ele. Ao sentar-se no leito ele viu distintamente a cabeça de N. flutuando no ar aos pés da cama, diminuindo rapidamente de tamanho, e arreganhando os dentes ferozmente como numa ânsia de mordê-lo. “ Foi a coisa mais maligna que já vi até hoje”, ele escreveu mais tarde em seu diário. Em vez de tentar pegar de novo no sono, ou de executar os rituais de banição, o Neófito sentiu-se tão abalado que saiu do quarto e foi bater a porta de sua superiora, nossa colega, que também estava experimentando uma noite inquieta, embora não tão desagradável, e acordou facilmente de seu sono. Ela ouviu com atenção o relato do Neófito e depois fez-lhe diversas perguntas pertinentes. Como resultado, o Neófito revelou que N. tinha recentemente lhe feito uma proposta homossexual, que fora polidamente recusada.

Entre Thelemitas, naturalmente, homossexualidade não é vergonha nem crime, apenas um ato de escolha pessoal. Nossa colega não ficou chocada pela revelação de que N. tinha tais apetites, mas a situação estava agora esclarecida.

- Vá dormir! Disse ela ao seu discípulo – e deixe isso comigo.

O Neófito voltou ao seu quarto, sentindo-se bastante aliviado. Nossa irmã esperou que ele fechasse a porta e traçou astralmente um pentagrama no centro do umbral, apontando para fora. Então

retirou-se aos seus aposentos, onde executou uma prolongada adivinhação pelo Taro.

O Neófito passou o resto da noite tranqüilo, com um profundo sono reparador.

Na manhã seguinte, o aspecto de N. à mesa de café era chocante: estava profundamente pálido, suas mãos e lábios tremiam continuamente. Nossa colega, observando-o, perguntou aos circunstantes como haviam passado a noite. Desta vez, constataram que as mulheres, embora com sono inquieto, não haviam tido nenhum pesadelo; mas dois rapazes declararam que haviam novamente experimentado uma sensação de peso e desconforto sobre o peito.

- Apenas sobre o peito – disse nossa colega, não sem malícia – ou também sobre alguma outra parte do corpo?

Neste momento N. levantou-se tão bruscamente que sua cadeira foi arremessada ao chão.

- Parem com isso! – ele gritou, puxando os cabelos. –Parem de me torturar!

Enquanto os circunstantes, com exceção de nossa colega, o contemplavam boquiabertos, ele ejaculou uma série de acusações frenéticas e disparatadas contra a companhia. Eles o estavam perseguindo e insinuando coisas sobre ele. Voltou-se para o Neófito responsável pela sua presença na Abadia e acusou-o de crueldade, frieza e zombaria. Finalmente debulhando-se em lágrimas, saiu correndo da sala e foi trancar-se em seu quarto.

A situação seria cômica se não fosse patética. Os circunstantes se entreolharam consternados. Uma das moças começou a rir, e parou tão subitamente quanto começara. Os olhos se voltaram para a cabeça da comunidade.

- N. está passando por uma Ordália iniciática – disse nossa colega. –Não se preocupem, deixem isso comigo.

Enquanto a congregação terminava o café da manhã com menos conversa e mais gravidade que de costume, nossa irmã foi a cozinha, encheu um vasilhame de água onde dissolveu um pouco de sabão, fez certos sinais e pronunciou certas palavras, e foi até o quarto ocupado por N., onde traçou no centro limiar da porta um pentagrama apontando para dentro.

Normalmente, com a passagem do sol acima ou abaixo do horizonte, a força magnética desses sinais se dissolve e é

necessário refazê-los. Mas a sensibilidade de N. era tal que ele não saiu do quarto até a manhã do dia seguinte, quando nossa irmã foi pessoalmente buscá-lo.

É desnecessário dizer que a comunidade dormiu tranqüilamente aquela noite, sem quaisquer incidentes.

Durante o dia seguinte nossa irmã teve uma longa conversa com N.. Este fora educado numa cidadezinha de Minas Gerais como rigoroso católico, sua família sendo fanaticamente religiosa. Na adolescência, havia sido mandado para um seminário, onde, como infelizmente é comum, fora condicionado a homossexualidade por um de seus receptores. Embora a família tivesse desejado que N. seguisse o sacerdócio católico romano, tal não aconteceu porque quando o rapaz tinha dezoito anos foi descoberto em flagrante com seu preceptor em atividade sexual. O preceptor, como acontece, acusou N. de tê-lo tentado e insistido na relação, e o infeliz seminarista foi forçado a sair do estabelecimento em desgraça.

Nossa colega, baseada em suas conversações com N. e na longa adivinhação pelo Taro, chegou as seguintes conclusões:

N. era um temperamento sensível e impressionável, que talvez não tivesse tido tendências ao homossexualismo de berço, mas fora condicionado a este tipo de atividade por um padre devasso. O choque de ser expulso do colégio o antagonizara com a Igreja Romana, pelo que ele se ligara ao tipo de misticismo emocional e elementar que mais se assemelha ao Romanismo, isto é a teosofia de Max Heindel, sem ser exatamente cristão. A atividade homossexual exacerba tendências ao sado-masiquismo e provoca um desenvolvimento anormal do corpo Etérico. Na atmosfera altamente carregada da Abadia, o corpo astral de N. se exteriorizara inconscientemente durante o sono, e procurara satisfazer seus apetites frustrados pela recusa do Neófito em ter relações com ele. Na primeira noite todos haviam sido atacados, com exceção de nossa colega, cuja aura era demasiadamente forte para ser afetada; mas na Segunda noite, tendo feito sua escolha magnética, o astral de N. atacara apenas homens mais jovens, começando pelo Neófito que o atraía.

Quando a situação foi explicada a N. por nossa colega, ele sentiu-se extremamente consternado por sua conduta. Nossa

colega tranqüilizou-o, apontando que ninguém é responsável por seus atos a não ser depois que se torna cômico deles.

N. ficou a Abadia durante mais uma semana, benquisto por todos; mas toda noite nossa colega tomou a precaução de selar o umbral da porta do visitante com o pentagrama traçado com água e sabão, apontando para dentro, a fim de impedir que o astral de N. se exteriorizasse durante o sono e saísse para “assombrar” o resto dos habitantes.¹⁴

O exemplo que acabamos de dar, trata-se de um ataque astral inconsciente. É preciso que as pessoas compreendam que cada um dos nossos “veículos” ou planos de consciência, se assim preferimos, tem seu próprio “quartel general” de controle, análogo ao cérebro físico. Ponderemos, por exemplo, a maneira como nossas funções fisiológicas são normalmente executadas sem qualquer necessidade de intervenção da mente consciente. O sistema nervoso reflexo se encarrega da manutenção da saúde física, deixando as faculdades volitivas conscientes livres para executarem outro tipo de trabalho. Pensemos, por exemplo, o que seria a nossa vida se tivéssemos de respirar conscientemente para viver! Este, aliás, é um fenômeno que às vezes ocorre na prática de Pranayama.

Há pessoas que tem um corpo astral extremamente desenvolvido, como resultado de herança genética, ou treino involuntário, ou treino deliberado. Se tais pessoas não mantêm o corpo astral sob controle, ele tenderá a divagar além do corpo físico, o que é bastante perigoso. Assim como no caso de N. seu corpo astral, estimulado pelas práticas homossexuais, depois dinamizado pela atmosfera magnética carregada da Abadia, exteriorizou-se para procurar satisfazer os apetites reprimidos de seu dono, pode acontecer que o corpo astral, divagando a esmo no astral, seja atacado, e até mesmo capturado, por uma influência hostil. Isto acontece freqüentemente com os praticantes do espiritismo, principalmente os Kardecistas, que não tomam a mínima precaução mágica para testar ou selecionar as

¹⁴ A finalidade do sabão era prover um fixador para o magnetismo: a água pura é excelente condutor, e por isso não acumula. Ela poderia ter usado sal, ou alguma outra substância; mas o sabão serve tanto quanto qualquer outra, e é mais barato. Como já dissemos, para que a proteção seja constante, é necessário renová-la após o pôr e nascer do sol, ocasiões em que a atmosfera magnética de qualquer local sofre radicais alterações.

influências às quais permitem acesso a seus veículos e a seus locais de trabalho e moradia. A aura de certos médiuns espíritos, em consequência, é um poço de imundície astral. O que é pior, sua influência malsã é infecciosa. Sentimentalismo piegas, negativismo emocional, receptividade mórbida são apenas alguns dos seus efeitos. Doenças nervosas, da pele, lesões do sistema muscular e da espinha dorsal, falta de concentração mental, tendência ao exagero, ou à mentira, e até ao roubo, são outros efeitos da mediunidade imprudente. As exceções são pouquíssimas. Homens e mulheres de um alto grau de verdadeira pureza pessoal e firmeza de caráter tem auras que inibem as entidades mais baixas, principalmente se eles selecionam cuidadosamente seus associados, como ocorre no candomblé legítimo. Mas infelizmente, tais casos são a exceção e não a regra.

Se a aura de um sensitivo faz parte de um corpo astral desenvolvido por herança genética,¹⁵ e a pessoa não exercita nem domina seu veículo sutil, este tenderá a divagar no astral e a freqüentar as correntes magnéticas com que adquiriu afinidade em existências anteriores. Em certos casos, o corpo astral pode estar mais desenvolvido que as faculdades volitivas do corpo físico na existência presente, e fenômenos semelhantes ao de dupla personalidade podem ocorrer. Do ponto de vista iniciático, isto é altamente indesejável, mas alguns médiuns e “psíquicos” se orgulham de uma tal situação.

Em certa ocasião, um indivíduo que desejava adquirir dominação psicológica sobre nós, declarou-nos que conversava freqüentemente com o nosso Ente Mágicko, o qual “lhe dava conselhos”.

- Talvez isso possa ocorrer, nós lhe replicamos, mas se meu Ente Mágicko, lhe disser para fazer coisas que contradigam o que eu lhe digo quando estou em meu corpo físico, você não estará falando com meu “Ente Mágicko” coisa nenhuma, e sim com algum elemental ou demônio tentando me personificar.

¹⁵ Usamos a expressão “herança genética” onde outros poderiam dizer “trabalho em encarnações passadas”. Não vem ao caso aqui qual das duas expressões descrevem melhor os fatos. Pois na prática o resultado é o mesmo. Não estamos interessados no problema, se é que é problema, da sobrevivência da alma. Estamos bastante interessados, porém, no que a “alma” faz em sua presente existência.

O cavalheiro em questão, vendo o tiro lhe saiu pela culatra, afastou-se de nós. Descobrimos mais tarde que se tratava de um hábil vigarista, especializado em explorar a megalomania de pseudo-místicos; usava um nome falso e já extorquira enormes quantias em dinheiro de diversas “sociedades ocultas” brasileiras.

A técnica desta particular vigarice baseia-se em que a maioria dos ocultistas não tem a mínima concepção do que é realmente o caminho Iniciático. Tais infelizes mais que depressa aceitam a idéia de que seus “Entes Mágickos” são capazes de aparecer a “seus discípulos” à sua revelia e sem seu conhecimento consciente. Aí, o “discípulo” começa a dizer ao “mestre” o que este supostamente lhe disse enquanto estava se manifestando magicamente. Antes que o “mestre” perceba, estará atacando as coisas que o “discípulo” lhe diz que ele disse nas “visões”. Desse momento em diante, o verdadeiro “mestre” é o “discípulo”.

O que deve ser claramente compreendido é que as faculdades humanas que representam a Individualidade, à Volição, e a Compreensão espirituais estão completamente acima de qualquer manifestação astral. Elas estão além do Abismo, e o corpo astral não existe além do Abismo.

Como diz *O Livro da Lei*, cap. I, 8-9:

O Khabs está no Khu, não o Khu no Khabs.

Adorai então o Khabs, e vede minha luz derramar-se sobre vós!

O Khabs é a “Estrela”, isto é, a centelha do Fogo Divino em cada ser humano, seja homem ou mulher. O Khu é o termo que os antigos egípcios usavam para descrever o Ente Mágicko do Iniciado. Este Ente Mágicko, que corresponde ao “Corpo de Glória” do místico cristão, consiste na purificação e harmonização de todos os veículos inferiores. É este Ente Mágicko que é dissolvido voluntariamente pelo Adepto Exempto ao cruzar o Abismo.

Identificando-se com o Khabs, o Iniciado ativa o Ajna Chakra, que corresponde a Hadit no sistema hindu. Como resultado, a Energia Cósmica se concentra no Sahasrara, que corresponde a Nuit, e a Luz das Estrelas se derrama sobre o Iniciado.

Até a etimologia dos termos hindus para os “éteres” mais sutis, Adhi e Anupadaka, se assemelha aos termos egípcios correspondentes, Had e Nu. Isto sugere que ambas as correntes

iniciáticas tiveram a mesma origem num passado mais longínquo, talvez na legendária Atlântida ou na legendária Mu

Isto é um assunto que só pode ser de interesse aos historiadores. O que nos concerne, na prática, é a absoluta necessidade de controlar o corpo astral, e mantê-lo sempre sob domínio daquelas faculdades em nós que representam a nossa Verdadeira Vontade.

Iniciados de corpo astral muito desenvolvido, mas de baixa ética, podem ser muito perigosos, não só para os profanos como para outros Iniciados. Os leitores não devem julgar que um corpo astral bem desenvolvido é sinal automático de alta espiritualidade; isto seria o equivalente de supor que um halterofilista de enormes músculos é necessariamente uma pessoa de elevados sentimentos e nobres intenções. Citaremos um caso bastante ilustrativo, da experiência de uma iniciada da antiga Aurora Dourada, atualmente reformulada como a Ordem Externa da A.:A.:.

No primeiro ano deste século, Aleister Crowley, que subira rapidamente nos Graus da Aurora Dourada, instituiu um exame mágico da Ordem e seus “chefes” e, tento chegado a conclusão de que a organização perdera seus laços com os planos espirituais destruiu-a ocultamente.¹⁶

Uma das poucas pessoas de valor que ainda estavam ligadas à Aurora Dourada na ocasião era Violet M. Firth, mais conhecida de ocultistas pelo seu pseudônimo de Dion Fortune. A Sra. Firth escreveu uma série de artigos para uma conceituada revista de ocultismo inglesa, descrevendo as manobras espúrias de falsos iniciados, mas sem se referir diretamente à Aurora Dourada, a qual era seu único contato com Magick e misticismo naquela época.

Infelizmente para a Sra. Firth, seu grau era muito abaixo do de Crowley, e ela começou a experimentar estranhas sensações de ameaça e de pressão oculta. A seguir, começou a ter experiências de clarividência involuntária. Isto era alarmante, pois iniciados treinados não tem experiências psíquicas involuntárias a não ser em circunstâncias muito fora do normal. Um médium kardecista

¹⁶ O iniciado que assim proceder, tem de assumir o Karma da organização destruída e criar, no plano físico, uma nova organização que preencha a lacuna deixada pela outra e não sofra dos vícios e defeitos dela.

pode se alegrar de ver subitamente a fisionomia de um “falecido” lhe aparecer à frente; um ocultista treinado interpretará o fenômeno como uma quebra naquela separação que sempre deve ser mantida entre os diversos planos de consciência. Como disse a própria Srs. Firth, ao relatar sua experiência: “No método pelo qual eu fui treinada somos ensinados a manter os diversos planos de consciência estritamente separados, e usamos uma técnica específica para abrir e fechar os portais. Em consequência, a gente raramente experimenta um psiquismo espontâneo: nossas visões se assemelham às de um cientista usando um microscópio para examinar materiais previamente escolhidos.”

As experiências anormais da Srs. Firth se avolumaram ao ponto em que, no seu estado normal de vigília, ela começou a ver faces demoníacas aparecerem e desaparecerem de relance, a qualquer momento, e quando ocupada com qualquer assunto. Neste ponto, ela já começara a suspeitar que estava sob ataque, e corretamente atribuiu o ataque à série de artigos que havia publicado denunciando abusos em fraternidades pseudo-ocultistas; mas ela não identificara ainda o atacante, e mais tarde escreveu: “Qual a minha surpresa, então, ao receber uma carta de uma pessoa que eu considera minha amiga, e pela qual eu sentia o máximo respeito, uma carta que não me deixou em qualquer dúvida quanto à fonte do ataque que eu estava sofrendo, e quanto àquilo que eu poderia esperar se continuasse a escrever meus artigos!”

A pessoa em questão, cujo nome a Sra. Firth não revelou em seu relato, era a esposa do pretense “chefe” da Aurora Dourada, denunciado por Crowley, o qual usava, indevidamente, o nome de “MacGregor Mathers” (mencionado em “Liber LXI”, A Lição de História, sob o Mote S.R.M.D.) Moina Mathers, irmã do filósofo francês Henri Bergson, tomara as dores do marido no conflito deste com Crowley. Tanto ela quanto Mathers pouco podiam fazer contra Crowley, um iniciado de grau muitíssimo mais elevado que o deles;¹⁷ mas o caso de Dion Fortune era outro. Como ela mesmo escreveu: “Posso dizer com toda mínima suspeita de que esta pessoa estava envolvida nos escândalos que eu estava

¹⁷ Embora Mathers se gabasse de ser Adeptus Major, e reclamasse igual dignidade para a esposa, ambos não haviam ultrapassado o Grau de Practicus, enquanto Crowley já era Dominus Liminis, mesmo antes de receber “Liber AL”

denunciando. Evidentemente eu tinha me metido em assuntos bem mais graves do que pensara.”

Muitas críticas podem ser feitas a Dion Fortune, mas coragem de brigar (exceto com Crowley, a quem ela nunca compreendeu, mas cujas obras copiou descaradamente, e a quem ela instintivamente respeitava) nunca lhe faltou. Meditando sobre a situação, ela chegou a conclusão de que a publicação dos seus artigos era necessária, e lhe fora inspirada pelos Vigilantes Invisíveis. A série de artigos já estava completa, mas havia sido apenas parcialmente publicada; ela poderia ter impedido que a publicação continuasse.

Ela decidiu permitir que a série se completasse.¹⁸ Continuando a citar o seu relato:

“O Equinócio de Primavera tinha chegado. Devo explicar que esta é a mais importante época do ano para ocultistas.¹⁹ Grandes marés de forças estão fluindo nos Planos Internos, e são muito difíceis de manipular. Se vai haver perigo astral, usualmente a situação eclode nesta época. Há também certas reuniões que ocorrem no Plano Astral, e muitos ocultistas a elas comparecem fora do corpo físico. A fim de fazer isto, temos de nos colocar numa espécie de transe, e então a mente fica livre para viajar. É costumeiro pedir a alguém que entende destes assuntos para ficar de guarda ao lado de nosso corpo físico enquanto este está vazio, a fim de impedir que ele sofra algum dano.”²⁰

Continuando ela diz: Em via de regra, quando estamos sofrendo um ataque oculto a gente se conserva a qualquer custo

¹⁸ Esta decisão, em face de uma ameaça pessoal cuja gravidade ela não subestimava, foi que possibilitou sua passagem ao Grau de Zeladora.

¹⁹ Este tipo de asserção categórica demonstra o pouco desenvolvimento oculto de Dion Fortune, que naquela existência nunca passou à Ordem Interna. Tanto os equinócios quanto os solstícios são importantes. Mas ocorre que as estações do ano são opostas nos dois hemisférios. Exemplo: o dia de “Corpus Christi” do catolicismo romano é um antiquíssimo festival pagão do hemisfério norte, e corresponde a primeira luação que segue o Equinócio de Primavera naquele hemisfério. Mas no hemisfério sul, o Equinócio de Outono cai na época que corresponde ao Equinócio de Primavera no hemisfério norte, e vice-versa. O “Natal” que corresponde ao Solstício de Inverno, deveria ser celebrado em junho no hemisfério sul, e não em dezembro, e “Corpus Christi” no sul deveria seguir setembro, para que esses festivais pudessem realmente corresponder às forças mágicas que eles deveriam comemorar.

²⁰ Esta precaução é desnecessária para iniciados que alcançaram o Adeptado, mas é útil nos graus mais baixos, e principalmente aos aspirantes.

no estado normal de consciência, e dorme durante o dia e permanece desperta e meditando quando o sol está abaixo do horizonte. Mas, como o azar ocasionalmente impõe, eu estava obrigada a sair numa viagem astral nessa ocasião.²¹

Minha atacante sabia disso tão bem quanto eu. Portanto, executei meus preparativos com todas as precauções de que pude lançar mão: reuni um grupo de discípulos cuidadosamente selecionado para formar o círculo de guarda, e selei o local da operação com cerimonial costumeiro. Eu não tinha muita fé nesta última precaução nas circunstâncias, pois minha atacante era de um grau mais alto que o meu,²² e poderia passar por quaisquer

²¹ Novamente, esta cautela só parece útil nos graus mais baixos. Nos graus mais elevados, a pressão hostil é benvinda, pois depura o astral de seus elementos mais grosseiros; e acima do Abismo, a concepção de “mal” ou “bem” per todo significado. A pessoa que tenta “atacar” um Mestre do Templo, por exemplo, vê sua corrente repercutir sobre si mesma, por motivos que lhe seriam claros se apenas ponderasse o simbolismo qabalístico do Grau.

²² Esta asserção totalmente errônea comprova o baixo grau de desenvolvimento de Dion Fortune. É simplesmente inconcebível que uma membra do Grau de Adepto, que a Srs. Matheres afirmava (com seu marido) possuir, agisse de forma como a Srs. Matheres agiu nesta ocasião.

Moina Matheres era, como a Srs. Firth, apenas um Neófito: porém mais forte e mais experiente magicamente do que a colega.

Não se deve jamais confundir aptidão mágica com progresso espiritual. Os Graus da A.:A.: marcam estágios de perspectiva na evolução da raça; poderes mágicos ou místicos são apenas detalhes do processo. É por isto que está declarado que qualquer ser humano pode, a qualquer momento, reclamar o Grau de Magister. Mas quem faz isto imediatamente atrai para si aquele Ordálio que é chamada de Segunda Morte.

Toda esfera da Árvore da Vida dos Qabalistas contém em si uma espécie de projeção da árvore inteira, assim como todo ser humano contém em si o potencial genético da humanidade inteira. O progresso em cada grau, portanto, reflete e amplia o progresso na Árvore inteira. A visão central do Neófito chama-se a Visão do Sagrado Anjo Guardião. A pessoa que experimenta esta Visão, que corresponde a Tiphareth de Malkuth (isto é, reflete a experiência de Tiphareth na Esfera de Malkuth) pode confundi-la, se deixar-se afetar pelo Ego anormalmente estimulado pelas práticas, com a Visão de Tiphareth de Tiphareth, que é chamada de Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião e é tão belamente descrita em Zanon, de Bulwer-Lytton.

Quem experimenta a Visão Central de Malkuth e se deixa iludir com a idéia de que experimentou a Visão Central de Tiphareth, naturalmente deixa de progredir. Tenta executar as Operações do Adeptado, em vez de se dedicar mais às Operações de Neófito, que levam à passagem do Grau de Zelator. Tal era o caso de Moina Mathers e seu marido; a vaidade egóica levou-os a se perderem nas esferas ilusórias do baixo Astral, onde as Sephiroth estão refletidas em formas demoníacas.

Arriscando sua vida, sua saúde psíquica, e até sua razão humana, para atingir o Centro vibratório da organização a que aspirava, Violet M. Firth, sem saber, estava

selos que eu sabia impor. Mas ao menos, os selos me protegiam contra forças mais baixas.

“O método de executar estas viagens astrais é altamente técnico,²³ e não posso aqui me estender sobre o assunto.

Na linguagem da psicologia, trata-se de auto-hipnose através de um símbolo.²⁴ De acordo com o símbolo escolhido, nós obtemos acesso a diferentes seções do Invisível. O iniciado treinado, portanto, não vagueia pelo astral como um fantasma perturbado, mas vem e vai através de corredores definidos.

“A tarefa de minha inimiga, portanto, não era difícil, pois ela sabia a que horas eu teria de fazer esta viagem, e o símbolo que eu teria que usar para deixar meu corpo.²⁵

Por isto eu sabia que teria que enfrentar oposição, embora não soubesse de que forma esta oposição apareceria.

“Essas viagens astrais são na realidade sonhos lúcidos em que nós retemos todas as nossas faculdades de escolha, poder de vontade, e discernimento. As minhas sempre começam com uma cortina de cor simbólica,^ψ através de cujas dobras eu passo. Assim que eu passei pela cortina nessa ocasião, vi a minha inimiga esperando por mim, ou se outra terminologia for preferida, comecei a sonhar com ela. Ela me apareceu nas vestimentas completas do seu grau, que são magníficas. Barrando minha

executando justamente o tipo de operação que a levaria ao Grau de Zelator – com o involuntário auxílio de sua inimiga, e ex-colega.

²³ A realidade, é extremamente simples, e Dion Fortune está apenas se dando ares exóticos. A única condição sine qua non é que a pessoa obtenha um legítimo contato mágico com a corrente cujos símbolos está manipulando.

²⁴ Esta asserção errônea é outro fruto do baixo grau iniciático da autora. Hipnose é um fenômeno do Manas Rupa, ou Corpo Mental, e pode ocorrer sem que outros veículos sejam afetados. Esta confusão quanto aos diversos planos de consciência é muito comum em quem nunca praticou loga e Magia de forma sistemática. Isto quer dizer que o encontro seria feito através de um símbolo provido por Mathers, e a uma hora determinada por este para “visitar” os Chefes Secretos em um Templo Astral. Ora, já que Mathers não tinha mais acesso aos “Chefes”, tendo-se perdido no astral, as imagens dos “Chefes” presentes a essas reuniões eram apenas imagens astrais formuladas pelo próprio Mathers, com o auxílio inconsciente dos que acreditavam nele.

²⁵ A formação de imagens astrais é facilíma; daí o grande perigo de nos iludirmos nesse plano. Nossos piores inimigos ali são os nossos preconceitos e a nossa vaidade.

Por outro lado, a pureza de intenção e uma aspiração genuína podem elevar uma mera imagem astral à categoria de um laço mágico com os verdadeiros Chefes Secretos. Este foi o caso de Dion Fortune nessa ocasião.

Isto é, uma cor magicamente em harmonia com o símbolo invocado.

entrada, foi logo dizendo que por virtude de sua autoridade ela me proibia de utilizar esses corredores mágicos.^v Repliquei que não admitia o direito dela me barrar apenas porque estava pessoalmente zangada comigo, e que eu apelava para os Chefes Internos, aos quais tanto ela quanto eu estávamos obrigadas. Então começou uma batalha de vontades na qual experimentei a sensação de ser arremessada pelo ar e de cair de uma grande altura, e me percebi de volta a meu corpo. Mas meu corpo não estava onde eu o havia deixado, e sim num amontoado no canto mais afastado da sala, onde tudo estava derrubado e espalhado como se lá estivesse explodido uma bomba. Através do fenômeno de repercussão, a luta astral aparentemente se comunicara ao meu corpo físico, o qual dera cambalhotas em volta do aposento enquanto o agitado grupo de guardiões retirava a mobília de sua passagem!

A experiência me deixara um pouco intimidada, pois não havia sido agradável. Admiti para mim mesma que fora derrotada, e que havia sido expulsa com sucesso dos caminhos astrais; mas compreendi também que se eu aceitasse esta derrota minha carreira oculta estaria terminada. Assim como uma criança que acaba de cair de um cavalo de ser recolocada imediatamente na sela, ou jamais terá coragem de cavalgar de novo, senti que eu tinha que encetar novamente minha viagem astral a qualquer custo. Assim, disse aos meus discípulos que se acalmassem e reformulassem o círculo, porque nós tínhamos que tentar de novo; invoquei os Chefes Secretos, e exteriorizei-me novamente. Desta feita houve um combate rápido e duro, e atravessei a barreira. Tive a Visão dos Chefes Interno, e regressei.

A luta estava terminada. Nunca mais experimentei qualquer problema. Mas quando tirei minhas roupas a fim de ir dormir naquela noite, minhas costas estavam muito doloridas, e com uma lente examinei a pele num espelho. Do pescoço à cintura eu estava coberta de arranhões, como se estivesse estado nas garras de um gato gigantesco.

^v Presunção da Neófito. Nada há que proíba uma Estrela humana de ir aonde quiser, a não ser o seu próprio desenvolvimento interno. Em verdadeiro Ocultismo não há “segredos”: há apenas verdades que, por mais simplesmente que sejam explicadas, não podem ser compreendidas sem vivência e preparo.

Contei esta história a alguns amigos, ocultistas experientes, que no passado haviam estado associados à pessoa com a qual eu tive este problema, e eles me disseram que ela era bem conhecida por este tipo de ataque astral. Um amigo deles, após uma alteração com ela, tivera um experiência exatamente similar; ele ficara coberto de marcas de unhas afiadas. Nesse caso a pessoa ficara doente durante seis meses e tinha se afastado completamente do Ocultismo.”

Dio Fortune, ou Violet M. Firth, prossegui seu relatório desta experiência mencionando a morte misteriosa de uma moça, encontrada nua nos rochedos de uma praia irlandesa em circunstância que indicavam que estivera fazendo uma invocação mágicka. Seu corpo estava coberto de marcas semelhantes, e ela também estivera associada a Moina Mathers.

Mas aí já saímos do terreno do ocultismo para entrar no das fofocas. Tanto a Srs. Mathers quanto a Srs. Firth já morreram faz tempo, e tais marcas continuam a ocorrer. O autor destas linhas já as descobriu sobre seu corpo após ataques mágickos. Elas decorreram da dilatação excessiva, com conseqüente hemorragia, dos vasos capilares periféricos. A hemorragia deixa marcas semelhantes a arranhões. Não precisamos, portanto, atribuir ataques astrais à alma de Moina Mathers, ou à infeliz família dos felinos. As marcas são realmente, o resultado de repercussão de pressão etérica sobre o corpo físico; mas decorrem normalmente de qualquer tipo de luta psíquica, a qual produz o fenômeno de “stress” no organismo carnal.

CAPÍTULO IV

O VAMPIRISMO

A tradição de todos os povos da terra inclui o vampirismo; contos de vampirismo são encontrados entre os mais antigos fragmentos da literatura da humanidade.

No século dezanove um escritor inglês, Bram Stoker, publicou um romance fantástico chamado “Drácula”²⁶. Neste romance ele

²⁶Drácula é um nome histórico: existiu um príncipe Drácula nos Bálcans, um homem de extraordinária crueldade; mas não era um vampiro. Se crueldade fosse sinônimo de vampirismo, metade da humanidade há teria esvaído a outra metade

inclui dados folclóricos cuidadosamente colhidos em torno do fenômeno do vampirismo. Embora o enredo do romance fosse insosso e pueril, a figura central do vampiro, o “Conde Drácula”, fascinou de tal forma o subconsciente de pessoas que se consideravam racionais e civilizadas que hoje o nome “Drácula” é imediatamente associado com vampirismo. Centenas literalmente de filmes e peças teatrais tem sido produzidos, com sucesso, em torno do tema; romances imitando a obra de Stoker ainda são editados em todos os países.

Talvez a maior fascinação da obra do romancista inglês que nunca mais escreveu coisa alguma tão bem sucedida, seja a riqueza de dados folclóricos do interior europeu sobre o vampiro. Os fatos de Stoker quanto ao vampiro, sua conduta, sua manifestação, são extremamente bem descritos.

A tradição de que o alho afugenta o vampiro; de que este não pode entrar numa residência sem convite de alguém que lá se encontre; de que vampirismo é infeccioso; de que vampiro pode assumir diversas formas animais; de que a única maneira de matar um vampiro é destruir o corpo, ou pelo menos inutilizá-lo para as funções biológicas; tudo isto está fundamentado no folclore de diversas nações da Europa.

Até que ponto se trata de fatos, no senso científico da palavra, e até que ponto se trata de superstição? Vejamos, ponto por ponto.

Que o alho é repelente para certos tipo de entidades do mundo sutil é um fato conhecido de ocultistas; mas não decorre disto, absolutamente, que deva ser repugnante aos vampiros. Suponhamos, por exemplo, que o vampiro seja de origem italiana; poderíamos sequer pensar que o alho lhe seja repelente, quando a cozinha de seu país usa tão liberadamente este tempero?

Não se deve julgar que o parágrafo acima foi escrito como pilhéria. O condicionamento cultural de um indivíduo é sempre um fator em sua forma de manifestação em qualquer plano, mesmo no caso de um vampiro. Um cineasta de talento, Roman Polanski, recentemente fez um filme sobre vampiros. Uma das cenas, uma donzela amedrontada ergue um crucifixo em frente do vampiro. Este ri deliciado e lhe diz: “Você está com o vampiro errado!” este vampiro do filme, era de origem judaica.

em sangue.

Embora a cena seja uma pilhéria, o filme é uma comédia de humor negro. O cineasta tocou num ponto de grande importância oculta: os símbolos de uma determinada religião só amedrontam àqueles que acreditam na vaidade daquela religião. Portanto, é totalmente inútil tentar usar símbolos cristãos para afugentar entidades que pertencem a outras correntes religiosas, principalmente os judeus, que estão cansados de saber que nunca existiu nenhum Jesus Cristo, e que a carreira inteira do catolicismo romano está baseada numa hábil vigarice.

Quanto a impossibilidade de um vampiro penetrar em uma residência sem o consentimento de alguém que lá resida, isto, como já dissemos anteriormente, é uma superstição suja base encontra-se no fato de que ninguém pode ser magicamente atacado sem que haja um ponto de afinidade entre sua estrutura anímica e a entidade atacante. Mas é claro que um vampiro, ou qualquer outro tipo de entidade, pode penetrar em qualquer ambiente que não esteja magicamente defendido. Para a entidade permanecer ali, entretanto, é necessário que encontre um ponto de apoio, uma afinidade, e a superstição quanto à entrada do vampiro está baseada nisto.

De todas as superstições em torno do vampiro, só três são importantes do ponto de vista científico:

1 - A idéia de que o vampiro pode assumir diversas formas animais.

2 - A idéia de que é necessário destruir o corpo físico do vampiro, ou inutilizá-lo, para as possibilidade de funções fisiológicas.

3 - A idéia de que o vampiro é contagioso.

A importância destas superstições consiste em que elas não são superstições, mas sim fatos verificáveis pelo trabalho oculto.

Antes de entrarmos em detalhes quanto aos três pontos acima seria conveniente observar que o vampirismo é um fenômeno que se manifesta com diversos graus de gravidade. Todos estamos familiarizados com a experiência de que a aura de determinadas pessoas nos exaure de energia; e diga-se de passagem que mesmo esta ocorrência tão corriqueira não é invariável. Por exemplo, uma pessoa nossa amiga pode, em determinada ocasião, estar deprimida ou magicamente enfraquecida, e em tal ocasião tenderá a absorver nossa energia

enquanto em outra ocasião talvez se dê justamente o contrário, e nós absorvemos a sua. Este tipo de intercâmbio magnético deve ser considerado normal. Faz parte das flutuações normais das forças vitais da sociedade humana.

Também, uma pessoa que sofreu um esgotamento nervoso, ou que está se recuperando de uma grave moléstia pode ocasionalmente estar tão enfraquecida que absorve o prana de outras pessoas, como de animais e plantas. (As plantas principalmente, são extremamente sensíveis ao intercâmbio da energia vital, e tanto são capazes de fornecê-la quanto de absorvê-la. Daí dependendo de nosso temperamento, a influência vitalizante de florestas e bosques, ou a influência deprimente das regiões pantanosas e insalubres.)

Tais, casos, se bem que tecnicamente caíam na definição de vampirismo, não chegam a ser patológicos no sentido exato da palavra. O verdadeiro vampirismo consiste na absorção proposital de energia vital de seres humanos para prolongar a existência de entidades que, sem este parasitismo, se dissolveriam e morreriam como parte do processo evolutivo normal.

É por este motivo que é conveniente destruir o corpo de um vampiro. O Cadáver de uma alma apegada à terra (e isto é essencialmente um vampiro) torna-se um foco magnético, uma espécie de base de operações da entidade astral. Por estranho que pareça aos profanos, não é o corpo astral que é a base de manifestação do corpo físico, mas justamente o contrário. O corpo astral é como um carro, e o corpo físico a sua garagem. Por isto, o vampiro sempre busca ficar em contato com o corpo físico; e se possível, evitar a decomposição deste.

Os antigos egípcios sabedores desta relação íntima entre o astral e o material, procuravam preservar o mais possível o cadáver dos mortos, principalmente dos sacerdotes e nobres.²⁷

A mumificação tinha como finalidade preservar, ou auxiliar a preservar, a integridade do corpo astral dos falecidos, durante o maior espaço de tempo possível.²⁸

²⁷No Egito antigo, nobreza e sacerdócio eram sinônimo. Os filhos de famílias nobres eram treinados nos templos, e o Faraó, a Grande casa, era, em teoria um Mestre do Templo. Enquanto estes requisitos foram (relativamente) respeitados, o Egito se conservou grande. No momento em que foram relaxados, o país começou a se desintegrar. Mas já durara cinco mil anos.

Não temos aqui espaço para entrar a fundo neste assunto; e o propósito dos egípcios não era absolutamente encorajar o vampirismo. Entretanto, as lendas dos vampiros estão relacionadas com casos lamentáveis de baixos iniciados egípcios que, uma vez esgotados os recursos naturais de preservação do astral, lançavam mão das energias vitais de homens e mulheres vivos.²⁹

A idéia, portanto, que a destruição do corpo do vampiro é uma maneira eficaz de destruir seus poderes não deixa de ter sua validade; mas é tolice acreditar que a destruição do cadáver é imediatamente seguida pela morte do vampiro. O corpo astral sobreviverá, embora sem a base material que o estabilizava. Entretanto, uma vez esgota a sua carga de energia, ele se dissipará lentamente na Segunda Morte. É este o destino que apavora a entidade que se manifesta como o vampiro, e se puder adiá-lo através da absorção da energia vital de outros seres humanos, ela assim fará.

Do que foi escrito acima deduz-se que é mais seguro, diremos até mais higiênico, acelerar a dissolução do corpo físico dos mortos do que preservá-lo. O hábito de enterrar cadáveres dentro de caixotes (e freqüentemente embalsamados!) é uma estupidez mesmo do ponto de vista da ecologia. A carne em decomposição se subdivide em diversas subestruturas organo-químicas que (por exemplo) tornam o solo mais fecundado e mais propício a vegetação. Os cadáveres deveriam ser enterrados nos campos de plantio, ou em jardins. Poderiam ser primeiramente legados a hospitais, para fins científicos ou de transplantes de órgãos; e após assim utilizados para auxiliar os vivos, poderiam ser convertidos em proteínas e adubo. A reciclagem é um processo

²⁸O Assim chamado “Livros dos Mortos” não era realmente para os mortos: era o manual padrão de Viagem Astral, e supunha-se que todo egípcio ou egípcia de família nobre o utilizasse diariamente, para fortificar seu corpo astral ao ponto em que este resistiria à Segunda Morte. O livro era colocado nas tumbas porque se tratava da cópia da pessoa do morto ou da morta, e supunha-se que o seu magnetismo natural, provindo do manuseio, seria um laço magnético adicional com o astral.

²⁹Há, além do mais, um aspecto místico ou iniciático nas lendas dos vampiros, as quais neste sentido são reflexos qliphóticos de realidade hieráticas. A Tumba de Christian Rosenkreutz, por exemplo; ou a visão do Mestre como um vampiro poderoso que ameaça e destrói a estrutura psicossomática mundana dos seus discípulos.

normal da natureza, e um cemitério é um crime contra a alma e contra o mundo. Se as pirâmides do Egito tivessem realmente sido erigidas como túmulos, seriam um monumento à estupidez humana.³⁰

A idéia de que o vampiro pode assumir diversas formas animais é fruto da experiência de séculos. É claro que um corpo astral pode assumir as mais variadas formas, e o que é preciso compreender é que o vampiro é uma manifestação astral.³¹

A ingênua credence popular pensa que as formas que o vampiro assume são sempre desagradáveis: morcegos, lobos, etc. Mas um vampiro que assumisse formas que desagradam ou atemorizam a massa da humanidade pouco duraria; como diz o ditado; não é com vinagre que se apanha moscas! Pelo contrário, vampiros sempre assumem formas que possam fascinar as emoções de suas vítimas, buscando formar um laço de empatia com estas. Esta empatia pode ser sexual, religiosa, ou puramente afetiva; uma vez formado o laço, o vampiro pode drenar a vitalidade dos que caíram sob seu fascínio. Diremos alguns exemplos concretos para esclarecer este ponto muito importante.

Em janeiro de 1903 Aleister Crowley estava em Paris, onde encontrou um ex-colega de universidade que lhe pareceu consideravelmente perturbado. Crowley perguntou se havia algo de errado. Seu conhecido, que sabia do interesse de Crowley por ocultismo, suplicou-lhe:

-Ajude-me a livrar minha namorada de uma feiticeira!

Era um convite pouco usual e bastante interessante. Indagando a identidade da feiticeira, Crowley foi informado de

³⁰As pirâmides eram templos iniciáticos e acumuladores especiais de energia cósmica (os beijos das estrelas). Nenhuma foi erigida por “escravos debaixo de chicote”: os egiptologistas sabem agora que foram erigidas por turmas selecionadas de trabalhadores, em épocas de escassez de trabalho. Esses trabalhadores eram pagos pelo tesouro nacional e alimentados pelos armazéns da coroa, que assim contribuía para diminuir o desemprego ao mesmo tempo que estimulava a religião iniciática. As condições de trabalho foram descritas pelos próprios operários em inscrições brincalhonas trabalhadas por eles nas enormes pedras da construção. As lendas de escravos chicoteados e sacrificados foram espalhadas pelos judeus e, mais tarde, por Heródoto, que só conheceu o Egito quando este já se encontrava em decadência, e vinha da terra que inventou a “democracia”, isto é, a escravatura legalizada.

³¹ Há casos documentados de pessoas vivas que matam para beber o sangue de suas vítimas, mais tais casos não são de vampirismo, e sim loucura, a qual toma esta forma apenas pela mente perturbada, ou por conhecimento de lendas.

que se tratava (segundo o colega) de uma vampira que possuía alguns dotes artísticos e estava modelando uma esfinge à qual tencionava imantar com energia mágicka a fim de realizar seus desejos.³²

Crowley nem pestanejou ao ouvir isto: na sua peregrinação através da Aurora Dourada, encontrara mentecaptos capazes de absurdos ainda maiores.

Ele tentou acalmar seu conhecido, apontando a este que uma mulher com um plano tão idiota poderia quando muito ser uma doente, mas não um perigo.

-Mas ela está morando na casa de minha namorada-insistiu o outro e está drenando energia dela, tenho certeza! Por favor ajude-me!

Crowley concordou em ir com o outro até a residência da namorada, fazer uma visita. A moça, cuja aparência era muito sensível, recebeu-os de maneira tal que demonstrou ser ela sem dúvida encantadora e generosa.

-Meu colega disse que há uma artista de talento morando consigo -disse Crowley. Eu gostaria de conhecê-la.

A namorada, como boa inglesa (mesmo habituada em Paris), convidou imediatamente o visitante para tomar chá com ela e a sua hóspede. O namorado, que tinha um compromisso de negócios, despediu-se, deitando uma última olhadela suplicante ao Magista.

A namorada que passaremos a chamar de Srst. Q, apresentou a escultora a Crowley. A pretensa vampira era uma senhora de meia idade, embora saudável; a primeira vista era totalmente insignificante. A Srts. Q. deixou os dois à sós na sala e foi preparar o chá.

Crowley, convencido de que seu ex-colega estava obcecado por um ciúme excessivo, e de que a hóspede, que chamaremos de Sra. M., era uma pessoa totalmente inofensiva, embora talvez meio doida, viu sobre um console uma reprodução em bronze da cabeça de Balzac, escritor que ele admirava. Tomando-a nas

³²É patética a maneira como pseudo-ocultistas confundem os planos. A maioria das pessoas buscam na magia um meio de ganhar dinheiro, ou amor, ou glória e poder, sem fazer esforço; vã esperança, em pouco tempo tais preguiçosos começam a fazer mais esforços, em direções mais ineficientes, do que dependeriam e tomariam se buscassem realizar suas reles ambições jogando na Bolsa, ou aprimorando o fisco, ou entrando na política.

mãos, sentou-se numa cadeira um pouco afastado da Srs. M., a qual se acomodara num sofá, e começou a contemplar a escultura.

Aos poucos ele sentiu uma estranha sensação de devaneio, muito agradável, como se estivesse sonhando acordado³³. Alguma coisa veluda, muito calmante, mas ao mesmo tempo erótica, moveu-se ao longo das costas da mão dele, subindo em direção ao pulso. Levantando a cabeça, ele percebeu que a Srs. M., deixara o sofá sem fazer qualquer ruído, e estava agora inclinada sobre ele: os cabelos dela estavam soltos em uma nuvem de cachos sobre os seus ombros, e era a ponta dos dedos dela que estava acariciando, o seu pulso.³⁴

A Srs. M., não era mais a mulher de meia idade, insignificante e apagada: era agora uma jovem cheia de vitalidade e extraordinária beleza.³⁵

Nesse momento Crowley percebeu que seu colega tinha razão, e que ele estava na presença de uma influência hostil de grande poder oculto. Se ele se permitisse por um instante apreciar aquela beleza, mesmo cômico de era fictícia, todo seu poder mágico seria neutralizado pelo vampiro: totalmente envolvido na teia magnética dela, ele se tornaria um boneco em suas mãos, um brinquedo a ser manipulado e eventualmente abandonado quando não mais interessasse à dona.

Calmamente ele se ergueu da cadeira, agindo como se nada de extraordinário tivesse ocorrido,³⁶ e colocando o bronze de Balzac de volta sobre o console, voltou-se para a Srs. M., e, reclinando-se contra o mármore, encetou uma conversação mágica com ela: isto é, uma conversação que superficialmente era a forma mais polida e impecável de trato social, mais que

³³O devaneio é uma forma de semi-exteriorização astral. Pelo fato de ser um ato passivo, e bastante receptivo, pode ser muito perigoso em má companhia. Deve, em qualquer caso, ser evitado por ocultistas, por ser um ato involuntário e dispersivo.

³⁴O devaneio do Magista fora um poderoso e insidioso ataque magnético por parte do vampiro, aproveitando-se do estado contemplativo em que ele se encontrava.

³⁵Tendo estabelecido um contato magnético com a aura de Crowley, o vampiro fizera seu corpo etérico, semi-exteriorizado, e semi-materializado, assumir aparência que agradasse a ele.

³⁶Isto é uma atitude mágica, extremamente difícil para uma pessoa que não tenha praticado concentração mental. Compare-se com a reação da nossa colega diante do ataque do assistente, que descrevemos anteriormente.

interiormente lacerava o coração maligno do vampiro, e queimava suas negras entranhas como se cada palavra fosse uma gota de ácido.³⁷

A Srs. M., cambaleou para traz, mas após seu primeiro instante de penosa surpresa voltou à carga e avançou novamente em direção a ele, mais linda, e fascinante ainda. Ela estava agora lutando por sua sobrevivência, não mais apenas pela energia vital de uma nova vítima. Se perdesse, um abismo se abriria diante dela, o abismo que toda mulher que já foi bela e cuja personalidade está apegada à carne sente diante de si quando está chegando à meia-idade: o abismo da beleza física perdida, da decrepitude, das rugas e das banhas. O cheiro de homem³⁸ parecia encher-lhe o corpo Etérico inteiro de uma agilidade felina, de uma beleza irresistível. Um passo mais e ela se lançou nos braços de Crowley; gemendo uma palavra obscena, buscou colar seus lábios escarlates aos dele.

Crowley segurou-a pelos braços e, mantendo-a afastada do seu corpo, golpeou o vampiro com sua própria corrente maligna, da mesma forma como um assassino em prospecto às vezes é morto com a própria arma com que atacou sua vítima.

Uma luz azul-esverdeada pareceu brilhar em volta da cabeça da Srs. M.,³⁹ e então o cabelo sedoso perdeu a cor e a textura e tornou-se um cinzento sujo: a pele macia encheu-se de rugas; os olhos faiscantes se apagaram em covas remelosas. A moça de vinte anos desaparecera, e diante dele não estava mais a saudável mulher de meia-idade, e sim de uma velha de uns

³⁷A conversação é conduzida em dois planos simultaneamente, as palavras físicas sendo escolhidas como símbolo da intenção mágica que é irradiada através delas. Esta é uma técnica praticamente impossível a uma pessoa que não tenha tido treino sistemático de loga e magia.

³⁸Cada sexo possui um aroma corporal básico, irradiado através da pele, que quando estamos em bom estado de saúde e termos bom equilíbrio hormonal, age como atração para o sexo oposto.

³⁹O Magnetismo elétrico em alta tensão tornou-se visível por causa de sua utilização para materializar a forma de fascínio. O processo de repercussão não é difícil para iniciados: Crowley atraiu ao seu corpo elétrico a energia toda do vampiro, e então golpeou-o com a própria força vital que a Srs. M. extraíra de suas vítimas.

sessenta anos, curvada, decrepita, corrupta.⁴⁰ Balbuciando maldições, a Srs. M. fugiu da presença do Magista.

Tendo meditado sobre o ataque, Crowley chegou a conclusão de que a Srs. M. era insignificante demais para exibir poder suficiente para quase fasciná-lo, e que ela, embora realmente um vampiro, fora utilizada por forças do mal mais poderosas que ela mesma, que a haviam tomado como foco de manifestação. Como consequência, ele encetou certas investigações ocultas que o levaram a descobrir uma poderosa quadrilha de falsos Esoteristas, a qual combateu durante anos até destruí-la por completo; mas a história desse combate foge ao tema deste capítulo.

Acabamos de dar um exemplo de um vampiro utilizando o fascínio sexual a fim de formular um laço magnético com sua vítima. A Srs. M. era, também um exemplo de vampiro que forma um laço de amizade com sua vítima; no caso a Srta. Q..

Após seu encontro com Crowley, a Srs. M. perdeu todo o seu poder doentio e tornou-se apenas um velhota excêntrica.

O número de casos de vampirismo com origem na devoção religiosa é praticamente incontável. O processo é muito simples: o corpo astral do vampiro assume uma forma que pareça o objeto da devoção de uma determinada pessoa, ou grupo de pessoas, e através dessa imagem astral forma um laço magnético com suas vítimas. A seguir passa a drená-las aos poucos de suas forças vitais através da devoção que elas dedicam

Este processo é impossível quando os sentimentos religiosos de uma pessoa se manifestam num nível de consciência suficientemente elevados para transcender as vibrações do corpo de desejos (o Kama-Rupa dos hindus). Se a veneração religiosa é de um alto nível de espiritualidade, não há possibilidade de manifestação de um vampiro, porque essas entidades só existem nos planos mais grosseiros do astral. Pessoas de uma religiosidade elevada e pura, portanto, estão a salvo do vampirismo. Mas o tipo mais baixo de religiosidade está à mercê dos vampiros. Pessoas cujos sentimentos religiosos são apenas uma forma de sexualidade frustrada ou sentimentalismo doentio são as vítimas naturais deste tipo de vampirismo.

⁴⁰Como punição, o Adepto criara a imagem mental que a Sra. M. temia, e a implantou no corpo etérico do vampiro. O processo de envelhecimento foi acelerado por repercussão no corpo físico.

Mesmo ocultistas podem cair na armadilha. Daremos um exemplo de interesse mais imediato a candidatos sérios à iniciação Thelêmica. Existe uma operação oculta muito séria, denominada em certos sistemas de “Invocação do Sagrado Anjo Guardião”. Uma Aspirante, nossa conhecida, lançou-se à execução dessa operação mágicka sem estar suficientemente preparada para tanto. A invocação, de acordo com o método usado por ela, deveria durar seis meses; mas aproximadamente dois meses após ter iniciado a série de invocações, esta Aspirante viu aparecer em seu laboratório mágicko um homem imponente, cuja aura, segundo a descrição dela, “era tão santa que ela se sentiu compelida a ajoelhar-se diante dele.” Esta personagem declarou-lhe afavelmente que era Abramelin o Magista,⁴¹ e que fora designado para seu Instrutor Espiritual.

Essa Aspirante fora treinada inicialmente por um verdadeiro Adepto Thelêmico; mas com a morte desse, recusara escutar os conselhos do sucessor hierárquico do falecido. Ela acatou avidamente a visão que obtivera, e passou a seguir as “instruções” da entidade que se manifestara a ela. Como resultado, usurpou o título de iniciada da O.T.O., abriu uma “loja” sem permissão, mandou membros dessa “loja” assaltarem a residência da viúva de seu falecido instrutor para roubar livros e manuscritos que ele, ao falecer, legara à O.T.O., e dos quais a viúva era zeladora, e atualmente está em vias de ser processada por cumplicidade em roubo, plágio, e apropriação indébita.

É fato que uma das formas do “Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião” ocorre no plano relacionado ao Corpo de Desejos, e que uma forma simbólica do “Anjo” pode então aparecer ao aspirante. Mas, como está escrito, “Conhecê-los-eis pelos seus frutos”: a validade de qualquer experiência mística ou mágicka está no efeito evolutivo que produz na personalidade da pessoa que obtém a experiência.

Pouco importa, do ponto de vista da humanidade (ou do ponto de vista do Universo), se o nosso arroubo espiritual foi lindo ou gostoso. O que importa é se foi ecológico. Os iniciados definem o

⁴¹ “Abramelin o Magista” era o pseudônimo de um iniciado que viveu pouco antes da Renascença e foi responsável por muitos movimentos culturais e religiosos da época.

avanço espiritual do ser humano como maior eficiência na promoção da harmonia universal.⁴²

Se o seu arroubo não traz benefícios ao universo em que você vive, a fórmula que o compõe não é o Amor, que presuppõe interação e comunicação, e sim o Ódio, que pressuppõe separatividade.⁴³

Visões “místicas” ou mágickas de “santos ou santas” ocorrem constantemente em todos os sistemas religiosos. Na nomenclatura dos iogues, tais visões são formas de Dhyana, que é a experiência mística que antecede Samadhi, a qual é a verdadeira experiência mística que o iogue aspira. Em Samadhi há perfeita identidade entre você e a experiência; portanto a manifestação de forma, ou de uma Entidade separada de você mesmo, é impossível. Como diz o Baghi-i-Muattar: “Alá é o ateísta: Ele não adora Alá!”

Os cristãos que experimentam visões de “Jesus Cristo”, ou da “Virgem Maria”, por exemplo, estão experimentando projeções do plano astral da intensidade de seu próprio desejo. Se ele se apegam a tais visões, correm grande perigo de serem obcecados por entidade de uma baixa natureza. As incríveis perseguições religiosas dos cristãos uns contra os outros e contra membros de outros cultos, as espantosas crueldades da Inquisição romana e protestante, tiveram sua origem no apego por parte de crentes a visões deste tipo.

Como disse Éliphas Lévi (a encarnação anterior de Aleister Crowley) em certa ocasião a um renitente obcecado:

-Que é o que o Senhor quer ver?

⁴²Isto não quer dizer que morte, guerra, dor, crime, violência, etc., são “inarmônicos”. Morte e vida, dor e prazer, amor e ódio são simples pólos do Aspir e Respir universal. Este bem-estar deve ser definido como livre funcionamento de todas unidades que compõem um sistema. Nas palavras de *O Livro da Lei*: “Assim com teu tudo: tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade. Faze aquilo, e nenhum outro dirá não. Pois vontade pura, desembaraçada de propósito, livre de ânsia de resultado, é toda via perfeita”.

Tanto o leão quanto o cordeiro são necessários ao universo. Não se conclui disto que os leões devam deixar de se alimentar de cordeiros, ou os cordeiros devam deixar de se alimentar de grama, a qual, num sistema ecológico, por sua vez, se alimentam de leões mortos!

⁴³Note-se que o ódio, quando dirigido a outra pessoa, (e do posto de vista iniciático, principalmente no sistema Thelêmico) é um ato de Amor, enquanto que o amor quando dirigido exclusivamente a nós mesmos, é uma forma de Ódio.

-Adonai.⁴⁴

-O senhor sabe quem é Adonai?

-Não, mas eu quero ver ele de novo.

-Adonai é invisível.

-Eu vi ele.

-Adonai não tem forma.

-Eu toquei ele com meus dedos.

-Ele é infinito.

-Ele é quase da minha altura.

-Os profetas hebraicos diziam d'Ele que a fímbria do seu manto, do oriente ao ocidente, varre as estrelas da manhã.

-Ele estava de gravata e paletó.

-As escrituras dizem que ninguém pode vê-Lo e continuar vivo.⁴⁵

-A cara dele era bondosa e jovial.

Que se pode fazer num caso deste? Como podemos convencer uma alma simples de que o Jesus Cristo dos Evangelhos é apenas um símbolo do Adepto, ou de que a Virgem Universal é demasiado sublime para ser concentrada em uma simples forma humana.⁴⁶ Principalmente quando sabemos que tanto o Cristo quanto a Virgem são arquétipos que existem em uma forma ou em outra, em todo e cada subconsciente humano.

Ainda como diz *O Livro da Lei*: “Não sejas animal; refina tua raptura!

O iniciado só passa além da Visão do Anjo a uma verdadeira comunhão com o Anjo quando ele percebe que é justamente a Visão que o separa d'Ele.

Qual o iogue que alcançará Samadhi enquanto se sentir satisfeito com Dhyana?

⁴⁴Adonai é o título qabalístico do Sagrado Anjo Guardião. Veja-se o livro Zaroni, de Bulwer-Lytton.

⁴⁵Compare-se com a tradição grega quanto a “visão de Pã”. O “Sagrado Anjo Guardião” não é a mesma coisa que o “guru” hindu; trata-se de uma experiência muitíssimos mais elevada. Alguma forma do “Conhecimento e Conversação” ocorre a cada grau de iniciação Thelêmica, com a única exceção da Passagem do Abismo, em que o anjo abandona seu cliente. (“Senhor, senhor, porque me abandonastes?”) Cada percepção que se tem do Anjo aumenta e amplia a percepção anterior: sua manifestação como forma de (Rupa) é apenas um dos passos no relacionamento. Veja-se LVX, um dos Santos Livros de Thelema.

⁴⁶Como dia *O Livro da Lei* “Ó Nuit, continua mulher do Céu, que seja assim sempre; que os homens falem de Ti como Uma, mas como Nenhuma, e que eles não falem de ti de todo, desde que tu és contínua!”

É necessário tomar o máximo cuidado com visões astrais. O plano astral é infinitamente plástico: a substância que o compõe está sempre pronta a assumir as formas do nosso desejo ou do nosso medo. Por este motivo, o Astral (como tudo mais neste mundo) é uma arma de dois gumes. Nós podemos utilizá-lo para uma auto-análise muito mais ampla que aquela que podemos obter através do mais talentoso dos psicanalistas; mas também podemos utilizá-lo para aumentar nossas ilusões e nosso autismo do ponto de nos tornarmos loucos malignos.

Tudo é função do meio em que vivemos. As almas simples que se apegam a visões astrais não poderiam ser obcecadas ao ponto de causar mal a sociedade se a tônica emocional média da sociedade fosse estatisticamente mais elevada. Isto lembra o axioma: Todo povo tem o governo que merece. Da mesma forma, toda massa humana tem a religião que merece.

Estamos no Brasil desde 1961 e.v. empregando toda a nossa força mágica, levamos dezesseis anos para impregnar a massa brasileira com a percepção de que amor deve ser livre, e de que divórcio é um bem necessário a qualquer sociedade.

Quanto tempo mais levaremos para impressionar a mente coletiva com a necessidade de uma verdadeira democracia?

O vampirismo com origem em laços afetivos é ainda mais insidioso que o vampirismo de origem religiosa, porque a afetividade puramente humana é uma tendência mais generalizada que a religião. Uma das manifestações mais comuns deste tipo de vampirismo é encontrado na relação entre parentes, principalmente pais e filhos. A Srs. Violet M. Firth, já citada, declarou em um livro seu tratando de ataques ocultos (infelizmente já muito desatualizado): “No curso de minha experiência psicanalítica encontrei um grupo de casos em que havia uma dependência mórbida entre duas pessoas, mais freqüentemente mãe e filha, ou entre duas mulheres; em alguns casos também entre mãe e filho. Sou da opinião de que aquilo que Freud chama de “Complexo de Édipo, não é um fenômeno unilateral, e de que a “Alma” da mãe absorve a vitalidade psíquica da criança. É curioso notar quão envelhecida é sempre a fisionomia de crianças vítimas deste complexo, e como a personalidade é prematuramente amadurecida. Eu convenci vários pacientes me mostrarem fotografias suas quando crianças,

e fiquei impressionada com a expressão tensa e preocupada das fisionomias infantis, como se pesassem sobre elas todos os problemas da vida adulta.”

Deve-se fazer uma ressalva neste diagnóstico da Srs. Firth; vampirismo familiar só ocorre após a puberdade. Até alcançarem a puberdade, são as crianças que sempre absorvem a vitalidade nervosa dos pais.⁴⁷ O vampirismo materno ou paterno só pode ser diagnosticado após desenvolvimento normal dos característicos sexuais secundários de um filho ou filha.

Citaremos um exemplo de nossa própria experiência. Em uma daquelas épocas, tão comuns na vida iniciática, em que as circunstâncias materiais nos constringem, estávamos vivendo em uma pensão modesta no Rio de Janeiro onde conhecemos um casal, mãe e filho, que viviam juntos embora o filho tivesse mais de trinta anos de idade. A mãe era uma senhora calada, de aspecto amável, com os olhos muito expressivos que irradiavam uma impressão de grande afeto, não só pelo filho como pelo mundo em geral. O filho era fisicamente um homem de aspecto normal, com uma aparência e personalidade bastante positiva, bom conversador etc. Tanto quanto podíamos perceber, no contato forçado de pessoas que são vizinhas em quartos de pensão, eles viviam na maior harmonia e nos pareciam perfeitamente normais.

Mas no segundo ano de nossa estadia na pensão o filho pediu para nos falar em particular e contou-nos uma história estranha. Segundo ele, toda vez que começava a estabelecer relações sentimentais com alguma mulher, a mãe se ajoelhava a rezar constantemente diante de uma imagem, que tinha no quarto, da “Imaculada Conceição”; e mais cedo ou mais tarde alguma coisa acontecia para romper o relacionamento do filho com a “outra”.

A princípio nós presumimos que esta inusitada consulta era outra das muitas armadilhas que eram preparadas pelos órgãos da vigilância incitada contra nós pela hierarquia católica.

-Por que você está me contando tudo isso? – perguntamo-lhe.

-Não sei. É que o senhor tem um ar de pessoa que pode dar conselhos. Eu conheci outra moça recentemente, muito boa

⁴⁷ Este é um dos motivos que Adeptos dedicados a trabalhos que exigem um máximo de aproveitamento das energias vitais, evitam engendrar filhos no plano físico

peessoa, ela gosta muito da mamãe, sabe? Mas a mamãe já está rezando....estou com medo de perder esta moça, eu gosto dela. E sabe, eu já não sou mais criança.....

Após algumas perguntas discretas, concluímos que o rapaz estava de boa fé, e fora levado a nos consultar por intuição. O histórico do caso era bastante curioso. Mãe e filho viviam juntos desde a morte do pai, quinze anos atras, e dormiam na mesma cama. A mãe nunca criticava diretamente as moças que lhe eram apresentadas pelo filho, tratando-as com a máxima cortesia; apenas, sempre que uma nova candidata aparecia, rezava diante da imagem horas a fio todo dia. Mais de uma vez o filho acordara a noite e vira a mãe de joelhos diante da imagem, rezando.

-Eu não sei o que acontece – disse ele. –Eu conheço uma moça, me entusiasmo, apresento ela à mamãe.... Passam alguns dias e meu entusiasmo vai enfraquecendo. Perco a vontade de sair com a moça, perco interesse em vê-la. É sempre assim.

-Seu problema é muito simples – se você quer realmente conservar essa moça, dê um jeito de destruir a imagem diante da qual sua mãe reza.

Ele arregalou os olhos.

-Mas eu não posso fazer isto! Mamãe tem aquela Imaculada Conceição desde o tempo de mocinha, quando era aluna do colégio de freira!

-Se você não destruir a imagem – replicamos – duvido muito que se case algum dia. Sua mãe está usando aquilo como um foco de vontade para manter você preso.

-Mas se a imagem da Imaculada tem esse poder – ele ponderou – não será porque Deus não quer que eu me case?

-Se Deus não quer que você se case, que diferença faz a imagem? Mesmo que seja destruída, você não casará nunca. Mas se, como eu penso, sua mãe está utilizando a imagem para realizar o desejo dela de manter você preso, ela está abusando de um símbolo religioso para fins materiais e egoístas.

-Mas por que ela está fazendo isto? – ele se lamentou.

Há ocasiões em que é necessário sermos diplomáticos.

-Não duvido que ela tenha a melhor das intenções – dissemos. – Você sabe, para as mães nós somos crianças a vida inteira. – Percebendo que ele ainda hesitava, acrescentamos: -Olhe, a decisão é sua. Eu não vou destruir a imagem para você. Mesmo

porque, se eu destruísse a imagem, não adiantaria nada. O gesto tem que partir do enfeitiçado, ou o feitiço não se quebrará.

Novamente ele arregalou os olhos; cremos que a idéia de uma imagem católica poder ser utilizada como feitiço nunca lhe ocorrera. Após um momento, perguntou:

-Como é que eu destruo a imagem?

-Da maneira mais simples. Você tem que inutilizá-la para fins de oração. Quebre-a em pedaços e jogue-a numa lata de lixo. Mas tome cuidado para que a lata de lixo não seja uma que sua mãe tenha acesso; se ela conseguir colar os pedaços da imagem, o feitiço ficará ainda mais forte do que antes.

Dois dias depois ele nos procurou novamente e confiou-nos que retirara a imagem do quarto, quebrara-a em diversos pedaços, e a caminho do trabalho jogara os pedaços num receptáculo de lixo publico.

-E o mais esquisito – cochichou – é que a mãe não disse uma palavra quando entrou no quarto e não viu a imagem!

O namoro desse rapaz com aquela particular moça (sentimos desapontar os nossos leitores mais românticos) não durou, por motivos que explicaremos adiante; mas alguns meses depois da destruição da imagem, a mãe desenvolveu sintomas de câncer e antes do fim do ano faleceu. A corrente de forças, perdendo seu ponto de apoio, repercutira contra ela.

Esta é uma possibilidade que sempre existe em casos de vampirismo: que o vampiro, desprovido de sua presa, perca as forças e morra. Não mencionáramos a possibilidade ao nosso consulente porque tínhamos certeza de que não teria destruído a imagem em tal caso.

Mentalidades superficiais ou pessoas de moralidade pouco desenvolvida ponderarão aqui, talvez, que encorajamos um filho a praticar um matricídio mágicko. Este absolutamente não foi o caso. Se as forças vitais que a mãe estava utilizando para conservar sua vida e energia fossem naturais de seu próprio organismo, a destruição da imagem não teria lhe causado qualquer dano físico. Nenhum ser humano tem o direito de se conservar vivo à custa do prana dos seus semelhantes. Para os iniciados, a morte é uma etapa da vida.

Já mencionamos que o vampirismo é contagioso: o namoro desse rapaz com a moça que o levou a destruir a imagem não

continuou porque (conforme pudemos averiguar) ele começou a demonstrar para com ela o mesmo tipo de ciúmes doentio⁴⁸ que a mãe tivera para com ele.

“Dize-me com quem andas, e te direis quem és”, é um desses truísmos que todo mundo repete sem lhes prestar atenção; no entanto é um formidável aviso no que se refere à Magick e ao misticismo. Uma pessoa vampirizada, perdendo sua energia, tende a absorver energia dos outros, e é encorajada a assim fazer pelo próprio vampiro, que deseja aumentar suas fontes de alimentação. Aprendendo os truques do vampiro à custa de sua própria experiência como vítima, ela começa (na maioria das vezes sem se tornar cônica do fato) a utilizar as mesmas técnicas que seu algoz. Usando ainda outro truismo, “a prática leva a perfeição”: em muito menos tempo do que julgaríamos possível, a vítima se torna outro malfeitor.

George Cecil Jones, um dos dois únicos membros da Aurora Dourada, além de Aleister Crowley, que foram capazes de alcançar o Adeptado legítimo, (conhecido na A.:A.: pelo seu Nome Mágico, D.D.S.) teve em certa ocasião um experiência curiosa. A mesma Srs. Firth, Dion Fortune, pediu sua ajuda num caso raro de perturbação mental que viera a seu conhecimento. (A Srs. Firth foi uma das primeiras mulheres psicanalistas da Inglaterra.)

Uma colega da Srs. Firth aceitara como paciente um certo jovem de família ilustre, o qual exibia sintomas periódicos muito semelhantes a ataques de epilepsia; e para poder fiscalizar o progresso de seu paciente com mais cuidado, consentira em hospedá-lo num apartamento que ela dividia com outra estudante, não de psicanálise.

Um fenômeno muito estranho começou a ocorrer assim que o paciente foi viver no apartamento: toda noite, quase à mesma hora, os cães da vizinhança começavam a latir e uivar furiosamente, e no mesmo instante uma janela de sacada, que dava para uma varanda, se abria e uma corrente de ar frio percorria o apartamento. Imediatamente após, o paciente hospedado entrava em convulsões, e a seguir sofria um desmaio prolongado.

⁴⁸ O ciúme, longe de ser uma “prova de amor, conforme pensam os profanos, é uma das piores manifestações de egoísmo de que é capaz um ser humano.

Embora a janela de sacada fosse fechada à chave, e até barricada, assim mesmo se abria; e foi este fato inusitado que levou a colega de Dion Fortune a recorrer a ela, que sabia ser interessada em casos desta natureza.

A Srs. Firth indagou sobre os antecedentes do paciente, e ficou sabendo que este tinha um primo em segundo grau, também de família nobre, o qual tinha sido descoberto em flagrante na França, durante a guerra, praticando necrofilia com cadáver de um alemão.⁴⁹ Graças à influência de sua família o jovem necrofílico não fora mandado para uma prisão militar, mas sim colocado sob responsabilidade de sua família como um caso de loucura. O jovem exibia sintomas semelhantes ao do primo, com ataques periódicos seguidos de prolongada coma, e foi posto sob os cuidados de um enfermeiro.⁵⁰ Mas o enfermeiro, como todo mundo, tirou férias; e nessa ocasião o doente foi colocado sob os cuidados de seu primo.

Acontece que o primo também tinha tendências homossexuais, e o doente incitou-o à intimidade. Em certa ocasião, o necrofílico mordeu seu parceiro no pescoço durante o ato, com tanta força que chegou a tirar sangue.

Foi após esta particular ocasião que o primo começou a exibir os mesmos sintomas de epilepsia que o doente, o que levou a sua família a colocá-lo sob os cuidados da colega de Dion Fortune.

A Srs. Firth visitou o apartamento e examinou o jovem. Constatou que estava anêmico, e curiosamente indiferente aos seu próprio estado de saúde. Era como se estivesse resignado a morrer.

Aproximadamente às nove horas da noite, o mesmo fenômeno curioso se repetiu; os cães da vizinhança começaram a latir e a uivar, e a janela da sacada, embora barricada por uma pesada poltrona, abriu-se e um lufada de ar frio invadiu os aposentos. Ao chegar ao quarto do rapaz, este soltou um grito,

⁴⁹ A primeira guerra mundial. Relações sexuais com cadáveres, e até mesmo ataques sexuais com feridos, são fatos que ocorrem em todas as guerras; e um dos muitos aspectos desagradáveis desse tipo de diversão favorita dos governos.

⁵⁰ Note-se que embora o rapaz tivesse sido apanhado em flagrante praticando um ato homossexual com um cadáver, não ocorreu à sua nobre família que seria mais seguro, naquelas circunstâncias, colocá-lo sob os cuidados de uma enfermeira. É que na época “não ficava bem” ter uma mulher provendo um jovem de “cuidados íntimos”. Somos forçados à conclusão de que a hipocrisia social é uma forma de loucura coletiva.

curiosa mescla de prazer e medo, e após agitar-se de um lado para outro na cama, desfaleceu.

-Isto não é epilepsia – a Srs. Firth disse a sua colega – mas algo bem diverso.

-Você pode fazer alguma coisa? – perguntou a outra.

-Eu talvez não, mas conheço alguém que pode.

A Srs. Firth foi procurar George Cecil Jones, sob cuja supervisão ela se colocara após chegar a conclusão de que os Mathers haviam perdido contato com os Chefes Secretos. O adepto ouviu com atenção os sintomas do caso e finalmente declarou que gostaria de estar presente durante um ataque de nervos do paciente da sua colega.

-Eles sempre ocorrem mais ou menos à mesma hora – disse Dion Fortune, ou seja por volta das nove e meia, e dez da noite.

-A que hora, em geral, o primo dele vai dormir? – perguntou Jones.

A idéia não havia ocorrido a Dion Fortune, mas ela se informou por telefone, e ficou sabendo que o primo em geral se recolhia naquele mesmo horário, ocasião que seu enfermeiro se retirava para dormir.

-Sem dúvida nenhuma – disse Jones – eu gostaria de estar presente durante o próximo ataque.

Jones um farmacêutico conceituado e muito bem casado, explicou a esposa que provavelmente passaria a noite fora; e as oito estava no apartamento da colega de D. Fortune.

As nove e meia os cães começaram a latir; a janela de sacada abriu-se suavemente; uma corrente de ar frio percorreu a sala.

-Uma entidade muito desagradável acaba de entrar neste apartamento – declarou Jones. Está ali no canto da sala.

-Eu não vejo nada – declarou a colega de D. Fortune.

-Nem eu – confessou esta.

-Diminuem as luzes – disse o Adepto.

Duas lâmpadas foram apagadas, e as mulheres puderam ver uma espécie de brilho muito fosco num canto indicado por ele.

-Ponham a mão naquilo – disse Jones.

Elas assim fizeram e experimentaram um leve formigamento, semelhante àquele produzido por uma câibra num membro dormente.⁵¹

Jones dirigiu-se a janela de sacada e, mergulhando os dedos num vasilhame de água com sabão que preparara de antemão, pronunciou certas palavras e selou a abertura de toda sua extensão. No centro do piso ele traçou um pentagrama apontando para dentro, seguindo uma forma particular no traçado, e pronunciou um Nome em voz baixa.

-Está saindo da sala! – exclamou Dion Fortune, seguindo o clarão fosco com os olhos.

-Não conseguirá escapar – disse o Adepto. –Todas as vias de acesso estão seladas. Deixei a janela por último exatamente para que a entidade pudesse entrar.

-Como vamos destruí-la? – perguntou D. Fortune.

-Não vamos destruí-la – disse Jones. – Eu vou absorvê-la.

O brilho fosco – a única coisa que as duas mulheres podiam ver com os olhos físicos – recuou passo a passo através do apartamento inteiro, movimentando-se até as portas e janelas apenas para fugir delas. No quarto do paciente, este, de olhos arregalados, acompanhou a entrada de três pessoas (entre elas um quase desconhecido que viera previamente a seu quarto apenas para lhe molhar e fazer gestos Qabalísticos no ar) as quais pareciam saguaro alguma coisa que apenas um deles podia “ver”, e a subsequente saída do trio, sempre em perseguição de alguma coisa impalpável. A Srs. Firth comentou mais tarde que a expressão do jovem tinha sido muito engraçada, e que era pena que na ocasião ela não tivesse tido nem tempo nem disposição para rir.⁵²

A entidade finalmente foi encurralada no banheiro do apartamento, cuja basculante também havia sido selada por Jones; e quando tentou sair novamente, o Adepto colocou-se em

⁵¹ Dormência muscular é produzida por exteriorização parcial ou completa do duplo etérico, e o formigamento resulta de seu retorno ao corpo físico, quando o contato elétrico com os centros nervosos é retomado gânglio por gânglio. O sistema terapêutico chinês da acupuntura se baseia nesses centros onde o duplo etérico está diretamente ligado ao corpo físico.

⁵²Deve-se observar que nesta particular ocasião o paciente não sofreu um ataque epilético, nem desfaleceu, e que nunca mais apresentou tais sintomas depois disto.

frente à porta, recomendando às duas mulheres que ficassem de fora. Passo a passo, Jones avançou para o “brilho fosco” e finalmente “entrou” nele.

Dion Fortune, numa versão altamente glamurizada deste incidente, declarou que, ao terminar de absorver o vampiro, Jones caiu desfalecido. Tal não aconteceu: o Adepto ficou apenas um pouco tonto, e após sentar-se e tomar um dedo de conhaque recuperou-se.⁵³

O resultado desta aventura um pouco sensacional foi que não só o paciente da colega da Srs. Firth como o seu primo pararam de sofrer “ataques epiléticos” e recuperaram a saúde. O ex-combatente, entretanto, continuou a ser homossexual, e durante o resto da vida se tornou célebre na alta sociedade britânica por seus excessos. Estes, porém, foram sempre de ordem mundana, sem quaisquer sintomas de vampirismo ou outros fenômenos ocultos.

O paciente da colega da Srs. Firth confessou à sua psicanalista que sempre sentira que estava sendo atacado por algum “fantasma” quando tinha a crise; mas não ousara dizer isto a ninguém, por medo de ser considerado louco e internado num manicômio.

Jones, quando interrogado por Dion Fortune quanto à origem do vampiro, declarou que não fora um ser humano encarnado, nem um corpo astral habitado por um ser humano, mas apenas um cascão abandonado por alguma pessoa de hábitos parasitas (como um gigolô, um proxeneta, ou certos tipos de padres católicos e mulheres casadas), o qual fora atraído ao campo de batalha pelo sangue derramado; talvez mesmo o corpo astral do morto com o qual o primo mantivera relações anormais. A origem da entidade pouco importava: nas circunstâncias, ela pudera formar um laço magnético com o soldado; e mais tarde fizera o mesmo com o primo deste, no momento em que a mordida no pescoço derramara sangue.⁵⁴

⁵³O processo de absorção consiste em sintonizar nosso corpo astral com a entidade. Para fazer isto é necessário “amá-la”. Normalmente, só um iniciado de um certo avanço está em condições de fazer isto sem prejuízos para si mesmo, pois é necessário aceitar a entidade absorvida como parte de nosso Carma.

⁵⁴Sangue (mas não o menstrual, que está livre de Carma), sêmen e secreções vaginais formam os mais poderosos laços com o plano astral, através do subplano chamado “etérico”.

Não deve ser concluído daí que uma mordida no pescoço ou em qualquer outra parte do corpo, com derrame de sangue, é indispensável à manifestação de um vampiro, ou resulta fatalmente em vampirismo! O fenômeno é de natureza eletromagnética, ou etérica, para usar a nomenclatura criada pelos teosofistas para traduzir os termos hindus.⁵⁵

A manifestação de vampiros pode ocorrer sem qualquer marca aparente no corpo físico.

Em casos, porém de anemia crescente e inexplicável pela medicina oficial, é possível que haja marcas materiais, pois a entidade responsável existe no limiar do mundo físico, como aquela do caso que acabamos de relatar. Mas tais marcas nunca são tão grosseiras como as tradicionais picadas gêmeas do romance de Bram Stoker ou dos filmes de vampiro! Quando suspeitamos que a emaciação orgânica é causada por um vampiro, devemos examinar a pele do paciente com uma lente de aumento. A lente tornará visível diminutos furos semelhantes a picadas de insetos. Segundo Dion Fortune esses furos se concentram mais no pescoço, principalmente debaixo das orelhas, em volta da ponta dos artelhos, ou nos seios. Mas Dion Fortune viveu numa época muito pudica, e não mencionou que tais furos também devem ser procurados na parte interna das coxas, entre as nádegas, e na virilha ou no púbis. Caso sejam notados no corpo de pessoas cujo Meio-Ambiente ou asseio pessoal invalide a possibilidade de serem causados por mosquitos, pulgas e percevejos, então está na hora de considerar a possibilidade de um vampiro, o qual pode, inclusive, estar encarnado e bem vivo, e ir a praia em pleno sol aos domingos!

CAPÍTULO V

⁵⁵Aqueles que julgam que os teosofistas (a começar por Blavatsky a genuína, e a terminar com aqueles dois inescrupulosos charlatões, Besant e Leadbeater) tiveram “acesso à sabedoria secreta dos Mestres do Himalaia” para produzirem suas obras, desiludiram-se: a filosofia mística hindu sempre existiu abertamente em documentos que podem ser examinados por qualquer interessado; mas como estava escrita apenas em sânscrito, eram poucas as pessoas familiarizadas com ela. Crédito é devido a Blavatsky por chamar a atenção do mundo ocidental para a inegável riqueza psicológica do pensamento hindu, quer ligado ao bramanismo, quer ao budismo. Mas Besant e Leadbeater tentaram utilizar a sociedade fundada pela Mestra russa para fins puramente mundanos e políticos. Krishnamurti que o diga.

OS HABITANTES INUMANOS DO ASTRAL

Existem nos planos de energia sutil diversos tipos de seres em evolução, exatamente como neste plano. O folclore de todos os povos e de todos os tempo menciona esses seres sob diversos nomes: Gnomos, Silfos, Salamandras, Ondinas, Fadas, Gigantes, Ogres, Anjos, Demônios, etc...

A quantidade de nomes e descrições parece infundável, mas deve ser atribuída ao fato de que o Astral é tão plástico, e tão disposto a assumir as formas do nosso desejo ou do nosso medo. Os apetites e atitudes culturais das diversas nações humanas produzem modificações na maneira ou no aspecto com que as espécies vivas dos planos sutis se manifestam à imaginação das crianças, dos visionários, ou dos artistas dessas nações. Aquilo que os escandinavos chamam de “troll”, por exemplo, é o mesmo tipo de entidade que os alemães chamam de “ogres”, os franceses de “gigantes”, os árabes de “afrid”, os indígenas brasileiros de “curupira”, e os antigos escravos nas senzalas chamavam de “sacis”; fazem parte daquele tipo de entidade que o moderno candomblé denomina de “exús”.

Essas entidades eram chamadas de Elementais pelos antigos “rosacruzês”, porque habitavam determinados sub-planos do Astral correspondentes a um dos elementos míticos: Fogo, Água, Ar, Terra.

Antes de entrarmos mais a fundo num estudo dessas criaturas e seu relacionamento com a humanidade, é preciso tocarmos rapidamente no assunto de “Mal e Bem”. Todo mundo interessado em ocultismo já deve ter ouvido dizer que o “Mal” não existe; todos os escritores sérios sobre o assunto são unânimes neste ponto, e esta é a maior causa de divergências entre religionários cristãos e os ocultistas, porque os religionários cristãos acreditam no “Diabo”, ou “Satanás”, como uma criatura hostil à humanidade, e dedicada à sua destruição. Recentemente, o “Papa” Paulo VI chegou ao ponto de afirmar publicamente a existência do “Diabo”, sem o qual, naturalmente, não pode haver o “Cristo”; pois, se não houve um pecado original provocado pela malícia do “Demônio”, que necessidade haveria do sacrifício de “Jesus”?

O raciocínio do papa é sem dúvida razoável; mas os cristãos não ponderam que, se “o Filho Único de Deus Padre” foi sacrificado há dois mil anos para salvar a humanidade do “demônio”, o sacrifício parece não ter tido o mínimo resultado: a maioria dos seres humanos continuam tão burros, tão egoístas, e tão mesquinhas quanto eram; principalmente os cristãos! Há quem diga, até, que o procedimento dos cristãos tem sido pior que os dos romanos e gregos “pagãos”, e nós hesitaremos em contestar essa opinião.

Está muito bem negar a existência do “Mal”, e a maioria dos diletantes em ocultismo deve se sentir muito feliz em saber que não existe um poder maligno no Cosmo deliberadamente buscando oprimir a espécie humana; mas essa mesma maioria não reflete que, se o “Mal” não existe, tampouco existe o “Bem”, e não há um poder cósmico deliberadamente buscando salvar a espécie humana das conseqüências da estupidez. A situação foi muito bem expressa em um curto mas profundo poema de um escritor norte americano, Stephen Crane:

“Um homem disse ao Universo:

Cavalheiro, eu existo!!!

-Sem dúvida – replicou o Universo.

-Mas o fato Não desperta em mim

Qualquer senso de responsabilidade

Para consigo.”

Esta é a dura realidade iniciática: tanto o “Bem” quanto o “Mal” não existem no Universo a não ser em termos da conveniência pessoal de cada ser vivo.

Exemplo: para o tubarão, “Mal”, é o arpão do pescador; para a aranha caranguejeira, é o ferrão da vespa caçadora que faz dela, ainda viva mas paralisada, alimento para as larvas da vespa. Para os homens estúpidos, “Mal”, são os homens de gênio que tentam fazê-los pensar.

Sem dúvida, na Judéia intolerante e irritada pelo domínio estrangeiro, o Jesus evangélico, se tivesse existido, poderia ter sido executado; aliás, na Judéia atual, ele provavelmente teria tido o mesmo fim. Mas na Rússia moderna ele seria colocado num manicômio ou, no pior dos casos, seria degredado para a Sibéria.

Nos estados Unidos da América ele provavelmente emigraria para a Califórnia, onde qualquer místico idiota arranja meios de fundar um culto. No Brasil, com tantos milagres, milagreiros e mensagens, ele era bem capaz de passar despercebido.⁵⁶

O “Diabo” representa aqueles aspectos do universo que nos provocam apreensão, medo, repugnância, ódio etc. Existe, um axioma, em antropologia: o deus de uma tribo conquistada sempre se torna um diabo da tribo conquistadora. Isto faz parte do processo de absorção da cultura vencida pela vencedora: desde que a religião de um povo exprime suas ambições de auto-expressão e autonomia, é necessário destruir-lhe a religião e substituí-la por àquela dos conquistadores.

Às vezes o tiro sai pela culatra, como aconteceu na Índia durante séculos seguidos, porque a religião dos conquistados é tão mais sofisticada que a dos conquistadores estes acabam adotando-a, e sendo aos poucos, assimilados na cultura que haviam pensado em derrotar. Tal foi também o caso da conquista da China pelos nômades mongóis.

Tomaremos, por exemplo, Belzebu, um tradicional demônio na mitologia judaica. O nome vem da frase hebraica Baál Zebuh, que significa “Deus das moscas”, e fazia parte originalmente de uma invocação de Al, “deus” em hebraico, contra as moscas, que numa região quente e seca como o Oriente Médio podiam se tornar bastante incômodas.

Acontece que Ba’al era nome de Deus entre uma das tribos semitas do Oriente Médio. Nessa nação, os mortos não eram enterrados; eram cortados em pedaços e a carne era espalhada nos campos de plantio, onde apodreciam e populava de moscas. Os judeus, que ambicionavam – e eventualmente adquiriam, através do método usualmente recomendado pelos profetas de “Jeová”, o genocídio⁵⁷ as terras dessa tribo, adotaram o nome desse deus, como um lembrete do ato que repudiavam, entre a

⁵⁶ Talvez não: alguns anos, apareceu numa cidadezinha do norte um homem anunciando que era Jesus Cristo voltado à terra; quando a polícia interveio, a população estava prestes a crucificá-lo pelo pecados do mundo, calorosamente encorajada por ele. Escrevemos uma peça para a telévisão baseada neste caso autêntico, a qual, é claro não foi produzida até hoje!...

⁵⁷ Parece ironia, mas na realidade é um efeito de Karma racial, que os judeus tenham sofrido às mãos dos nazistas exatamente o mesmo tipo de infâmias que impunham aos “gênios” na época em que estavam conquistando a Palestina a ferro e fogo.

sua hierarquia demoníaca. Ba'al Zebuh eram as palavras iniciais de uma oração: Ó Deus das moscas! Entre os judeus, isto passou a significar "O deus das moscas". Era uma forma sarcástica de se referirem à divindade da tribo derrotada e exterminada.

Examinemos, no entanto, a psicologia por trás dessa medida: significa que o "deus", ou força, ou potência, que seja capaz de proteger um animal tão nojento e insignificante quanto à mosca não pode ser um "deus", ou força, ou potência respeitável; tem que ser um demônio!....

Há nisto uma decisão, por parte de meros homens (e estes fanáticos de mãos sujas de sangue), quanto às criaturas que são de Deus e as criaturas que não são. Mas se as moscas não são de "Jeová", então existe algo na criação que não pertence a "Jeová"; e se existe algo na criação que não pertence a Deus, então existe mais de um Deus.

E assim, antes que percebamos o fato, caímos na religião simplista dos antigos persas, como Ormuz, "o deus da luz", personificando o criador de todas as coisas "agráveis", e Arimã, o "deus da escuridão", personificando o criador de todas as coisas que ofendam os nossos preconceitos.

Muito prático, muito confortável: aquilo que nos agrada e afaga os nossos egos vem de "Deus"; aquilo que nos contraria, que nos incomoda, que nos irrita, que nos humilha, que nos torna ridículos ou fracassados, vem do "Diabo".

Então vemos na Idade Média (e essa idade sombria perdura até hoje em certas partes do mundo) nações que vão à guerra invocando o mesmo Deus para que derrote seus adversários; em nome de um Deus de amor e misericórdia queimam vivos os seus semelhantes, ou trucidam mulheres, velhos e crianças; que em nome de um Deus que consideram onipotente, onisciente e onipresente matam, condenam e perseguem aqueles pioneiros em seu próprio meio que descobrem algo novo, que tentam ampliar a concepção do Universo (e portanto o criador do universo) além dos limites do medo e da intolerância dos teólogos e dos padres.

Galileu é torturado e condenado por dizer que a terra não é o centro do universo; será que o sábio não percebeu que ao dizer isto estava dizendo que o homem não é a criatura favorita nem a mais nobre das criações de Deus?

Satã é uma palavra que vem do hebraico Satan, que significa o opositor, aquele que discorda de nós; e esta palavra hebraica, “satanás” do latim, não é mais que uma corrupção da palavra Sânscrita “Sanatanas”, que significa eterno, e que até hoje, na tradição Hindu, ainda é aplicada as três pessoas da Trimurti (Brama, Shiva, e Vishnu) e às três divindades femininas que lhes correspondem.

Os antigos judeus tinham, é aclaro, contato cultural e comercial com os países do oriente; e procurando desesperadamente conservar a sua existência como tribo, a sua consciência cultural, através de suas peregrinações e vicissitudes, temiam acima de tudo as religiões das nações mais avançadas com que entravam em contato, pois sentiam instintivamente que eram mais nobres e mais amplas que a sua.⁵⁸ Daí a associação da palavra “Sanatanas” com a idéia de um adversário, ou inimigo.

A rejeição pelos judeus do conceito hindu da divindade foi um ato político; e a imposição do seu conceito muito mais grosseiro da divindade, de um Deus Pai puramente masculino e solitário, sobre a cultura ocidental foi uma operação mágicka através da qual o povo judeu até hoje domina moralmente a filosofia e a ética da Europa e das Américas.

O cristianismo, afinal de contas, não é mais que um ramo, ou extensão, do judaísmo.

Queremos dizer com isto que o “Satã teológico” não existe? Sim. Queremos dizer com isto que não existe demônios? Não.

Existem, é claro, entidades de outras linhas de evolução às quais podemos chamar de demônios⁵⁹; mas é pueril e, em certos casos, até insultuoso, pensar que as criaturas que ocultistas chamam de demônios se manifestem conforme as teorias da teologia cristã, e principalmente as dos católicos romanos.

Os “demônios” que obcecaram os “Pocessos” do catolicismo romano, por exemplo, são Elementais Artificiais, ou Cascões, e até mesmo projeções telepáticas (isto é personificações) dos

⁵⁸ Toda aspiração religiosa é inicialmente uma projeção das frustrações do religionários numa forma em que seus desejos frustrados se realizam, ou em que uma consoladora explicação de seus fracassos é provida.

⁵⁹ A palavra “demônio” vem do grego daimonio, e significa simplesmente aquilo que os cristãos chamam de Anjo da Guarda. Era uma entidade que inspirava os seres humanos, e podiam ser “boa” quanto “má”.

recalques dos “pocessos” ou dos “exorcistas”; raramente são demônios no senso que ocultistas dão a palavra.

E quando são, trata-se das entidades menos evoluídas, em outras palavras, das crianças daquela determinada forma evolutiva que chamamos de demônios. Eles estão brincando a nossa custa, é claro. Mas não temos nós também crianças que brincam a custa de outras formas de vida? Ou há quem pense que pendurar uma lata velha no rabo de um gato ou de um cachorro é menos incômodo, para o infeliz animal, do que ter um demônio a tiracolo nos atazanando?...

Talvez seja conveniente darmos aqui uma definição das principais formas de vida que podem ser encontrada no “Plano Astral”. Embora muitas destas definições tenham sido dadas antes, talvez possamos contribuir algum esclarecimento aos leitores além do que eles já possuem de outras fontes. Temos, porém, que fazer duas ressalvas: à medida que nosso conhecimento se amplia, novos tipos de entidades são adicionadas à lista; e a medida que nós mesmos, como seres humanos, evoluímos, nossa percepção dessas entidades, mesmo aquelas com as quais mantemos contato há milhares de anos, se amplia.

Segundo a classificação será feita do ponto de vista iniciático, em ordem crescente de importância. Os iniciados definem a “importância” de uma forma de vida em termos da capacidade que essa forma de vida tem a compreender e controlar o seu Meio-Ambiente. Esta, aliás, é a definição de Darwin, que (na sua linha) foi um dos maiores adeptos de nossa raça.

1. Elementais Artificiais – este tipo de entidade não foi, que nós saibamos, descrito anteriormente no Brasil. O elemental artificial é uma forma criada por um Magista no plano astral. É criada pela vontade e imaginação do Magista, e insuflada com uma parcela de energia vital de seu criador. Dependendo da força, da intenção, e do grau de evolução espiritual (isto é, da maturidade moral) do Magista, serve como uma arma de ataque, como espião, ou como vigilante ou protetor de alguma pessoa ou coisa em que o Magista está pessoalmente interessado.

A formação de tais criaturas é perigosa para o Magista, pois se forem absorvidas por outro Magista, não só o criador perde a energia como um laço mágicko é formado com ele, através do

qual ele pode ser identificado, e até atacado. Apesar das inconveniências do processo, muitos Magistas criam tais formas no astral. O aspecto desses falsos Elementais podem variar muito, e não devemos nos deixar enganar pelas aparências quando os encontramos. Frequentemente uma forma criada com propósitos hostis é moldada de acordo com os nossos preconceitos e parece “linda” ou “amigável”. Também, uma forma tem um aspecto “desagradável” apenas para nos assustar e nos conservar afastados, mas não é realmente hostil. É um espantalho.

Entidades formadas desta maneira não tem existência individual: elas são parte do Magista que as criou, da mesma forma como nossos olhos, braços, ou pernas, são parte de nós. É justamente este laço mágico com seu criador que as torna pontos vulneráveis na armadura deste; mas não há como negar que elas podem ser bastante úteis. Suponhamos que um Magista tenha executado uma operação mágica e queira observar seus resultados, mas ao mesmo tempo tenha outros afazeres: ele cria um elemental artificial e o deixa vigiando os resultados da operação, com ordem de chamar a atenção do seu criador em caso de necessidade. Isto poupa muita energia que poderia, que de outra forma, ser despedida se o Magista fosse forçado a manter sua atenção fixada em sua obra.

Uma sub-variante do elemental artificial é o egrégora. Este é um elemental artificial que, projetado no astral, é adotado por outros Magistas como foco da imaginação e da vontade, e cresce em poder de geração em geração. As imagens astrais dos “deuses” dos homens são sempre egrégoras. São os egrégoras que se manifestam naquela experiência mística que os hindus chamam de Dhyana. Egrégoras estão sempre relacionados com a religião em que crescemos, ou com a cultura que fomos condicionados. Místicos que se deixam obcecar por estas imagens passam a dinamizá-las com a sua energia. Muitos egrégoras atingindo um certo nível de concentração de força, se tornam vampiros.

Tais casos devem ser cuidadosamente diferenciados do verdadeiro vampirismo: o egrégora não “tenciona” vampirizar, porque não tem vontade própria. Quando somos vampirizados por um egrégora, tornamo-nos vítimas de nossa própria imaturidade psíquica, de nosso próprio desejo por um “porto seguro” para a

nossa existência. O caso é semelhante àquele do gato fábula, que lambia uma lima apenas pelo prazer de sentir o gosto do próprio sangue. Nenhum gato seria tão estúpido na vida real! Mas muitos seres humanos o são. A masturbação (tanto masculina quanto a feminina) não é provocada por egrégoras, que se alimentam de nossa energia devocional; mas se o ato masturbatório toma o egrégora como centro de concentração da mente, esta energia também pode ser absorvida pelo egrégora, que assim expande sua existência em outros planos, e se torna ainda mais perigoso. Sacrifícios retualísticos de animais ou seres humanos tem exatamente o mesmo efeito. Neste senso, enfaticamente todo ser humano tem a religião que merece, e seu “deus” é feito à sua própria imagem.

2. Cascões. Em via de regra, os cascões são restos em decomposição dos corpos astrais de seres humanos desencarnados. Mas os cascões também podem ser vestígios, no astral, de entidades de outras linhas de evolução que atingiram o mesmo grau de coesão psíquica que o ser humano. A principal diferença entre um cascão e um elemental artificial é que o cascão geralmente funciona em tantos planos quantos o ser humano a que pertenceu, e conhecia enquanto vivo. Um cascão pode, portanto, existir simultaneamente em diversos sub-planos do astral. O cascão é uma espécie de cadáver: ele conserva a forma do seu ex-ocupante durante tanto tempo quanto a energia que o formou perdurar. Este espaço de tempo pode variar consideravelmente. Quanto mais apegada aos planos grosseiros tiver sido a alma humana, tanto mais tempo o seu cascão persistirá em existência nos planos mais baixos após a morte. São os cascões que se manifestam em sessões espíritas como almas dos mortos. O Cascão de uma pessoa de baixa moralidade é freqüentemente mais perigoso que qualquer demônio.

No caso de iniciados avançados, a força que vitaliza os veículos sutis é quase imediatamente absorvida e transmutada nos planos mais altos (relacionados com aquele subplano do Astral que os hindus chamam de Buddhi e os Qabalistas hebreus chamavam de Neschamah). O iniciado avançado, portanto, não deixa vestígios no astral inferior. As pessoas que alegam estarem em contato com almas dos grandes gênios responsáveis pelo progresso da humanidade estão enganadas ou enganando. No

melhor dos casos (se enganadas) estão em contato com algum elemental artificial criado pelo Adepto, ou com algum egrégora criado por adoradores de imagens lendárias do Adepto. No pior dos casos, estão em contato com algum tipo de elemental brincalhão, que se diverte a custa da credulidade e da preguiça moral do ser humano.

A única forma de obter contato legítimo com a essência espiritual dos grandes iniciados é através de Samadhi.

O perigo que um cascão representa depende, geralmente, da importância que atribuímos ao cascão, e da nossa afinidade com o tipo de apetites que o cascão expressava enquanto seu possuidor estava vivo. Pessoas de mentalidade baixa e de apetites grosseiros se tornam focos de atração para cascões, e se laços forem formados, tais cascões se tornam aquilo que ocultistas chamam de “Larvas”, isto é, vampiros alimentando-se da energia vital dos seres humanos que os acolhem em suas auras.

Não existe no Universo uma entidade estranha à humanidade que esteja dedicada especificamente ao progresso humano; mas a hierarquia espiritual da nossa espécie é formada por membros de nossa própria espécie que progrediram ao ponto de perceberem que seu avanço individual por inteiro depende do avanço da espécie como um todo. O propósito dos Mestres ao nos “auxiliarem” é puramente egoísta: eles querem aperfeiçoar sua percepção e sabem que dependem, para esse fim, do aperfeiçoamento coletivo. Eles sabem que enquanto o ser humano médio não evoluir acima de uma certa gama vibratória, eles, os Mestres, não poderão passar ao Grau evolutivo seguinte. Em seu esforço por acelerar a sua evolução racial, eles estão apenas procurando acelerar a sua própria evolução. Aliás, eles seriam mais imbecis que um teólogo se tivessem qualquer outro motivo: por acaso é a espécie humana mais importante para o Movimento Universal que as formigas saúvas?

Quem quiser entrar em contato legítimo com os Mestres, deverá fazê-lo naquelas mais elevadas esferas dos planos sutis, chamadas de Bhuddhi. Atmã, e Nirvana pelos hindus, e de Binah, Chokhmah, e Kether, pelos antigos Qabalistas hebreus. Qualquer coisa abaixo desse plano será fatalmente falsa e prejudicial a não

ser a concepção que ela desperta na mente humana seja imediatamente cancelada pelo seu oposto.

3. Elementais propriamente ditos. Estas entidades, que os “rosacruzistas” medievais descreveram sob o nome de Salamandras (Fogo), Ondinas (Água), Silfos (Ar) e Gnomos (Terra), variam, como já dissemos, de aparência astral de país a país, e de núcleo cultural de cada raça humana.

Torna-se aqui conveniente fazermos um parêntese para explicar, ou tentar explicar, a concepção que os místicos medievais tinham dos Quatros Elementos. Eles associavam certas formas de manifestação de substâncias materiais com certas gamas vibratórias, ou sub-planos, do Astral. Por exemplo, um rio pertencia ao Elemento Água; mas o mesmo ocorria com qualquer outra forma de líquido. Substâncias sólidas eram associadas com o Elemento Terra; gases de qualquer tipo, inclusive vapor de água ou fumaça, com o Elemento Ar; e qualquer forma de combustão, explosões etc., era atribuída ao Elemento Fogo.

Não havia nisto qualquer intuito de uma classificação científica dos elementos, no senso que a moderna química dá à palavra “elemento”: esse místicos estavam interessados na aparência material das coisas apenas como uma assinatura de certa forças sutis que eles percebiam em si mesmos, e no seu Meio-Ambiente.

O paralelo entre os Quatro Elementos dos místicos medievais e os Tatwas dos hindus é perfeito: Agni ou Tejas corresponde ao Fogo, Aspas à Água, Vayu ao Ar, e Prithvi à Terra. A classificação dos hindus, entretanto, ia mais longe, e eles admitiam mais três elementos místicos. Akasha, Adhi, e Anupadaka. Destes, os místicos medievais revelaram apenas o Akasha, ao qual eles chamavam de Quintessência, ou Elemento do Espírito.

Na realidade, o Akasha não é o Elemento do Espírito. Sua principal função é servir de coordenador de fonte dos Quatro Elementos inferiores. Sua principal qualidade consiste em harmonizar as quatro forças “cegas” em uma rede energética. Nisto, sua propriedade é muito semelhante à do elemento químico que reflete a ação do Akasha no plano físico, o carbono.

Os verdadeiro Elementos Espirituais são Adhi e Anupadaka.⁶⁰ Eles correspondem aos Chakras, Ajna e Sahashara, plexos nervosos, enquanto Akasha corresponde a Visudhi, o plexo cervical.

Os Elementais, existindo e movendo-se em gamas vibratórias específicas, tem a capacidade de estimular o ser humano na direção em que eles vibram. Isto é devido ao fato de que sua presença ou proximidade acelera a circulação das nossas energias através dos plexos que lhes correspondem.⁶¹ O contato com os Elementais, portanto, é fascinante: as Salamandras estimulam nossa coragem a nossa sexualidade positiva; as Ondinas estimulam os nossos sentimentos e a nossa sexualidade negativa; os Silfos aguçam o nosso intelecto; e os Gnomos desenvolvem o nosso senso de proporção relativa as coisas.

Há perigo no contato com os Elementais para seres humanos cuja Vontade não está desenvolvida, pois a Vontade é justamente a faculdade humana correspondente ao Elemento do Espírito, ou Akasha: ela é a nossa capacidade de reunir as Forças “Cegas” do nosso Meio-Ambiente e organizá-las em formas que nos sejam úteis como seres humanos.

Esse estímulo ou contato com os Elementais é análogo ao estímulo provido por drogas psicotrópicas. As pessoas que não tem suficiente equilíbrio anímico para dominarem as reações puramente reflexas provocadas em seu sistema nervoso por tais substâncias correm grande risco de se tornarem viciadas em seu uso. O mesmo ocorre com o relacionamento com Elementais.

Como disse Éliphas Lévi: “o amor do mago por tais entidades é insensato, e pode destruí-lo.”

⁶⁰ Isto é, no nível atual de nosso conhecimento. É bem provável que haja gamas vibratórias ainda mais sutis e profundas.

⁶¹ É impossível, entretanto, atribuir cada um dos chakras a um Elemento em particular com exclusividade, pois todos os Elementos estão presentes simultaneamente nos Chakras físicos, associados e harmonizados (esta harmonização, depende do grau iniciático do ser humano individual) pela energia do Akasha. De uma forma geral, entretanto, podemos atribuir Manipura (plexo solar) ao Fogo, Anahatta (plexo cardíaco) ao Ar, Svadisthana (plexo umbilical) à Água e Muladhara (plexo sacro) à Terra. O processo iniciático estimula a manifestação dos sub-elementos complementares em cada um desses vórtices de forças: a Serpente Kundalini é o símbolo desta transmutação e interação dos elementos. O assunto foge aos limites deste trabalho.

Magistas que estabelecem “pactos” com um elemental, só tem duas alternativas a partir desse momento: ou assimilar o elemental à sua estrutura anímica, ou perder a coesão das forças Elementais em seu próprio ser, sendo pouco a pouco absorvidos na tônica vibratória do intruso. Em tais casos o elemental age de forma análoga à de um vampiro, mas não deve ser responsabilizado pelo processo, que é puramente automático. O elemental pode não ter qualquer intenção de destruir o ser humano, ao qual provavelmente até ama, na medida de sua capacidade de experimentar tal emoção; pela natureza mesma do seu ser, ele terá um efeito desequilibrante sobre a constituição de um ser humano que a ele se abandone.

Existe uma enorme quantidade de Elementais encarnados em forma humana; isto é devido ao fato que raramente um casal mantém relações sexuais com o desejo consciente de engendrar um ser humano. As uniões puramente sexuais frequentemente atraem apenas Elementais a encarnação, pois serem humanos desenvolvidos necessitam de certas gamas vibratórias de ordem mais elevadas para adquirirem forma.⁶²

Tais pseudos-humanos formam a legião dos bípedes implumes de Diógenes. Não deve ser pensado que basta ter forma humana para sermos humanos. Os iniciados definem como seres humanos apenas aquelas criaturas suficientemente desenvolvidas para funcionarem como microcosmos, isto é como estrelas encarnadas. Os demais são humanos apenas em potencial.

A principal diferença entre um elemental e um humano de baixo grau evolutivo é apenas que o humano contém em si uma capacidade de funcionar em outras gamas vibratórias além daquele subplano do Astral de que o elemental deriva sua forma e sua substância.

Por mais controle que um ser humano possa adquirir de um determinado elemento, qualquer elemental daquele elemento sempre terá mais capacidade para agir e mais conhecimento daquele elemento, do que o ser humano. Poderíamos dizer, por analogia, que o ser humano está para o elemental assim como

⁶² Isto absolutamente não quer dizer, como pretendem certos teólogos imbecis, que o ato sexual só deva ser praticado para a procriação da espécie, como é o caso entre animais; a refinação do gozo físico só ocorre em sociedades onde o sexo é considerado como um apetite sadio, e digno de ser praticado até com o uma forma de oração.

um mergulhador profissional está para o peixe. Isto não obsta a que o mergulhador, em que pese à sua incapacidade inerente de se mover no oceano com a mesma mobilidade que o peixe, seja uma forma viva superior ao peixe, de acordo com a definição de Charles Darwin da superioridade de uma de forma viva sobre a outra.

Certos autores classificam os Elementais como mais adiantados ou mais atrasados na escola evolutiva em termos do elemento ao qual eles pertencem: dizem que os Gnomos são mais atrasados, porque pertencem ao Elemento Terra, que é “denso” e as Salamandras são os mais adiantados, porque pertencem ao Elemento Fogo, que é tão “sutil”. Isto é perfeita tolice: os Elementais são mais ou menos adiantados em si, da mesma forma que seres humanos. Há Gnomos sovinas, grosseiros, brutais, que são atraídos à vizinhança de seres humanos que exibem os vícios correspondentes em sua própria aura. Por outro lado, há Gnomos pacientes, prudentes, profundos, e sábios, que gravitam para a vizinhança de geólogos, paleontólogos, pensadores, e pessoas que exibam as qualidades morais correspondentes às desses Gnomos.

Há Salamandras irrequietas, sequiosas por uma sucessão de emoções e paixões intensas e efêmeras, que procuram afinidades com homens e mulheres superficiais, coléricos, impacientes, agitados; e há Salamandras que anseiam por sentimentos e volições refinados, as quais naturalmente tendem a simpatizar com homens e mulheres de caráter nobre, sentimentos elevados, e aspirações puras.

Neste assunto, mais que em qualquer outro, diga-me com quem andas, e te direi quem és.

Os Elementais sentem instintivamente que são criaturas incompletas; e mesmo os mais grosseiros sempre aspiram a fazer parte de um microcosmo. Para eles, é natural gravitar para a atmosfera energética de seres que tenham a capacidade de funcionar como microcosmos. As pessoas que irradiam energia nos planos sutis tenderão a atrair a atenção e a colaboração espontânea dos Elementais; e os tipos de Elementais que atrairão dependerá sempre do grau de desenvolvimento anímico da pessoa, e não do elemento a que o elemental pertença. Quanto mais adiantado o ser humano, maior será a delicadeza, a

sensibilidade, a beleza plástica e anímica, e a profundidade do desejo por harmonia e saber desses Elementais que buscarão entrar em contato com esse ser humano.

Seria errôneo da parte de Aspirantes, dar preferência sempre a Elementais mais adiantados sobre os mais atrasados, entre aqueles que se oferecem para servi-los: para os trabalhos mais pesados, os Elementais mais grosseiros estarão mais capacitados. Você não pede a um pianista de concerto que trabalhe na enxada, nem coloca um brutamontes pouco inteligente como embaixador.

Existem certos rituais mágickos, chamados Rituais dos Elementos, que são utilizados por ocultistas para estabelecer contatos com as forças Elementais. Estes Rituais não são melhores nem piores que os rituais do candomblé. O tipo de entidade que atende ao chamado dependerá sempre do grau de evolução da pessoa que está chamando. A vantagem de um ritual mágicko sobre os outros é que os Nomes e Sinais usados selecionam automaticamente o grau de desenvolvimento das entidades invocadas: Elementais maliciosos ou perversos não ousarão se apresentar. Por outro lado, gente pouco desenvolvida espiritualmente que utilizar esses rituais não obterá resultado algum, pois as forças invocadas, reconhecendo a aura de um profano, desdenharão de se aproximar. Para nos impormos a seres desenvolvidos é necessário provar que somos pelo menos tão desenvolvidos quanto eles. Só os brutos se deixam impressionar moralmente pela força bruta.

Certos autores fazem questão de desaconselhar um contato sexual íntimo encarnados em forma humana: eles afirmam que o elemental é incapaz de proceder com, “moralidade”. Dizem que o elemental não tem “consciência”, é incapaz de amor e dedicação, e exhibe malícia a mínima oportunidade.

Tais afirmativas são muito relativas. O elemental é uma criatura altamente ética, se definirmos ética como consciência entre nossas palavras, nossos pensamentos, e nossos atos; mas a ética de um elemental não é a ética humana. Quando um elemental se encarna em forma humana, ele precisa tentar controlar quatro formas de energia simultaneamente em quatro cavalos, cada um dos quais tenta galopar numa direção diversa. O ser humano não tem preferência por nenhuma das quatro, e

portanto instintivamente busca equilibrá-las em volta do Centro,⁶³ enquanto o elemental devido a sua própria natureza, prefere uma direção particular. Consequentemente, nunca conseguirá equilibrar seus quatro cavalos em torno de um centro estável.

Não é justo, portanto, condenar um elemental encarnado por conduta indecorosa, imoral, ou inépcia. Um elemental tentando funcionar em forma humana está numa posição de tão grande desvantagem que merece nossa paciência, e até nossa simpatia.

Suponhamos, um caso comum: o casamento de um ser humano com um elemental encarnado em forma humana. Não é verdade dizer que o elemental não nos amará; mais é inútil esperar que ele nos seja “fiel” no sentido romano-alexandrino da falsa pudicícia. O elemental é naturalmente atraído por todas as experiências intensas: a força mais importante para ele é sempre a que está mais próxima. Um marido elemental virá dos braços da amante para os da esposa e demonstrará tanto mais afeição por esta quanto mais estiver estimulado pelo seu contato com a amante. Ele ficará extremamente perplexo se a esposa o acusar de falsidade e desamor. Ele ama a esposa; a prova é que ele está com ela! Ele esteve com a outra? Mas o que importa é que ele está com a esposa agora. Cada momento foi feito para ser vivido com toda a intensidade possível. A vida é tão curta!

Este ponto de vista é bastante semelhante ao de uma criança, e é assim que devemos encarar o elemental encarnado: como uma criança. Aliás, não existe uma certa poesia, uma certa beleza, e até uma certa lição de sabedoria, nesta atitude de agarrar a vida com as mãos enquanto dura? Seres humanos que assumem esta atitude tem a imensa vantagem sobre o elemental de poderem assumi-la nas quatro direções de força, em vez de uma só; e podem adquirir muita experiência, e absorver muita vivência, no curto espaço de um encarnação.

4. Anjos e Demônios. Pode parecer estranho aos profanos que classifiquemos juntos estes dois tipos de entidade; mas acontece que tanto um quanto o outro pertencem à mesma espécie astral, e as diferenças entre eles são ao mesmo tempo muito mais simples e complexas do que se imagina. É errôneo, e até

⁶³ Se as Quatro Forças “Cegas” se manifestam em igual intensidade e em direções diametralmente opostas, o Centro está em “Queda Livre. É o “Olho do ciclone” ou a voz do silêncio.

perigoso, encarar os anjos automaticamente como “bons”, e os demônios como “maus”. A melhor descrição das características gerais de anjos e demônios e das diferenças entre eles está num poema chamado “Casamento do Céu com o Inferno” de um grande místico, poeta, e pintor inglês do século XIX, William Blake.

Em geral, pode-se dizer que os anjos são convencionais, formalistas. Para um anjo, a letra da lei – qualquer que seja a lei – é sagrada. Já os demônios são criativos, críticos e pragmáticos. Os demônios estão sempre dispostos a interpretar a lei, de acordo com a conveniência de cada particular ocasião.

Anjos não tem inteligência original; eles são dogmáticos, e escrupulosamente fiéis aos princípios adotados. Um anjo que aceitasse o dogma romano-alexandrino, levaria a sua aceitação até a última consequência: aprovaria a inquisição romana, e encararia a tortura e imolação de seres humanos em praça pública como um ato necessário para satisfazer o enunciado do dogma.

Demônios são rebeldes e individualistas. Um demônio poderia aceitar a Inquisição romana, e até colaborar com ela, mas faria isto apenas para se divertir. Muitos dos demônios tem prazer em destruir a estrutura física da existência humana, que eles consideram um distúrbio da ecologia terrestre, ou simplesmente gostam de ver um humano sofrer. Os anjos não gostam de causar sofrimento, mas não se perturbam em causá-lo, se assim fazendo puderem comprovar seus dogmas ou crenças.

À medida que tanto anjos quanto demônios se desenvolvem e sobem na escala evolutiva, eles tendem absorver os pontos de vistas de outras entidades, e a compreendê-los melhor; eventualmente, até a harmonizá-los com os seus. Consequentemente, tanto anjos quanto demônios mais evoluídos estão dedicados ao progresso espiritual da espécie humana, e a se formaram em certas Falanges nos planos sutis a fim de cooperar com a hierarquia humana na evolução de todas as espécies do sistema solar em termos das necessidades de nossa galáxia. Isto é claro, sem detrimento das necessidades do Cosmo como um todo.

O Livro da Lei, “Liber Al vel Legis”, chamado pelos demônios de “a bíblia do inferno” (porque é a primeira Lei humana que os

demônios e anjos consideram que podem aceitar conjuntamente), é o primeiro passo para uma formulação, no plano físico, das leis que regem o Sistema Solar dentro do Cosmo. Nada do mesmo tipo foi anteriormente dado a humanidade: todas as leis prévias foram apenas uma preparação para *O Livro da Lei*, o qual será seguido eventualmente por outras formulações ainda mais amplas e mais congêntes.

Num certo senso, e muito limitadamente, os anjos podem ser relacionados com o processo anabólico de agregação de força, e os demônios com o processo catabólico de dispersão de força. Mas devemos nos lembrar de que tanto anabolismo, quanto catabolismo são aspectos do metabolismo, e que todo organismo sadio necessita manter um equilíbrio entre ambos para se conservar saudável.

À medida que eles aumentam em compreensão e perspectiva, tanto anjos quanto demônios percebem a necessidade dos pares de opostos, e a essencial harmonia atrás do Princípio de Polaridade.

Vamos detalhar as hierarquias chamadas “angélicas” pela Qabalah hebraica. Elas foram adotadas pelo cristianismo. Devemos lembrar aos leitores que ao contrário do que pensam os cristãos, estas hierarquias incluem tanto entidades dedicadas a construção quanto a destruição, e que a atividade dessas criaturas não devem ser automaticamente associadas em nossas mentes quanto aos conceitos de “Bem e Mal”.

1. As Flamas. Correspondem à primeira esfera de consciência iniciática, ou Malkuth. São Elementais que atingiram suficiente percepção para compreenderem que sua aspiração a se tornarem Microcosmos, pode ser melhor realizadas através de uma aliança com a espécie humana. São chamados de Flamas porque freqüentemente assumem este aspecto na percepção de videntes. É a forma mais perfeita de cada elemento.

Cada elemento místico está dividido em cinco sub-elementos. Ex: O Elemento Terra está subdividido em Terra de Terra, Ar de Terra, Água de Terra, Fogo de Terra e Espírito de Terra. O Elemento do Espírito é “negro”, isto é, absorve toda manifestação em si mesmo. A forma mais rarefeita em que a substância elemental pode se manifestar é como uma Flama, a qual varia de cor de acordo com a energia elemental básica. A confusão entre

Elemento Fogo e o Elemento Espírito decorre disso, é a letra Shin, a tríplice língua de fogo, em hebraico, acumula as correspondências mágicas de Fogo e Espírito. A fonte espiritual de todo elemento mais baixo que o Akasha é a natureza Akásica, e invisível.

2. Anjos. Estas entidades correspondem à esfera de Yesod, ou Fundamento, na Árvore da Vida. Em sua maioria, são estágios mais avançados de Elementais, porque se uniram à estrutura anímica de algum Ser Espiritual do nível dos Microcosmos; mas raramente se tornam microcosmos, nesses estágios. A aparência que assumem varia muito, dependendo dos preconceitos dos seres humanos que entram em contato com eles.

O desejo de se comunicar pressupõe a adoção de um veículo ou símbolo inteligível, que facilite a comunicação. Um anjo portanto, se manifestará como uma criatura refulgente e de asas brancas ou como criaturas de asas de morcego, chifres, rabo em ponta, etc, a uma pessoa que tenha preconceito próprios dos cristãos. Mas assumirá formas inteiramente diversas com seres humanos de outras religiões. Também, em certos casos eles se manifestam diretamente à consciência das pessoas com quem entram em contato, sem assumir qualquer forma, porque tais pessoas não tem preconceitos quanto a esse tipo de forma em que devam se manifestar.

3. Arcanjos. Estes correspondem à Esfera de Hod, na Árvore da Vida. Mesmo os Arcanjos raramente são Microcosmos; a maioria está aliada à estrutura anímica de algum Hierofante do passado. Aqueles que conquistam autonomia anímica freqüentemente tem um nome tradicional, e um conjunto de tradições e lendas, relacionados com sua manifestação. Assim foi o caso de Gabriel que se manifestou a Maomé, o qual não deve ser confundido com o Gabriel que normalmente aparece quando o Magista realiza certos rituais. A diferença entre ambos só se torna aparente dependendo do grau iniciático do Magista. Quanto maior for nossa compreensão espiritual, mais profunda será nossa percepção. As entidades mais evoluídas vêem “Deus” em todas as coisas mesmo as que são feias e malignas.

Na Qabalah hebraica os Arcanjos são chamados de Filhos de Deus (Beni Elohim), ou príncipes. Isto porque Kether, a Coroa, é

chamada de Rei, e representa Deus, e os filhos do Rei naturalmente são príncipes...

4. Os Elohim ou Deuses. Estas entidades são chamadas pelos cristãos de príncipes o que pode causar confusão com a classe anterior, que tem o mesmo nome hebraico; mas também são chamados de Principalidades, ou Princípios. Estão relacionados com a Esfera de Netzach, na Árvore da Vida. Mesmo os Elohim raramente atingem a dignidade de Microcosmos, mas sua esmagadora maioria são absolutamente leais e serviçais à evolução da espécie humana.

5. Os Reis ou Melachim. Estão relacionados com a Esfera de Tiphareth. São conhecidos na teologia cristã por dois nomes diversos: Virtudes e Poderes. As virtudes são de natureza angélica, isto é conservadores; os poderes são de natureza demoníaca, isto é criadores e ou ativos. Em sua maioria os Melachim atingiram a dignidade de microcosmos. Eles se manifestaram diretamente na estrutura anímica das pessoas com quem entram em contato; e muito raramente entram em contato com qualquer ser humano que não tenham atingido o grau iniciático, ou plano de consciência, que a nomenclatura Thelêmica chama de Adeptado. A palavra “rei” usada no *Livro da Lei*, refere-se ao tipo de entidade que atingiu o grau de evolução dessa Falange, e não aos ridículos “reis” criados por diversas religiões, afim de manterem alianças ao poder político e econômico, e controle sob determinado povo.⁶⁴

6. A Falange. Está relacionada com a Esfera de Geburah, que corresponde ao Grau de Adepto Maior no sistema Thelêmico. São os Domínios chamados na Qabalah hebraica de Serpentes de Fogo. (A analogia a Kundalini não é consciência.) Estas entidades em sua grande maioria, não atingiram a dignidade de Microcosmos, e são de natureza “demoníaca”, isto é, ativa e inovadora.

⁶⁴ Tiphareth, a Consciência Humana, é o centro de Ruach, e as Entidades Angélicas que correspondem a essa esfera de consciência são chamadas de Reis porque Tiphareth recebe num raio direto da Coroa, Kether, através da grande influência chamada Grã-Sacerdotiza, a qual representa o Sagrado Anjo Guardião, ou Adonai. Mas do Ponto de vista das Supernas, estes Reis não deveriam ser chamado assim, e sim de Príncipes. A confusão ocorre porque determinados seres humanos não atingiram suficiente adiantamento para lidarem com essas entidades, mas a experiência prática evita enganos. Este assunto novamente está além dos limites desse trabalho.

7. Tronos. São outro tipo de Falanges que correspondem ao Grau de Adepto Isento, e a Esfera de Chesed, cujo símbolo é um Rei sentado em seu trono.⁶⁵ Estas entidades são de natureza “angélicas”, isto é, conservadoras e receptivas.

8. Esplendores. Está relacionada na Qabalah hebraica e é atribuída a Sephira de Binah; mas os Esplendores são entidades da mesma espécie que os Tronos, porém agindo de forma “demoníaca”, isto é dinâmica; ou da mesma espécie que os Domínios, porém agindo de forma “angélica”, ou conservadora. A confusão deve-se a pouca experiência prática da maioria dos Qabalistas e Teólogos. É pura tolice atribuir “esplendores” a Binah, que sempre se manifesta sob forma de Shivadarshana, ou seja, escuridão ou aniquilação, sendo sentida por místicos menos desenvolvidos como uma influência opressora e maligna.

9. Os Querubins, também chamados de Roda Viva na Qabalah hebraica,⁶⁶ são a verdadeira Falange de Binah. Eles são descritos

⁶⁵ Chesed é o “Deus-Pai” cristão: é a imagem simbólica desta Sephira que os místicos obtinham em suas Dhyanas. Já Geburah representa em rei combatendo: seu título em trechos do Velho Testamento é o “Senhor dos Exércitos”. Os diversos nomes ou títulos de Deus utilizados no Velho Testamento estão sempre relacionados com as Esferas de Consciência da Qabalah hebraica. Chesed também era chamado de Gedulah, é a Misericórdia Divina. Tradicionalmente pedia-se clemência ou favores a um rei quando este estava sentado na sala do trono, concedendo audiências. Geburah é a severidade ou Cólera de Deus; e não se considera prudente pedir favores ou clemência a um rei no fragor de uma batalha... A visão do Amém, no Apocalipse é uma tentativa de unir os dois Dhyanas, Geburah e Gedulah em um só símbolo.

⁶⁶ Veja-se em “Liber AL” vel Legis, *O Livro da Lei*: “Que Maria inviolada seja despedaçada sobre rodas; por causa dela que todas as mulheres castas sejam completamente desprezadas entre vós!” Maria inviolada, é um egrégora criado pelo medo psíquico do Amor. Longe de simbolizar, o puro amor espiritual, simbolizando, ainda, ódio e rejeição. A castidade Cristã, tal como é interpretada por teólogos católicos romanos, é uma trincheira contra o Universo: uma tentativa de manter o ego intato, “imaculado”, intocado. Esse egrégora tem que ser destruído, na mente do verdadeiro místico, pela influência das Rodas ou Querubins, antes que a verdadeira Visão de Binah possa ser obtida. Essa Visão une aqueles dois arquétipos aparentemente, opostos, e hostis. A Virgem imaculada, é a Diana dos Efésios, a Grande Puta Universal. Juntas se manifestam como a Mulher Vestida de Sol, do apocalipse.

Este é um assunto muito difícil de ser compreendido pelos místicos do catolicismo romano, ou seitas protestantes, budistas, hindus, e até mesmo maometanas. O Amor, no sendo místico, mágico e espiritual da palavra, é uma virtude positiva: consiste da união, e não na rejeição de união com a consciência de seres vivos. Para existirmos como Egos, é necessário estarmos sempre cômicos de nós mesmos como entidade separadas. Mas para ampliarmos os nossos egos, ou seja, para evoluirmos, é necessário que incorporemos sempre novas experiências ao nosso armazém psíquico, e isso somente será possível através do Amor. A grande

como criaturas de quatro cabeças, porque representam um equilíbrio completo de Akasha das Quatro Direções da Cruz; e são chamados de Rodas porque o seu equilíbrio é dinâmico: eles exercem as Quatro Forças em todas as direções. A tradição de que um Querubim guarda a entrada do Paraíso refere-se a um segredo iniciático. Veja-se o Selo da Ordem de Thelema, que o selo da Besta 666.

As imagens hieráticas das divindades hindus e tibetanas tem freqüentemente uma multiplicidade de braços como raios de uma roda, e quatro cabeças, uma em cada direção do compasso. Novamente não se trata de mera consciência.

Os Querubins são normalmente atribuídos a Chokmah, e não a Binah; mas isto é devida a força dele que emana daquela Sephira.

10. Os Serafins, também conhecidas como Santas Criaturas Vivas, normalmente atribuídos a Kether na Qabalah hebraica, são na realidade a Falange de Chokmah. Kether indiferenciado, além de todos pares de opostos, não é ainda suficientemente conhecido pela espécie humana para especularmos sobre sua manifestação. A Entidade que lhe corresponde é sempre o Senhor (a) do Æon, a Divindade que ocupa, por uma estação, ou ciclo do Movimento Universal, o “Trono de Ra”. Esta é a Estação, ou Æon, de Heru-Ra-Há.

Quanto menos falarmos sobre Ele, melhor, pois assim diremos menos tolice!. Um dos aspectos de sua manifestação é abordado no Oitavo Poema de O “Guardador de Rebanhos” de Fernando Pessoa.

Antes de encerramos este capítulo, seria prudente fazer uma observação sobre o conceito de Microcosmos. Dissemos que certas entidades inumanas atingiram o mesmo grau de evolução da nossa espécie, e não são Microcosmos, da mesma forma que

Putá representa aquela parte da alma iniciada que está aberta a influência do Todo; mas para que a consciência individual possa ser mantida, o Ahamkhara tem que continuar ativo: isto é a Virgem. Como em todo processo vivo, a Puta e a Virgem devem se alterar na consciência humana comum, e devem, ser unidas em um só símbolo da consciência iniciada.

A Puta de Babilônia, embriagada com o sangue dos santos, cavalcando a Besta 666 (seiscentos e sessenta e seis é o número qabalístico do Sol, ou Binah de Tiphareth), e a mesma Virgem Inviolada, é a Ártemis que se entregou apenas a Pã, e ao Todo; e por isto continuou virgem. A Taça que ela leva na mão é o Santo Graal.

nós; mas muitos anjos e demônios atingiram estruturalização sem que possam ser considerados iguais aos seres humanos, pois, a influência do Akasha é automática: ele coordena os Quatros Elementos porque este é o seu poder. Uma criatura dos mundos sutis pode, portanto, aparentar todos os sintomas de individualidade sem ser um indivíduo, no senso que o ser humano o é. Sem uma infusão dos dois elementos acima do Akasha, (Adhi e Anupadaka) nenhuma entidade pode ser considerada como do nível de um ser humano. A percepção da genuína existência espiritual das entidades com as quais entramos em contato faz parte dos ordálios iniciáticos.

Outra ressalva, refere-se a classificação que acabamos de fazer dessas entidades, “angelicais” e “demoníacas” estas se referem ao mais baixo plano de manifestação, chamado de Assiah pelos Qabalistas hebraicos. À medida que ampliamos a nossa percepção, compreenderemos que certas entidades estão num estágio rudimentar de desenvolvimento; enquanto outras, que considerávamos, atrasadas, estavam expressando uma sabedoria de uma evolução além da nossa capacidade de percepção na época em que entramos em contato com elas pela primeira vez.

Assim, como por exemplo, a tradição de cada país, está sob tutela de “arcanjo” não deve ser interpretada literalmente. Os místicos cristãos, naturalmente confusos por virtudes da ineficiência dos seu sistema de pesquisa, tendiam a chamar de “arcânjos” quaisquer entidades que eles percebessem ter autoridade sobre os anjos. No caso do Brasil, Ishmael (ShMoAL em hebraico) tem a numeração 441, que soma 9, o número de Yesod, o Fundamento; mas é evidente que uma Entidade capacitada para representar espiritualmente as energias que criam e mantém um país deverá estar num plano de consciência bastante acima de um “anjo” normal. Pode ser que Ishmael seja um arcanjo; mas se assim for, não se trata de um arcanjo de Assiah, no senso em que o Gabriel que se manifesta em certos rituais é um arcanjo.

Mas estas subdivisões e minúcias são de valor puramente relativo. Quanto mais adiantadas é uma entidade, qualquer que seja ela, mas sua tendência a ver “Deus”, manifestando-se em todas as coisas, e todos os seres. Faz parte do Juramento de Mestre do Templo interpretar todo fenômeno como um “trato particular entre Deus e sua Alma”. Existe um velho ditado em

inglês que podemos traduzir por: “A Beleza está nos olhos de quem a vê”. Por isto, tudo que existe é santo e divino para os verdadeiros santos.⁶⁷

CAPÍTULO VI

MAGICK NEGRA E FEITIÇARIA EM ATAQUES ASTRAIS

Antes de entrarmos no assunto deste capítulo seria conveniente definir os nossos termos. Já dissemos que existe um axioma em antropologia: o deus de uma tribo conquistada sempre se torna o diabo da tribo vencedora. Se não mantivermos este axioma em nossas memórias, tenderemos a cometer os piores enganos em matéria de “Magick Negra e Feitiçaria”.

A concepção que os iniciados tem destas duas coisas é bem diferente das superstições dos profanos. Nós definimos como Magick negra qualquer atividade mística ou mágica que contrarie a evolução da espécie humana; e definimos evolução como expansão e aprofundamento de nossa consciência cósmica.

Isto quer dizer que o uso de forças sutis para produção de efeitos materiais é quase sempre Magick negra. Se o “Jesus” evangélico tivesse existido, e tivesse realizado os “milagres” descritos nas falsificações romano-alexandrinas, ele teria sido o que chamamos de um “Magista Negro”.

Absolutamente não queremos dizer que tais milagres não sejam possíveis. Eles são realizados diariamente em muitas partes do mundo, principalmente por espíritas. Mas do ponto de vista iniciático são fenômenos indesejáveis. As forças dos planos sutis devem ser utilizadas para aumentar nosso conhecimento e capacidade naqueles planos; não para nos restituir saúde física, ou prolongar a nossa existência material, ou angariar “boa sorte” em termos de fama, amor, e fortuna. Quando utilizamos de tais recursos, estamos regredindo e não progredindo; estamos descendo a escada evolutiva em vez de subi-la.

⁶⁷ Sem confundirmos os planos, é claro. O Valor espiritual da dor de dentes ou a santidade intrínseca do arsênico não significa que não devamos consultar um dentista no caso de uma, ou evitar uma ingestão altamente concentrada no caso do outro!...

Existe uma grande harmonia e interação entre os planos: podemos utilizar nossa ampliação de consciência nos planos sutis para melhorar as condições de nossa existência neste e noutros planos mais grosseiros; mas as forças utilizadas devem sempre ser aquelas de que dispomos no próprio plano em que desejamos causar mudanças, e os processos devem sempre seguir a linha natural e biológica da nossa estrutura psicossomática.

Quando um filho resolve a deixar uma religião ou adotar um tipo de conduta que sua família desaprova, freqüentemente a família manda rezar missas por sua alma, e outros rituais de acordo com as crendices. Isto é um ato de “Magick Negra, e Feitiçaria”: é uma tentativa de utilizar forças psíquicas num ataque telepático contra uma consciência humana, a fim de forçá-la a adotar normas de conduta ou pensamento que não são as suas.

Este tipo de feitiçaria é muito comum, e ainda não ouvimos uma voz sequer erguer-se no nosso país para apontá-la como o crime que é.

Quando, por outro lado, um macumbeiro faz uma mandinga para você obter um amor de alguma pessoa, ou o favor de alguma autoridade, isto também é Magick negra ou feitiçaria. Mas do ponto de vista ético existe uma importante diferença: o mandingueiro sabe, e admite, que está executando um enfeitiçamento, enquanto o padre, e a família, alegam que estão pedindo ajuda a “Deus” para trazer uma ovelha desgarrada de volta ao rebanho!

Outra grande diferença, está na preparação de um talismã para atrair amores, de mulheres, etc..., e administração de um “filtro de amor” a uma mulher em especial. No primeiro caso, produzimos uma concentração na energia astral que tenderá a atrair para nós mulheres que estejam dispostas a serem atraídas; não há invasão de privacidade anímica de tais mulheres. Mas no segundo caso trata-se de um envenenamento criminoso. O primeiro caso é Magick elementar, de baixo nível, mas admissível. O segundo caso é Magick negra.

Tentar impedir, a livre expressão da vontade espiritual de qualquer ser vivo é uma forma de Magick negra. Diz *O Livro da Lei*: “ tu não tens o direito a não ser fazer a tua vontade. Faze aquilo e nenhum outro dirá não”.

A tarefa de um Adepto Maior da A.:A.:., é conquistar o perfeito controle de seus poderes mágickos e utilizá-los. Mas o Adepto só utiliza sob a orientação do seu Anjo, que está capacitado para mostrar-lhe onde a utilização de tais poderes serve à execução da Verdadeira Vontade do Adepto, e onde a utilização deles significaria interferência com a Verdadeira Vontade de outro ser vivo.

Há operações mágickas que parecem muito inocentes, e que o profano, ou um estudante de ocultismo de baixo grau, executa sem se perturbar; mas as quais um iniciado de grau mais elevado se absteria de sequer considerar. “Mas sempre para me,” diz Nossa Senhora Nuit (CCXX I: 51). Isto é: nosso progresso não deve interferir com o movimento universal. A ecologia tem que ser respeitada.

Quanto mais adiantado é um iniciado, mais indeciso ele parecerá ao agir. Mais tempo ele levará para chegar a uma conclusão. Não é ele um dos Guardiões do Karma do Mundo? Você acha que ele precisa considerar apenas os apetites ou as aversões de você; mas, e aquele pé de grama ali no canto do seu jardim? Ou aquele elefante trombeteando do outro lado da terra? Eles também são fatores na equação do Mestre.

Como então, consideraremos aquilo que vulgarmente chama-se Magick Negra e Feitiçaria? Simplesmente em termos daquele axioma de antropologia a que nos referimos. As considerações históricas que faremos a seguir estão quase exclusivamente circunscritas à “Magick negra” e a “feitiçaria”, assim como são definidas por culturas onde o cristianismo predomina; mas considerações análogas poderiam ser feitas quanto a outras religiões e outras culturas. O processo é sempre o mesmo.

Desde que a humanidade começou a se organizar em tribos, dois tipos diversos de culturas tem existido: os agricultores, adoradores do Sol, e os caçadores, adoradores da Lua. Os agricultores plantam, ou criam gado, e outros animais; os caçadores vivem dentro do processo ecológico natural limitando-se a modificá-lo apenas para se alimentar ou se vestir.

Muitos antropólogos são de opinião que as tribos caçadoras representam a mais antiga forma de associação humana, e que a agricultura é uma invenção relativamente moderna de nossa espécie. Seja como for, a história da Europa está ligada a

conquista das tribos caçadoras e nomádicas pelas tribos agricultoras que emigraram da Ásia para o ocidentes, ou em outras palavras, ao triunfo dos adoradores do Sol sobre os adoradores da Lua.

As tribos européias e das ilhas britânicas que adoravam, a Lua usavam os cornos lunares como símbolos de chefia ou de nobreza; vestiam-se de peles de animais, eram menores em estatura que os adoradores do Sol, e desconheciam o ferro. Viviam nas florestas ou nas montanhas. Os gregos chamavam-nos de faunos, os romanos de sátiros, os anglosaxões de anõezinhos ou de povo das fadas.

A religião dessa gente consistia na adoração da Lua em seus três aspectos: Jovem (Virgem), Mãe e Avó. Sua forma de governo era matriarcal, e sacerdotisas administravam sua religião. Não praticavam sacrifícios humanos, mas praticavam a liberdade sexual, chegando mesmo a convidar estranhos a partilhar do leito familiar como um gesto de homenagem e cortesia. Celebravam rituais orgiásticos na época dos equinócios e dos solstícios. A homossexualidade de ambos os sexos, faziam parte dos seus rituais. O parceiro da Grã-Sacerdotiza também usava cornos lunares obre a testa como um diadema, e por isto era chamado popularmente de “Chifrudo, ou Cornudo”.

Com a chegada das tribos dos agricultores, as quais começaram a invadir a Europa em grandes leva há aproximadamente três mil anos, o conflito entre as culturas tornou-se inevitável. Os agricultores destruíram as florestas para plantar; tendiam ao patriarca, e consideravam as mulheres como propriedades suas; sacrificavam representantes humanos ao deus tribal durante seus Ritos da Primavera, para assegurar abundantes colheitas ou crias; um sucessor era imediatamente nomeado, e por isto dizia-se que o Deus encarnado, ou vigário, morria e ressuscitava todo ano, exatamente como o Sol fazia todos os dias.

O contato entre as duas culturas, por hostil que fosse, causou necessariamente uma assimilação de traços mútuos. O patriarca começou a ser praticado entre os caçadores e o matriarcado entre os agricultores; lendas explicando o conflito entre os dois tipos de sociedades foram incorporadas em seus ritos religiosos. Eventualmente, um certo nível de coexistência foi alcançado. A

multiplicidade de deuses entre as tribos européias na época dos gregos e romanos simplesmente indica a tolerância mútua praticada entre essas diversas culturas. O intercâmbio entre as classes sacerdotais levou à formação de um panteão de deuses, os quais estavam associados com um, dos “sete planetas sagrados”: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, e Saturno. Não importava qual o deus, ou deusa, adorado localmente: se a divindade pudesse ser atribuída a um dos “sete planetas”, os seguidores se reconheciam entre si, e confraternizavam, a despeito das aparentes diferenças entre seus cultos respectivos.

O advento do cristianismo mudou tudo isto. Os cristãos herdaram dos judeus todos os vícios do dogma israelita sem nenhuma das virtudes. Os cristãos eram patriarcais, monoteístas, e intolerantes com outras fés, que nem os judeus; e sequer toxeram a Qabalah hebraica, nem a concepção altamente refinada que os judeus tinham de Jeová e sua relação com seus profetas, ou vates. Em consequência, a história da “catequização” das tribos européias pelos cristãos (embora tenha sido adulterada, inventada pelos patriarcas romanos-alexandrinos) é uma lameira de sangue e um amontoado de infâmias.⁶⁸

As perseguições e as matanças religiosas perduraram através dos séculos: há cento e cinquenta anos atrás, os “meigos” cristãos ainda estavam queimando vivos os poucos remanescentes da religião do “Chifrudo” em quem podiam botar as mãos. Que não se tratava na realidade de um “Chifrudo” e sim de uma “Chifruda”, é apenas um aspecto da incompreensão e do exagero dos padres inquisidores, infeccionados pela histeria, os recalques e as deformações morais de uma religião malsã.

Os leitores devem compreender que existiam, e existem ainda, diversos ritos religiosos relacionados com a Tríplice Mãe Lua. Seguidores desses ritos, escondendo-se nos locais mais remotos, ou jurando entre si o máximo segredo, preservaram as suas tradições apesar de todas as calúnias, os desatinos a que eram submetidos quando os cristãos conseguiam botar as mãos neles.

As feiticeiras, feiticeiros, curandeiros, gente ciente dos poderes curativos de plantas minerais. A maior parte das

⁶⁸ Para maiores esclarecimento desses detalhes, sugerimos ler “Carta a um Maçom”.

descobertas científicas da Renascença teve origem no conhecimento perpetuado por essa gente tão temida e tão misteriosa. Sabemos que Paracelso, por exemplo, considerado por muitos como o pai da medicina moderna, declarou francamente por escrito que aprendera mais das curandeiras dos campos do que nas escolas de medicina das diversas universidades européias.

Aliás, Paracelso morreu envenenado após ter escrito diversas obras denunciando o charlatanismo e a cobiça de seus colegas.

Compreenda-se que legítimos feiticeiros e feiticeiras nunca adoraram, “Satanás”, o qual era uma invenção da teologia cristã. Mas não importa que nome dessem a sua divindade: para os padres, ela sempre uma forma assumida pelo “Príncipe das Trevas”. Esta tendência intolerante perdura até hoje no catolicismo romano e no cristianismo em geral; mas é cuidadosamente disfarçada em público.

Joana d’Arc foi realmente uma feiticeira, isto é, pertencia ao culto proscrito, assim como Giles de Retz. Joana foi queimada viva, e reabilitada depois de morta como “santa”- Os mortos não falam! Quanto a Giles de Retz, o famigerado “Barba-Azul”, foi acusado de sacrificar várias centenas de criancinhas indefesas nas masmorras de seu castelo. Seus juizes foram padres e nobres que ambicionavam suas terras, e após sua morte suas propriedades e fortuna distribuídas entre esses “juizes”. Nenhum esqueleto de criança foi encontrado para ser exibido no processo: a evidência contra Giles de Retz partiu em de dois empregados que ele despedira por desonestidade, e limitou-se ao testemunho deles.

Estes dois casos são mencionados por se tratar de pessoas muito conhecidas. Mas centenas de milhares de casos semelhantes se repetiram durante séculos.

É verdade que dos autos dos processos contra feiticeiros consta confissão, feita por esses mesmos feiticeiros, das maiores enormidades. Os autos não mencionavam, entretanto, que tais confissões eram arrancadas através de pavorosas torturas: as vítimas eram torturadas até responderem um “Sim”; os “Nãos” eram encarados apenas como relutância da parte dos infames hereges em confessarem os seus “pecados” contra “Jesus Cristo”.

Caso o leitor não tenha percebido bem o mecanismo dos processos, daremos um exemplo concreto.

Cenário: sala de torturas.

Inquisidor sentado confortavelmente num camarote com seus colegas e um escriba: - Mulher, confessa que beijaste o ânus de um bode preto na noite tal de mês tal, que esse bode era satanás disfarçado, e que no dia seguinte beijastes fulana de tal na face e como consequência ela morreu de varíola no verão?

Prisioneira tendo a carne dos seios aos poucos arrancada com pinças de ferro em brasa: -Não!

Inquisidor: -O poder de Satanás ainda impede a boca dessa pobre infeliz. Continuai a tortura até que confesse.

Eventualmente, a prisioneira berrava um “Sim”, gemia um protesto tão indistinto que o inquisidor podia interpretar sua resposta como afirmativa.

Inquisidor: -Louvado seja o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo! Escriba, registre nos autos que a prisioneira confessa que beijou o ânus de um bode preto na noite tal, etc.etc...

A leitura dos processos contra feiticeiros, ou dos gordos tratados sobre feitiçaria escritos pelos inquisidores, dá uma idéia dos abismos de perversidade de que é capaz o ser humano; mas para uma mente sadia, a perversidade está nos juizes, e não nas vítimas.

Não queremos dizer, que não houvesse casos esporádicos de legítimo abuso de conhecimentos ocultos por parte de feiticeiros; mas a espantosa crueldade dos inquisidores ultrapassa os piores crimes que suas infelizes vítimas possam ter praticado.

Quanto aos muitos feiticeiros que eram, realmente, adoradores de Satanás teológico, tratava-se de doentes mentais. Que método era usado para sua cura!

Estabeleçamos, portanto, que quando falarmos em feitiçaria ou Magick negra, neste capítulo estaremos nos referindo a tipos de pratica mágicka ou mística que iniciados consideram prejudiciais a evolução da nossa espécie, e não a “satanismo” tais como são definidos por qualquer ramificação do cristianismo. De fato, como já mencionamos, o caso das missas rezadas pela alma de pessoas que não concordam com os nossos preconceitos cai dentro de nossa classificação de práticas prejudiciais.

Trataremos do “satanismo”, e de outros aspectos ainda mais daninhos do cristianismo, no capítulo sobre correntes mortas. Observaremos aqui apenas que o “satanismo” não deixava de ser uma revolta contra os aspectos restritivos e autistas da teologia e prática cristãs; e como tal, era um passo em direção ao ar livre, embora formulado em termos da própria crença doentia que se desejava abandonar.

Tendo definido os nossos termos, podemos declarar que está claro que feitiçaria e Magick negra são praticados diariamente em todas as partes do mundo. Quando, por exemplo, na União Soviética um dissidente é colocado num hospital psiquiátrico para tratamento, essa pessoa está sendo vítima de um ataque mágicko, o qual é tanto pior quanto maior é sua eficiência. Drogas deformadoras da personalidade são combinadas com sugestão e hipnose no tratamento desses infelizes. É de espantar que meses depois eles apareçam declarando-se publicamente adeptos do Partido Comunista Soviético.

Talvez o leitor estranhe darmos este tipo de exemplo aqui. O que tem haver essas pessoas com feitiçaria ou Magick negra? Mas, simplesmente, queremos enfatizar que definição iniciática de feitiçaria e Magick negra inclui casos como esses. O processo, além dos mais, não é exclusividade dos Soviéticos: é também utilizado nos assim chamados países-livres, há mais de meio século. Não só pessoas ricas são declaradas insanas, e internada, enquanto seus parentes administram suas posses, como também letrados ou cientistas que ofendem os padrões vigentes são constantemente colocados em asilos. Três exemplos recentes num dos países mais progressistas do mundo, os Estados Unidos da América, foram do escritor Ezra Pound, o psicólogo Wilhelm Reich, e o professor Timothy Leary.

Ezra Pond foi posto num manicômio por ter se declarado a favor dos fascistas na Segunda Guerra mundial. Era um dos maiores poetas americanos, e foi libertado alguns anos. Deixamos claro que não somos simpatizantes do fascismo, mas não temos o direito de restringir a ninguém a liberdade de tentar mudar a opção dos métodos punitivos de outras facções.

Wilhelm Reich foi posto em um manicômio por insistir que deve ser permitido às crianças, desde a mais tenra idade, observar a atividade sexual dos adultos. O choque de ser

internado desequilibrou-lhe a mente, reconhecidamente e internacionalmente brilhante, e morreu doente por ter sido internado.

O professor Timothy Leary foi posto num manicômio por defender o uso do LSD, e ensinar gratuitamente a sua fabricação caseira. Recentemente foi libertado, e tem feito conferências contra o uso de psicodélicos, programadas por autoridades governamentais...

Se conseguimos deixar bem claro esse ponto, poderemos agora tratar daqueles casos especiais de restrição da vontade alheia em que os meios de restrição utilizados funcionam através de planos sutis e de faculdades menos conhecidas entre as que compõem a estrutura psicossomática do ser humano.

Para enfeitiçar, é necessário possuir um laço mágicko com, a pessoa que tencionamos influenciar. Este laço mágicko deve ser algo que exista, pelo menos em parte, como substância material (pois estamos usando forças sutis para produzir efeitos no plano físico), e que esteja magneticamente sintonizado com a vítima: um objeto de seu uso constante, ou impregnado por uma das suas secreções naturais de seu organismo: lágrimas, suor, sangue, sêmen, secreções vaginais. Também servem mechas de cabelo, aparas de unhas, e até fezes. Entretanto, o sangue menstrual não pode ser usado, porque não contém traços pessoais, ou melhor está livre de Karma. Pode servi de alimento mágicko, mas não formará automaticamente um elo com a mulher que o emitiu. É sabido que o sangue menstrual é tão estéril quanto a água destilada. Por motivos análogos sangue, ou sêmen de um iniciado de um certo grau são estéreis magicamente. Se estas substâncias forem utilizadas como laços mágickos para feitiços, o feitiço voltará sobre o feiticeiro inevitavelmente.

Estando de posse de seu laço, o executor do feitiço procura criar uma corrente astral utilizando-o como foco. Em teoria, a afinidade da gama vibratória do laço com a pessoa que deseja atingir fará com que a corrente astral se transmita em direção a essa pessoa, e a golpeie.

Está é a teoria. Na prática, muitos obstáculos podem se apresentar. Primeiro, a capacidade do feiticeiro de produzir uma corrente suficientemente forte; segundo, as circunstâncias

magnéticas em volta da proposta vítima; terceiro, a constituição psicossomática da mesma.

Se o feiticeiro não tiver desenvolvimento mágicko, será incapaz de produzir uma corrente suficientemente forte para se irradiar em direção a vítima.

Se a vítima estiver geograficamente longe do feiticeiro, ou do outro lado do oceano, ou numa ilha, ou rodeada de pessoas saudáveis que a estimam, novamente será extremamente difícil que ela seja alcançada pela corrente. (certas exceções a esta regra serão mencionadas no capítulo correntes mortas.)

Se a suposta vítima for o que se costuma chamar de um “espírito forte”, isto é, uma pessoa de saúde robusta, temperamento alegre, e pouca imaginação, será também, extremamente difícil objetivos dessa operação, independente de quem seja o feiticeiro, e suas habilidades.

Infelizmente, na maioria dos casos que ataques mágickos deste tipo ocorrem, a vítima também está interessada em Magick ou ocultismo, e tenderá a possuir uma imaginação ativa e um temperamento sensível. Em tais casos, ela poderá se tornar vulnerável a influência do enfeitiçamento.

Há várias maneiras recomendadas por ocultistas para neutralizar o feitiço. A primeira naturalmente, é destruir o laço mágicko. Mas freqüentemente isto não é possível, por se ignorar o seu paradeiro. Outras aqui seguem:

1. Se a corrente hostil é mais intensa à noite, coloque pontas afiadas de aço no quarto da vítima. Elas agem como para-raios, dissipando a corrente.

2. Coloque um pires contendo algum ácido de evaporação rápida, como nítrico, puro ou diluído, no quarto da vítima. A reação do ácido provoca uma reação atmosférica em que a concentração de forças no plano Etérico se torna extremamente difícil.

3. Convença o paciente a morar numa ilha, ou a dormir numa casa construída sobre uma corrente de água subterrânea.

4. Sele astralmente a residência do paciente, e como precaução adicional faça-o dormir rodeado por um círculo mágicko. Não é difícil formar um círculo mágicko no Astral: basta traçar com um gesto um círculo em volta da cama do paciente, e imaginar que uma barreira de fogo se ergue à medida que nossa

mão se move, projetada por nós. O próprio paciente pode fazer isto, lembrando-se, porém, de que ao nascer do sol a força se dissipará; e também de que, se ele deixar o leito por algum motivo durante a noite, será necessário refazer o círculo em volta deste quando regressar.

Em casos extremos, pode ser necessário manter a vítima sob guarda de um iniciado, ou até mesmo identificar o atacante astralmente e anular seu esforço.

Como os veículos sutis do paciente estão sob ataque, será necessário compensar a necessidade fisiológica de certas substâncias que são gastas em maior quantidade por um organismo submetido a tensões nervosas, ou perturbações mentais. Entre estas, as vitaminas do complexo B, e C.

A alimentação deverá ser leve, mas altamente nutritiva, sendo conveniente que a vítima mantenha-se ocupada em seus afazeres normais, e evite contatos com Magick, misticismo, e principalmente espiritismo, enquanto durar o ataque.

Caso um receio de morrer se apresente, a pessoa deverá ser encorajada a cultivar um esporte que envolva um certo perigo físico; pois não há nada melhor para combater um perigo imaginário do que o desenvolvimento da coragem em nosso caráter.

A fase da lua deve ser levada em consideração: correntes astrais são mais facilmente formadas durante a lua crescente, e a medida que a lua cheia se aproxima a intensidade dela aumenta. Com a lua nova, a energia se dissipa, e o feiticeiro tem de recarregar sua corrente para voltar ao ataque. Ora, mesmo o mais poderoso dos feiticeiros acabará por desistir se você resistir ao seu ataque durante três luas novas seguidas: ele terá que passar pelo menos um período equivalente se recuperando antes de tentar nova investida.

Além da simples forMaçom de uma corrente astral, o feiticeiro pode trabalhar sobre sua vítima de formas mais diretas: ele pode enviar um elemental artificial para efetuar o ataque, ou um elemental legítimo sobre o qual conseguiu obter domínio, ou um demônio, ou até mesmo seu próprio corpo astral.

Como já dissemos um elemental artificial envolve um certo risco para a pessoa do feiticeiro; se o elemental for identificado e absorvido pela vítima, ou por um Magista, a força do feiticeiro

ficará bastante fragilizada, e a corrente hostil repercutirá sobre ele.

Já um elemental legítimo deverá ser encarado como um simples instrumento; ele raramente possui capacidade moral para perceber que está cometendo um ato reprovável. São Elementais, em via de regra, que produzem os fenômenos associados com movimento de objetos, estalidos, queda de água, e outros líquidos, odores desagradáveis, incêndios espontâneos, etc... Estes Elementais podem ser afugentados pela queima de perfumes que lhes são indesejáveis, ou seja, que pertençam à força contrária.

Uma Neófito da A.:A.:, em certa ocasião convenceu uma amiga a se desligar de um centro espírita. Pouco depois, pequenos incêndios inexplicáveis começavam a ocorrer na residência da Neófito. A princípio ela pensou que se tratava de defeitos na instalação elétrica, ou outro incidente qualquer, mas a repetição dos incidentes levou-a à conclusão de que uma salamandra era responsável. Recorrendo ao seu instrutor, ele recomendou queimar diariamente benjoim, rosa, ou mirra, ou uma mistura dos três em partes iguais, na direção dos pontos cardeais, ao nascer e por do sol, até a fase seguinte da lua nova. Isto feito os incêndios cessaram e não mais se repetiram.

Há raízes que são repugnantes aos Elementais mais grosseiros de qualquer elemento: as mais fáceis de conseguir são o alho a cebola. Pendurar alho cortado nos aposentos, e deixá-lo ali durante um dia e uma noite, e em seguida queimá-lo, freqüentemente afugenta Elementais traquinas e maliciosos. Gente do campo na Europa segue uma receita obtida dos antigos feiticeiros adoradores da Lua: quando estão para receber uma visita de pessoas suspeitas, colocam cebolas na sala de visita ou outro aposento que calculam que a pessoa possa entrar, e queimam as cebolas no fogão assim que as visitas se vão.

É bem provável que modernos desodorizados de ambientes tenham um efeito semelhante em muitos casos; mas a evidência neste sentido ainda não é suficiente para que nos incluamos aqui.

Se o atacante emprega demônio, a situação se torna um pouco mais séria. Feiticeiros que utilizam demônios são Magistas, e só podem ser combatidos por Magistas. A utilização de uma entidade demoníaca na obtenção de ambições puramente

peçoais é muito perigosa, pois, a afinidade contraída com a entidade estimulará, ao Psicossoma do feiticeiro, o desenvolvimento exagerado de qualidades demoníacas.

Alguns Magistas são extremamente imprudentes, em tais assuntos. Em certa ocasião, um indivíduo prestou um favor a um certo dervixe, o qual em sinal de agradecimento, colocou um de seus familiares a serviços do benfeitor. A entidade era capaz de fazer objetos aparecerem ou desaparecerem, ou serem transportados a uma curta distância; e o benfeitor que era um homem de mentalidade bastante simples, se pôs a fazer carreira como prestidigitador de esquina.

-Muito bem, mas tome cuidado – disse o dervixe, - pois o demônio tentará você a roubar.

Durante algum tempo o benfeitor do dervixe obteve grande sucesso realizando truques inexplicáveis de ilusionismo; mas eventualmente começou a subtrair o dinheiro de carteiras que fazia desaparecer durante o espetáculo, e acabou sendo colocado na cadeia. O demônio voltou para o dervixe.

Não podemos acusar o dervixe dos roubos cometidos pelo prestidigitador, sob a influência da entidade, mas achamos que ele deveria ter ponderado ser pouco provável que uma mentalidade simples como a do seu benfeitor pudesse resistir a influência insidiosa da entidade, e que deveria ter evitado colocar os e dois em contato. Consideramos até que esta imprudência da parte do dervixe indica que ele estava mais que influenciado pela companhia dos espíritos sob seu comando do que é desejável para qualquer Magista equilibrado.

Muitos milagres podem ser executados através de demônios; tais milagres sempre tem um preço. Nenhuma pessoa que ainda não tenha alcançado o Conhecimento e a Conversação do Sagrado Anjo Guardião está em condições de lidar eficientemente com entidades demoníacas, e feiticeiros que utilizam tais entidades para atacar ou prejudicar seus semelhantes estão iniciando um tipo de conduta que pode levar a dissociação total entre a personalidade e aquela Trindade Espiritual sem a qual nenhum tipo de entidade pode ser chamada humana.

O propósito da evolução de nossa raça é nos tornarmos deuses, não demônios; e o propósito dos demônios que prestam serviços a seres humanos, é se tornar um deles, ou seja

microcosmos; e não transformar as pessoas a que servem em demônios.

É preciso que se perceba que os demônios não agem descritivamente sobre as personalidades do feiticeiro por malícia deliberada. Um demônio é uma entidade que exerce um certo tipo de força, que vive numa certa gama vibratória. O contato com essa entidade sempre tende a produzir um excesso na natureza humana, na direção da força que ela emite.

A penalidade que pagamos por sermos microcosmos é que contemos em nós todas as tendências a que entidades demoníacas podem estar inclinadas; e se estas tendências são estimuladas por contato com demônios além do ponto de equilíbrio, nós não mais controlamos os mesmos, ou seja nos tornamos verdadeiros demônios.

Nisto está o mistério da perversidade humana. Os demônios não são culpados, porque eles não são perversos. A perversidade só é possível a uma entidade capaz de contrariar sua tendência natural de conduta. Só um microcosmo está em condições de ser perverso, pois somos criaturas complexas para ter diversas alternativas de ação em seus planos de existência.

É preciso compreender que os demônios não são “maus”. Eles são simplesmente entidades com certas formas de manifestação. Quando crianças torturam animais ou insetos, e se deleitam neste tipo de ação, estão sob a influência de entidades demoníacas; mas entidades demoníacas não encaram a tortura do animal como nós. Para eles está havendo uma dissociação de energias, uma dispersão de forças até então coaguladas.

Quando um caçador mata um animal para lhe comer a carne, ele está utilizando energias demoníacas em seu ato, mas neste caso está utilizando esta maneira dentro dos limites ecológicos do universo. Os animais também matam para comer. Mas quando o caçador mata o animal pelo simples prazer de caçar, por simples ato esportivo, como ocorre por demais; este caçador está emitindo suas energias psicossomáticas, estimuladas por entidades demoníacas, e que assumem uma importância excessiva em seus processos de vivência. Se ele deixar que tal prazer inecológico se desenvolva e aumente, ele corre perigo de se tornar eventualmente um sádico assassino.

As chamadas “tentações dos santos” estão relacionadas com este problema da perversidade. Em determinadas fases do processo iniciático, seja qual for o sistema que praticamos, nós nos atunamos forçosamente com influências nos planos sutis que existem naquela mesma onda de energia na qual, na ocasião, estamos atuando. Ao avançarmos até um certo ponto, percebemos que o “bem e o mal” só existem para microcosmos: a todo e cada momento, é necessário que decidamos, por nossa própria conta e risco, que ato nosso será “bem ou mal”. Estas são percepções relativas de nossa conduta. As mais ínfimas coisas nos perturbam, porque estamos sob o embate de forças que poderão se desequilibrar ao mínimo descuido. Chegamos a ter medo de agir, este é o pior medo que podemos ter. Estas fases em nosso desenvolvimento psíquico são análogas a acessos de loucura, e podem acabar em alienação mental, se não mantermos nosso autocontrole. Nem deve ser pensado que podemos nos tornar alienados na direção do “mal”. Podemos nos desequilibrar tanto por excesso de nossos vícios, como pelas nossas virtudes. As misérias presentes da humanidade não resultam de obsessão demoníaca, e sim de mil anos de excessiva dedicação ao lado “angélico” de nossas personalidades.

Torquemada, que foi um monstro muito pior que Nero, entretanto era obcecado por “anjos”, e não por “demônios”.

O primeiro passo em direção à sabedoria consiste numa franca e objetiva avaliação da relatividade de todos os nossos valores. A hipocrisia é o pior inimigo da Iniciação. Podemos esperar mais de um feiticeiro que desavergonhadamente admite a sua maldade, e se vangloria dela, do que de um cristianismo que justifica sua crueldade e mesquinhez em termos de necessidade de dogmas, como aconteceu com a maldita Inquisição.

Que Messias poderá dar visão a um cego que não quer ver?

Para combater um ataque efetuado por um feiticeiro através de um demônio é preciso controlar o mínimo de acesso de cólera, a mínima tentação de conduta inecológica, o mínimo de arroubo de ciúme e inveja, e mínima manifestação de medo! Por outro lado, é necessário controlar nossa vaidade, o nosso orgulho de nossas “virtudes”, o nosso senso de “superioridade” moral sobre

o demônio ou feiticeiro. Em suma, é essencial buscarmos o equilíbrio psicossomático em todas as direções.

Comparem o que foi explanado, com o que está escrito em “Liber Tizarddi **vel Hamvs Hermeticvs** svb figvra 370”, um dos Livros Sagrados de Thelema.

“33 – Eu vos revelo um grande mistério. Vós que estais de pé entre o abismo da altura e o abismo da profundidade.

“34 – Em cada um espera-vos um Companheiro, ou Companheira; e aquele Companheiro ou Companheira, é Vós Mesmos.

“35 – Vós não podeis ter outro Companheiro ou Companheira.

“36 – Muitos tem-se erguido, sendo sábios. Eles tem dito: procura a Brilhante Imagem no lugar sempre dourado e une-te com Aquilo.

“37 – Muitos tem-se erguido, sendo loucos. Eles tem dito: desce ao Mundo da escuridão esplêndida e une-te àquela Criatura Cega da Lama Viscosa.

“38 – Eu, que estou além da Sabedoria e da Loucura, ergo-me e vos digo: Realizai ambas essas bodas! Uni-vos a ambos companheiros!

“39 – Cuidado, cuidado, digo Eu, não procureis um deles para perder o outro!

“40 – Meus adeptos estão retamente erguidos; suas cabeças acima dos céus, seus pés abaixo dos infernos”.

Sob o ataque de entidades demoníacas, é necessário que a vítima mantenha absoluto controle de si mesma. Um demônio só pode agir sobre nós através de nossas afinidades anímicas com ele. Não é difícil manter auto controle, e o importante é não negligenciar os pequenos detalhes. Como diz Lao-Tse: se fizermos as grandes coisas enquanto elas são fáceis, e pequeninas, eventualmente estaremos fazendo coisas difíceis e importantes sem a necessidade de exercermos pequenas irregularidade de conduta, pelo simples fato de que são pequenas, eventualmente poderemos nos perceber cometendo enormes falhas de conduta, que nos exigirão um imenso esforço para que possamos neutralizá-las”.

Se temos um módico de autocontrole, podemos identificar quais tendências em nós são exacerbadas durante um ataque, e manter uma rédea firme sobre elas. É possível, inclusive que nosso autodomínio desperte a admiração e o respeito do demônio a tal ponto que este se prontifique a nos servi. Isto é tanto mais possível porquanto o demônio, em via de regra, despreza o feiticeiro que o enviou: para executar um ataque mágicko através de um demônio é necessário que o feiticeiro se atune de tal modo com a influência demoníaca que ele se torna um demônio. Demônios mais desenvolvidos sentem instintivamente que o feiticeiro decai de dignidade humana para se tornar um fantoche das influências que eles representam.

Por entranho que pareça, ataques perpetrados através de entidades demoníacas podem ser um meio precioso de auto-aperfeiçoamento para a vítima, se esta conseguir manter domínio de si mesma. As influências demoníacas limparam as faculdades sutis do atacado de todos os excessos, impurezas e resíduos. Em alquimia, o simbolismo deste tipo de operação é dado no aforisma: “É preciso ter ouro para fazer mais ouro”. O ouro em estado bruto, combinado com outros metais, era obtido em estado puro através do processo de colocá-lo numa solução de Vitríolo (ácido sulfúrico). Os metais mais baixos eram dissolvidos pelo ácido, e só o ouro permanecia.

A alquimia sempre existiu em diversos planos simultaneamente. No plano material, o Vitríolo era simplesmente ácido sulfúrico; mas em outro plano simplesmente simbolizava essa energia demoníaca de dissolução através da qual todas as escórias eram removidas, deixando apenas o puro espírito, simbolizado pelo ouro. A palavra Vitríolo, em si, é um “Notariqon”, isto é, as letras são as iniciais de outras palavras, as quais em seu conjunto formaram uma frase latina com significado místico que pode ser traduzida em português por “VISITA AS PROFUNDEZAS DA TERRA; ASSIM OBTERÁS A PEDRA OCULTA”. Nisto está, também, o simbolismo da “descida do Cristo aos Infernos”, sem a qual a “redenção”, é impossível.

Existia apenas uma solução capaz de dissolver o ouro, e era chamada de “água régia”, ou água soberana. Está água simbolizava aquela água negra e insidiosa, o Mar Amargo, o Mar Morto, e o Oceano de Binah; também chamada de Águas do

Esquecimento em que a alma dos mortos se banhavam em Mistérios de Eleusis. Quimicamente, a água régia era uma mistura de uma parte de ácido nítrico com três partes de ácido clorídrico.

Em qualquer contato com demônios é preciso manter uma atitude calma e firme. É necessário não insultarmos essas criaturas a despeito de todas as provocações que elas nos farão a fim de perturbar nosso autocontrole: elas tem tanto direito a existência quanto nós. O que elas não tem direito é nos restringir na execução de nossa Verdadeira Vontade, e neste ponto nós poderemos interpelá-las com todo vigor. Mas não devemos jamais nos encolerizar, ou temê-las. Também, não devemos discutir com elas. Silêncio, concentração e economia de gestos e palavras, quanto estes são necessários: esta é a maneira de lidar com demônios.

Não devemos jamais esquecer que essas criaturas fazem parte da ecologia universal. Comemos carne de boi, e isto faz parte da economia da natureza sobre a terra. Mas seremos muito estúpidos se julgarmos que o touro e a vaca, foram criados apenas, para nos alimentar com bifes! Toda espécie viva luta pelo seu auto-aperfeiçoamento. Sem dúvida a ingestão de carne bovina introduz certas vibrações de ordem mais pesada em nossa psiquê. Mas isto nos permite viver e atuar em ambientes onde o vegetarianismo só conduziria à intolerância ou a impotência. Por outro lado, a nossa ingestão de carne bovina provê um elo magnético entre uma espécie mais evoluída, e uma menos evoluída, o que introduz nossa gama vibratória na atmosfera psíquica da espécie cuja carne ingerimos, e esta interação beneficia tal espécie.

É por este motivo que pessoas vegetarianas são tolas e egoístas.

Devemos frisar novamente, para terminar, que os demônios não atacam um ser humano deliberadamente. Em caso de ataque, algum interesse de outro plano estará incitando as entidades utilizadas. Às vezes a influência atrás dos demônios não é maligna; alguns Mestres utilizam as falanges demoníacas para testar seus discípulos ou auxiliá-los (sem que eles saibam) na purificação dos seus veículos.

Podemos falar agora dos feiticeiros que utilizam seu próprio corpo astral em ataques mágickos. Como já observamos, eles

correm um risco grande; consequentemente, poucos feiticeiros ousam fazer isto a não ser que tenham um corpo astral bastante desenvolvido. Existem feiticeiros muito fortes astralmente, principalmente no plano etérico ou prânico. Poderes mágicos não são uma garantia de elevação moral ou progresso espiritual da parte daqueles que os possuem e os usam. Muitos seres humanos de baixa evolução podem executar feitos assombrosos no astral.

Milagres, autênticos ou falsos, nunca provam coisa alguma. A principal utilidade dos milagres descritos nos “evangelhos” falsificados pelos romanos-alexandrinos consistia em desviar a atenção dos leitores da banalidade filosófica ou superficialidade ética da “mensagem do Cristo”.

Há apenas uma considerável vantagem na utilização de nosso próprio corpo astral em um ataque: uma entidade humana, sendo microcosmo, não pode ser impedida de penetrar num círculo por selos e defesas que normalmente o manteria inexpugnável contra entidades de qualquer outro tipo. Aliás isto se aplica em qualquer entidade que atingiu a dignidade de microcosmo, não apenas a espécie humana. Mesmo esta vantagem, apresenta risco.

Em 1964 e.v., quando as forças sinistras da reação católico-romana estavam no auge, nós executávamos um ritual de banição quando sentimos a entrada em nossa aura do corpo astral de um padre romano que, ousando, mas ao mesmo tempo assustado por sua própria temeridade, pronunciou estas palavras: “Jesus! Maria!” enquanto buscava incorporar seu corpo astral ao nosso. No plano em que ele se encontrava fazendo isto, a operação provavelmente lhe parecia muito fácil, desde que nosso corpo astral não só estava pouco desenvolvido, como também, tinha sido profundamente ferido por um anterior ataque mágico por parte de um padre, ao qual não conseguimos identificar fisicamente, apenas na vibração astral.

Embora nos sentíssemos ligeiramente ofendidos pelo receio do nosso visitante em entrar em contato conosco, e bastante insultados pela invocação de forças ilusórias em nossa aura, o nosso grau nos exigia dar plena liberdade a essa consciência. Mesmo que, num plano mais baixo, tivéssemos desejado expulsá-lo de nossa aura, não nos teria sido possível: astralmente ele mais

forte que nós, e comparando a solidez do seu corpo astral, o nosso era como uma névoa em volta de uma rocha.

Mas com o disse Fernando Pessoa em seu Ultimato, profetizando sobre a Nova Era, o super-homem será, não o mais forte, mas o mais completo. Alguns dias após sua invasão de nosso círculo, esse padre que havia publicado um livro sobre a “Eterna Aliança” prometida por “Jesus” a seus “discípulos”, estava em uma livraria assinando autógrafos quando foi acometido por um ataque cardíaco e caiu morto.

Não levantamos um dedo contra este indivíduo. Sua morte adveio de sua percepção íntima, após contato conosco, de que sua existência inteira estivera baseada em falsidades e erro. O Anahatta é o centro coordenador das energias psíquicas abaixo do Abismo.

CAPÍTULO VII

AS CORRENTES MORTAS

Está escrito no “Livro da Lei”: “Abogados estão todos os rituais, todos os ordálios, todas as palavras e sinais.”

Isto significa que TODAS, as correntes religiosas do Æon passado perderam contato com os planos espirituais. Aqueles grandes iniciados que lhes deram origem retiraram-se ao Silêncio, aliando suas forças à gama vibratória do Novo Æon.

Thelemitas devem fazer um gesto de exorcismo ao passar por qualquer pessoa envergando o hábito de qualquer religião do Æon morto. Isto é por dois motivos: primeiro, porque a aura dessas pessoas é um foco de força estagnada; segundo, porque muitos membros desses cleros são, literalmente demônios encarnados.⁶⁹

As tendências morais e emocionais que tornaram possível as espantosas perseguições e matanças religiosas do passado ainda existem na psiquê coletiva; não se manifestam abertamente apenas porque as forças construtivas da raça as mantém sob

⁶⁹ O gesto consiste em mover um dos braços em arco diagonalmente em frente do corpo e para trás, desviando ao mesmo tempo a vista e dizendo claramente, mesmo em voz baixa, as palavras: “Apo pantos Kakodaimonos”, que em grego significam “Para trás de mim os espíritos de discórdia”. O mesmo gesto deve ser feito e pronunciada as palavras ao entrar em edificações em que essas religiões celebrem seus cultos, e que contenham membros de seus cleros.

controle. Mesmo assim, ocasionalmente elas desenfreadam: os massacres do Vietnã, Polônia, Hungria, Checoslováquia, e outros países do bloco marxista; o recente genocídio de Hitler pode ser contrastado com as matanças (cuidadosamente censuradas nos jornais) de ingleses e palestinos, perpetrados por judeus a fim de fundar o Estado de Israel. Biafra, Uganda, Congo, Angola, Filipinas, e o Camboja, são mais recentes ainda; alguns continuam fontes de infames cabeçalhos.

Somente um leitor muito ingênuo pensará que o simples ato de retirar a força espiritual de uma corrente destrói instantaneamente as manifestações dessa no plano físico. A inércia do mundo material exige um grande esforço para encetarmos nele qualquer movimento; mas pelo mesmo motivo, uma vez o movimento encetado, será necessário um esforço grande para imobilizá-lo.

Iniciados não perdem tempo nem desperdiçam energia de tal maneira. Quando a fonte espiritual de uma corrente cessa, a força dinamizadora é aplicada a outros afazeres, inclusive a uma nova corrente; e o impulso anterior segue seu curso natural de automatismo até que seu embalo se esgote por completo.

Existe nisto uma analogia perfeita com um cadáver humano. A força espiritual responsável pela coesão da massa celular que se manifestou como um corpo vivo retira-se com a morte; mas o cascão material não se dissolve imediatamente com isto: vai se decompondo aos poucos em grupos celulares diversos, os quais vão sendo absorvidos por outros processos vivos em sua volta, contanto que esta ecologia não seja interrompida e desrespeitada por embalsamamento ou outras medias igualmente ilógicas.

Dessa mesma forma o cristianismo, o bramanismo, o islamismo, e o budismo, as quais são quatro correntes amaldiçoadas no *Livro da Lei*, não desapareceram instantaneamente, a partir de abril de 1904, quando entramos na Nova Era do Novo Aeon; apenas perderam a fonte sutil de origem. Essas correntes estão se desintegrando lentamente, decompondo-se em seitas e grupos litigiosos. Os membros mais adiantados de seus cleros respectivos estão se sintonizando com a Lei de Thelema, e desta forma são aparentemente, um novo impulso aos grupos que chefiam. Mas como a Lei de Thelema é totalmente diversa da teologia dessas religiões, gradualmente

estas sub-correntes de reação se desintegrarão mais rápida do corpo de reação teológico ortodoxo de origem.

O Zen Budismo, tal como praticado por Suzuki, excelente místico japonês, nada tem a ver com o budismo supersticioso e preconceituoso que infestou a Ásia durante séculos. O Sofismo, tal como alardeado pelo sutil Gurdjieff, difere totalmente o islamismo que bradava morte aos infiéis. A doutrina Vivekananda, inspirada por seu mestre Ramakrishna, em nada se parece com o hinduísmo que sufocou a Índia durante séculos de passividade supersticiosa e estúpida; o nobre misticismo de Martins Buber, o filósofo judeu, em nada se parece com a sanguissedenta estreiteza cultural e elitismo tribal da ortoxia mosaica.

Esses homens sentindo-se atunados com as vibrações espirituais da nova era, buscaram interpretar suas correntes em termos da Lei de Thelema, e tem sido bem sucedidos, pois como está escrito: “A Lei é para todos”. Mas, assim fazendo, é inevitável que ela destrua a forma assumida por aquelas correntes de origem no Æon passado. A ortodoxia das correntes religiosas do velho Æon está fadada a desaparecer.

Há somente uma corrente religiosa do velho Æon que não tem exibido, desde abril de 1904 e.v., quaisquer líderes renovadores. Esta corrente é o cristianismo. Todas as tentativas de renovação dessa filosofia tem sido reacionárias; não é uma evolução que os cristãos tem buscado, mas uma regressão. Eles não aspiram ao progresso, mas sim ao regresso.

Isto deve-se ao fato que o cristianismo foi uma falsa fé desde sua origem. Com a oficialização do Credo de Nicéia, os patriarcas romanos-alexandrinos se alhearam por completo da corrente espiritual do Grande Iniciado que pregou o gnosticismo através do Oriente Médio, e que ficou conhecido como Diônísio. Este foi verdadeiro iniciador da Corrente Cristã, incorporado no Novo Testamento à figura composta de “Jesus” como Mestre de Rentidão dos Essênios, com o profeta Ionas (João Batista), e outros. Veja-se mais sobre esta infame mentira em “Carta a Maçom”.

Quando nossas vidas então baseadas sobre uma mentira, nós só temos duas alternativas: reconhecer que a base da nossa existência é falsa, e mudar radicalmente a nossa conduta e o

nosso ponto de vista, ou persistir em nossa falsidade a qualquer preço.

As tentativas confusas e desajeitadas da Igreja Romana de adaptar a sua liturgia à nova gama vibratória vigente, e os remendos ansiosos que os cristãos em geral estão procurando efetuar nos farrapos de seu dogma, seriam patéticos se os cristãos merecessem qualquer simpatia de mentes esclarecidas. Mas eles não merecem.

O cristianismo foi, sempre que pode, o assassino da ciência, da arte, da filosofia, e da liberdade individual, especialmente a liberdade de pensamento, em todos os países que assumiu poderio econômico e político. Quando uma crença é falsa, basicamente ela é inecológica.

O marxismo, está começando a exibir exatamente os mesmos sintomas nos países onde se tornou dogma. Só as atitudes, iniciativas, maneiras de pensar, e até mesmo as descobertas científicas que não contradizem a religião oficial são permitidas ao cidadão soviético ou chinês. Mais: quando o dogma, por algum motivo sofre uma reviravolta, espera-se que os cidadãos, também, dêem uma cambalhota e passem a contradizer e a contrafazer suas palavras e seus atos de um dia atrás.

Qual a raiz desta loucura? Muito simples: é o medo de morrer, não fisicamente, mas moralmente e intelectualmente.

Se os padres admitissem por um momento que o Credo de Nicéia foi uma enormidade e um disparate, teriam que abandonar a roupeta e trabalhar como gente honesta; as ramificações internacionais do Vaticano teriam que abandonar a máscara de religião, e pagar impostos como qualquer empresa.

Uma classe sacerdotal tem de manter seu dogma a qualquer preço, ou resignar-se a morrer como classe e como dogma!

Mas o preço de todo progresso é uma mudança, e esta é uma espécie de morte.

Aqueles que temem perder sua vida nunca se tornarão iniciados, bem como aqueles que temem a dor e o desconforto decorrentes da admissão de nossos erros e da tentativa de reformular nossos valores, nunca aceitarão uma idéia nova.

O ódio de tais pessoas por quaisquer circunstâncias, que lhes tragam à mente a necessidade de mudança, a inevitabilidade de mudança, é tanto maior quanto maior for o seu medo de morrer. E

se estes covardes morais e intelectuais estiverem em posições nodais na estrutura sociocultural, eles buscarão por todos os meios, mesmo os mais indefensáveis, destruir quer as circunstâncias, quer as pessoas, que buscaram trazer a realidade à baila.

Éliphas Lévi, escreveu a propósito de correntes mágickas: “O mago deve isolar-se no começo, e mostrar-se muito difícil em relações, para concentrar em si a sua força e escolher os pontos de contato; mas quanto mais for selvagem e inacessível nos primeiros tempos, tanto mais ver-lo-ão, mais tarde rodeado e popular, quando tiver imantado a sua cadeia e escolhido o seu lugar numa corrente de idéias e Luz”. (Livro “Dogma e Ritual de Alta Magick”).

Até aí tudo bem; mas suponhamos que em vez de “escolher o seu lugar numa corrente de idéias e de luz”, o mago deseje criar uma nova corrente de idéias e luz?

Em tal caso ele pode esperar as mais tremendas provações, e a mais implacável perseguição por parte de todos aqueles que sentem que a criação de uma nova corrente obrará em detrimento da corrente de que fazem parte.

Quando Aleister Crowley morreu, uma revista católica romana de circulação eclesiástica publicou em latim o seguinte texto sobre as circunstâncias de sua morte:

“No dia dois de dezembro de 1947 a imprensa inglesa anunciou a morte de Aleister Crowley, descrito por um juiz como a pessoa mais perversa da Inglaterra. Ao lhe ser perguntado, em certa ocasião, sobre a sua identidade, Crowley replicara: ‘Antes que Hitler fosse, EU SOU’ – uma deliberada blasfêmia sobre as escrituras. Antes de deixar este mundo, o Mago de setenta anos de idade amaldiçoou seu médico, o qual, muito corretamente, lhe havia recusado morfina porque Crowley a estava distribuindo entre menores. ‘Já que vou morrer sem morfina, você morrerá logo depois de mim.’ E isto aconteceu. O Jornal Daily Express do dia 2 de abril de 1948 relatou que o funeral do mago negro provocara protestos do Conselho Municipal da cidade de Brighton. O Conselheiro J. C. Sherrot declarou que, de acordo com os relatórios que recebera, o funeral de Crowley fora celebrado com ritual completo de Magick negra. Seus discípulos haviam recitado invocações infernais, “O Hino a Pã” composto pelo próprio

Crowley, “O Hino a Satã”, escrito por Carducci, e as Coletas da Missa Gnóstica, composta por Crowley para seu templo satânico em Londres.”

Neste documento há diversos erros, para não dizermos calúnias, que passamos a detalhar.

Crowley nunca em sua vida, distribuiu drogas a menores.

O médico de Crowley não lhe recusou morfina, não foi amaldiçoado por ele, nem morreu pouco depois de Crowley.

Os tais relatórios recebidos pelo Conselheiro Sherrot foram fornecidos de Segunda mão. O Hino a Satã, de Corbucci, não foi recitado, pois este é um poema de “satanismo”. Quanto ao Hino a Pã poderá ser lido na brilhante tradução de Fernando Pessoa, por qualquer pessoa interessada em poesia.

Além destas falsidades surpreendentes, há ainda no documento em questão certas deturpações deliberadas dos fatos, a saber:

Crowley foi chamado por um juiz inglês, de “o pior homem do mundo”, que acabara de ouvir a leitura de alguns poemas pornográficos que Crowley escrevera e publicara em sua juventude. Estes poemas haviam sido deliberadamente baseados nas alucinações sexuais descritas em relatos canônicos das “Vidas dos Santos”.

A finalidade de Crowley, fora demonstrar a sexualidade recalcada que resulta do celibato forçado. Em outras ocasiões, escreveu uma série de poemas em louvor a Deusa Isis, baseados em textos egípcios, e maliciosamente publicou-os como sendo a “Virgem Maria”. Isto resultou em críticas elogiosas por parte de publicações católicas-romanas. Logo em seguida, Crowley publicou nova edição de poemas em sua forma original, e adicionou as críticas laudatórias dos teólogos romanos, como apêndice. Com finalidade de indicar que a “Virgem Maria” é uma mera imitação da Isis Egípcia. Infelizmente, em vez de compreenderem a lição que lhes estava sendo dada, os padres romanos se encolerizaram ainda mais contra o Magus do Æon, e redobram suas calúnias e perseguições contra ele.

Sobre o que Crowley disse de Hitler publicamente, que este tinha ido longe demais, e que a destruição do Nazismo se tornara necessária. Acabara de lhe ser participado que os nazistas tinham queimado a edição em alemão do *Livro da Lei*, tinham posto Karl

Jhoannes Guermer, (Rei Alemão da Ordo Templi Orientis na época, e mais tarde sucessor de Crowley como Cabeça Externa da Ordem, e também foi meu Instrutor), num campo de Concentração Nazista.

Pouca gente sabe que o V da Vitória e o sinal do polegar para cima, usados justamente na época em que a reação contra o nazismo começou, foram lançados por Crowley.

Se fossemos corrigir aqui todos os exageros, e denunciar todas as falsidades contra Crowley, perpetrados pelo catolicismo-romano, teríamos que escrever uma série alentados de volumes, e para que? Conhece-los-eis pelos seus frutos.

Mencionamos a publicação acima, apenas para trazer a consciência de nossos leitores que é muito fácil mentir a respeito dos nossos adversários, quando fazemos numa língua que só é falada corretamente pela nossa patota, ou numa publicação que só circula entre ela.

Há decênios que se publica no Brasil as mais despidoradas calúnias, não só contra Crowley, mas contra muitos outros homens talentosos e justos, sem que esses homens tenham qualquer oportunidade de explicar mal-entendidos ou de se defenderem contra libelos. Entretanto, as conseqüências sociais de ostracismo e até a perseguição decorrem de tais publicações inescrupulosas. É a famosa lista negra. Trataremos desses casos mais a fundo no capítulo sobre Ocultismo e Política. Aqui nos interessam mais especialmente os aspectos mágicos e magnéticos da hostilidade das cadeias mortas.

A morte espiritual de uma cadeia mágica não exige as pessoas que são alvo da hostilidade dessa cadeia dos danos que a cadeia lhes pode causar enquanto o impulso mágico perdure. E se estas pessoas estão tentando criar uma nova cadeia para eventualmente substituir a cadeia morta, a hostilidade se torna indescritível.

Quando uma cadeia “morre espiritualmente”, isto significa simplesmente que o Iniciado que lhe deu origem se retira ao Silêncio, ou enceta outra obra. É como um exército que subitamente perdesse o seu comandante chefe, com uma sutil diferença; o exército sempre pode nomear outro comandante chefe, mas em Magick é o Comandante quem nomeia o exército!

A dissolução de uma corrente espiritual eqüivale a uma ordem de debandar. Esta ordem é sentida pelas mentes mais avançadas que pertencem à cadeia como um vazio, um desnorreamento. O Santo dos Santos perdeu a Presença: o profeta chama seu Senhor, e este não responde.

Membros da cadeia, nesses casos, só tem duas alternativas:

1 - Procurar uma cadeia nova, ou fundar uma de mote próprio. Para isto é necessário, no primeiro caso, dor, sofrimento, e uma total revolução psíquica; adicione-se uma determinação, paciência e coragem moral a toda prova no segundo!

2 - Fazer das tripas coração, e continuar nossas atividades como se nada tivesse acontecido. Buscar até, se somos ambiciosos, ocupar o trono do Mestre, que sabemos estar vazio.

Deve-se notar que a sucessão hierárquica da representação de uma corrente no plano físico é sempre desta ultima forma. O Rei está morto; viva o Rei! Mas não se passa o mesmo quando a corrente morre. A fonte espiritual de uma corrente não é um homem, nem um Rei, é um Deus.⁷⁰ Sabe-se que um Deus não morre; se um Deus se retira, é sempre porque decidiu mudar a forma de seu trabalho. Neste caso aqueles que persistem em continuar a forma abandonada pelo Deus estão contrariando os propósitos d'Ele. Estão indo contra a o Movimento Universal, ou seja, estão regredindo não evoluindo. Suas intenções são as melhores possíveis, mas as Leis da Natureza não inexoráveis. As Leis naturais são as únicas leis divinas: se estamos dando veneno a um sedento, pensando que estamos lhe dando água, nossa sinceridade de nossa crença não impedirá que a vítima morra envenenada.

Se tal é o caso com correntes legítimas, quanto mais de uma corrente como a do cristianismo, que foi falsa desde o seu início! Seu sucesso deveu-se ao fato da gama vibratória do Æon passado tornar possível as atividades anímicas praticadas por cristãos. Um método de teurgia libera; mas toda religião restringe. Os dogmas centrais do cristianismo eram restritos; a idéia do rei morrer pelo seus súditos eliminava a possibilidade de indivíduos excepcionais sobreviverem e fecundarem a massa social; esperava-se deles

⁷⁰ Iniciados que cruzaram o Abismo são chamados de "Deuses". O fundador de uma corrente é sempre um Magus, isto é, um Iniciado da Segunda Sephira acima do abismo.

sacrifícios, e não sucesso. A idéia da virgindade impedia o intercâmbio anímico sadio; a promessa de céu e a ameaça de inferno mantinham as pessoas moralmente imaturas, servis psiquicamente a uma Imagem Paterna premiadora, ou punidora; e a doutrina básica implícita nisto tudo, de “bem e de mal” como conceitos absolutos e opostos, não passava de um maniqueísmo disfarçado; produz até hoje a notória disparidade entre as palavras dos cristãos e seus atos.

É mais fácil morrer do que viver honrosamente; é mais fácil ceder que lutar; é mais fácil se abster do que agir. As atividades preconizadas pelos originadores do Credo de Nicéia eram mais fáceis que as verdadeiras atividades cristãs, preconizadas por Diônísio: estas exigem uma abertura do ego, uma expansão da nossa perspectiva, uma adaptação ecológica ao nosso meio-ambiente, com os conseqüentes riscos e desconfortos.

É fácil amar a teu próximo quando ele é apenas uma réplica de ti mesmo; não é tão fácil amá-lo, ou respeitá-lo, quando ele defende idéias universais totalmente diferentes da tua, e quando este parece estar mais feliz e mais bem sucedido com essa idéia.

Amar a teu próximo como a ti mesmo, significa dar o mesmo valor ao ego alheio que ao nosso. Isto não quer dizer que devamos abandonar nosso ponto de vista, para adotar sempre aos das pessoas, a idéia consiste em unir os dois pontos de vista, e através deste ato atingir um novo. O verdadeiro crescimento espiritual exige uma modificação constante, um progresso da natureza anímica.

Aquilo que é desconhecido é temível: o ego de outra pessoa é uma ameaça para o nosso autismo. Mas, como disse o poeta latino, “Conta teus anos pelas tuas feridas”. E como disse Crowley aos seus discípulos; “Conquista toda aversão em ti mesmo, controla toda tua repulsa. Assimila tudo o que te parecer veneno, pois apenas nisso terás lucro. Aqueles que evitam o sofrimento, seja mental ou físico, permanecem sempre homens insignificantes, e não há virtudes neles. Porém cuidado para não caíres naquela heresia que considera sofrimento e o auto-sacrifício qual subornos oferecidos a um Deus corrupto como pagamento de algum imaginário prazer em alguma vida após a morte. Nem por outro lado, temas destruir teus complexos, julgando assim poderás perder o poder de criar alegria através do

contraste entre a tua perspectiva e a de outras pessoas. Mas em cada Boda⁷¹ sê corajoso e afirma o ardor espiritual do Orgasmo, fixando-o em algum talismã, seja este uma obra de arte, de Magick, ou de Teurgia.”⁷²

Essa atitude egóica, necessita de disposição constante de experimentar Mudança. Essa aliás é uma atitude natural das crianças sadias. Necessita ainda de muita coragem moral e muita energia física, pois como toda alma pura sabe, existem experiências desagradáveis, e até mesmo mortais, que podem nos atingir; principalmente se entramos em contato com mentes fechadas pelo medo ou pelo ódio.

Certa vez uma moça, Probacionista da A.:A.:, e tentando executar o Ritual do Rubi Estrela (uma versão aperfeiçoada do Ritual Menor do Pentagrama), sofria as maiores dificuldades: no momento culminante da invocação ela ficava completamente tonta, e mais de uma vez perdeu os sentidos.

A invocação do Rubi Estrela reúne todas as forças astrais que cercam o executante, e as concentra em torno do centro de energia chamado Ajna pelos hindus. Quando o caso chegou ao nosso conhecimento, concluímos que ela estava sob o ataque permanente de alguma força hostil; alguém que tentava impedi-la de adquirir controle de seu Ajna etérico.⁷³ Um interrogatório sobre os antecedentes da moça elucidou o seguinte: aos nove anos de idade ele fora retirada, por insistência do pai, (de ascendência nordestina educado num seminário católico, enquanto a mãe fora educada como pensadora livre), de um colégio leigo e colocada num colégio de freiras. Este colégio, cujo nome não mencionaremos, possuía na época um método didático bastante

⁷¹ Boda alquímica é uma palavra dos místicos medievais, e corresponde a Samadhi na nomenclatura hindu. Adhi, entretanto, pressupõe que Samadhi é apenas como o “Senhor” Adhi, ou Adonai, em hebraico: note-se a semelhança.

⁷² A palavra “Orgasmo” é, novamente um sinônimo de Boda Alquímica, ou Samadhi. O leitor não deve-se condicionar na teoria cristã e não deve pensar que a finalidade desta nota é excluir o orgasmo sexual da categoria de êxtase místico. Pelo contrário, o orgasmo sexual é a única forma de Samadhi disponível a qualquer ser humano no presente estágio evolutivo da nossa espécie. Qualquer um pode tê-lo, por mais destreinado que seja em misticismo.

⁷³ O Ajna etérico controla as energias nervosas que equilibram os dois hemisférios cerebrais. Por isto, entre outros motivos, a lobotomia é uma operação absolutamente reprovável. Note-se que recentemente um livro pseudo-ocultistas, escrito por um charlatão de certa habilidade literária, recomenda precisamente esta mutilação como meio de ativar o “Terceiro Olho”!

curioso. Por exemplo: se uma aluna era chamada ao quadro negro para escrever, e cometia um erro, a freira professora agarrava a criança pelos cabelos e forçava-a a esfregar a cara no quadro para apagar o erro. Uma falta disciplinar era punida da seguinte forma: a culpada era forçada a se ajoelhar sobre carochos de milho, e as outras alunas, organizadas em fila, tinham que desfilar à sua frente e dar-lhe, cada qual, um tapa.⁷⁴

Estas duas formas de punição eram as mais comuns, mas em certa ocasião algo mais grave aconteceu com a menina que viria a se tornar nossa Probacionista. Ela foi exorcizada.

O motivo do exorcismo foi o seguinte: na aula de ginástica, as crianças vestiam um macacão especial, de calças curtas e sem mangas. Como as freiras consideravam este uniforme demasiado ousado para ser usado sobre a pele, era ordem geral que sob o macacão, todas deveriam usar “combinação”, que era uma espécie de camisola fechada até o pescoço além da blusa normal do uniforme.

Infelizmente para a criança, na primeira vez que foi a ginástica ela ignorava esta ordem; muito serenamente tirou saia, blusa, combinação, e estava colocando o macacão de ginástica sobre suas calcinhas quando uma das freiras entrou no vestuário e a viu. A menina foi arrastada para a capela do colégio, onde um padre, após ouvir o relato de seu nefando crime, exorcizou-a formalmente, na presença da freira, de acordo com o ritual romano.

Isto ocorreu em 1960 e.v., justamente um ano antes de regressarmos ao Brasil. O local foi o Rio de Janeiro, presumivelmente uma cidade civilizada.

Após este incidente, a menina de nove anos de idade ainda ficou três meses no colégio, mas chorava copiosamente todas as manhãs antes de ser levada para ele. Finalmente sua avó materna, numa de suas visitas à família, observou esta conduta e disse à mãe que absolutamente não era normal que sua neta,

⁷⁴ Isto ocorreu na década dos anos sessenta da era vulgar, e não, conforme pode ser pensado, na Idade Média! É uma variação do famoso “corredor polonês”, que era a diversão favorita dos veteranos no pátio de recreio na época que ingressamos no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Mais tarde outros tipos de trotes violentes, foram proibidos pelo, Coronel Jair Dantas Ribeiro, a quem devemos gratidão, não só por isso como por atender ao nosso pedido de nos dispensar das aulas de catecismo, que abominávamos.

uma criança alegre, expansiva e saudável, reagisse desta forma na hora de ir para o colégio; principalmente quando a escola leiga que cursara anteriormente, ela nunca reagira assim. A menina foi retirada daquele colégio, mas por exigência formal do pai, foi colocado em outro colégio de freiras.

Dois meses depois de sair do colégio onde fora exorcizada, a criança que tinha uma ótima saúde, fora vítima de febre tifóide. Desde então, até entrar em contato conosco, sua saúde tornou-se bastante precária: ela sofria de asma, dores de cabeça periódicas intensas, as quais fora diagnosticada por uma psiquiatra como “disritmia”,⁷⁵ e sua força nervosa se desgastava facilmente, forçando-a a descansos prolongados.

Não foi fácil elucidar os fatos acima: a própria moça os havia esquecido, como ocorre com frequência conosco quando temos uma experiência penosa na infância.⁷⁶ Mas, tendo nos familiarizado com as circunstâncias, explicamos à jovem que ela estava sob ataque mágico constante da corrente malsã do catolicismo romano; que o exorcismo fora uma forma de enfeitiçamento, tanto mais cruel por ter sido perpetrado contra uma criança inocente; e que sua aspiração de se tornar uma Thelemita, isto é, uma mulher Livre, nas vibrações do Novo Aeon, exacerbava contra ela a hostilidade das correntes mortas.

Instruímos nossa Adepta da seguinte forma: você tem duas opções; ou abandona Thelema por completo, ou persistir nos seus rituais a despeito do que possa acontecer.

- Eu tenho medo de enlouquecer – confessou ela.

⁷⁵ Esta psiquiatra, que era católica romana, disse a mãe da menina que ela se tornaria esquizofrênica antes dos vinte anos de idade. Este tipo de predição é clinicamente impossível.

⁷⁶ É o chamado “bloqueio psicológico”, que Freud descreveu com tanto brilho. Trata-se de um processo de autodefesa: a experiência é tão penosa que, lembrada por uma criatura de pouca vivência, pode deformar por completo o desenvolvimento da personalidade. Portanto, é relegada a um esquecimento forçado, da mesma forma como as células físicas rodeiam e bloqueiam um foco de infecção orgânica. É necessário que o trauma aflore à consciência na idade adulta, para que a personalidade possa examiná-lo, julgá-lo, e coordenar a experiência que ele representa com o resto de seu Psicossoma. Se assim não for feito, a personalidade nunca será completamente adulta. Um dos meios usados para re-exame é a psicanálise. Pelo uso cauteloso e controlado de certas drogas, o processo de psicanálise, que as vezes levam anos, pode ser realizado em poucos dias. Outro meio foi o que utilizamos aqui.

⁷⁶

- Todos nós temos – replicamos. Em ocultismo, o preço da sanidade mental, como o preço da liberdade, é uma eterna vigilância. Os escravos possuem uma falsa segurança, mas os homens e as mulheres livres tem a cada momento que decidir sua conduta por si mesmos. Esta responsabilidade é um peso. A autonomia moral é rara porque contraria a tendência à inércia, que é enorme do mundo físico. Você nasceu com a vibração anímica do Novo Æon; foi isto que os cascões que infestavam aquele colégio pressentiram, e foi isto que eles tentaram destruir. Compete a você decidir.

A Probacionista decidiu persistir. Sua luta para controlar as forças hostis que a atacavam durante a execução do Ritual do Rubi Estrela levou um ano; mas eventualmente os desmaios foram perdendo sua intensidade, e finalmente desapareceram por completo. Atualmente ela é uma Neófito da A.:A.:, e seus sintomas de “disritmia” desapareceram por completo.⁷⁷

Ainda no assunto das correntes mágicas, Lévi nos diz o seguinte: “Todo entusiasmo propagado numa sociedade por uma continuidade de comunicações e práticas firmes produz uma corrente magnética, e se conserva ou aumenta pela corrente. A ação da corrente é arrastar e, muitas vezes, exaltar fora da medida as pessoas impressionáveis e fracas, as personalidades nervosas, os temperamentos dispostos ao histerismo ou às alucinações. Estas pessoas logo se tornam poderosos veículos da força mágica, e projetam com força a luz astral na própria direção da corrente; opor-se, então as manifestações de força séria de um acerto modo, combater a fatalidade.”

Quando a corrente tem uma origem espiritual legítima, esta influência descrita por Lévi é ecológica, isto é: biologicamente construtiva tanto para o indivíduo quanto para o meio ambiente. Exemplo deste tipo de corrente foi aquela iniciada pelos “rosacruz” medievais a qual floresceu na Renascença, e na incrementação do espírito científico que resultou nas três grandes revoluções sociais da época: a Americana, a Francesa, e a Russa.⁷⁸

⁷⁷ A disritmia resulta de um desequilíbrio energético entre os dois hemisférios cerebrais, e é muito comum em épocas em que temos que decidir entre dois cursos de ação, principalmente quando um dos cursos nos atrai em termos de nossa individualidade, mas contraria o condicionamento cultural do nosso meio-ambiente.

Quando a corrente não tem origem espiritual, mas é uma deturpação, ou um reflexo quiphótico da corrente original, como é o caso do cristianismo romano, ela tende a restringir a liberdade individual e a padronizar a massa social. Então as pessoas de mentalidade fracas, sentimentais, ou com tendências a histerismo, se tornam como demônios: focos venenosos da influência malsã da corrente. São mortos que julgamos vivos, e que falam a falsa linguagem e os falsos pensamentos da legião a que pertencem.⁷⁹

Em 1961 e.v. nós nos prontificamos a imprimir, aqui no Brasil, a primeira edição mundial de “Liber Aleph”, uma das mais brilhantes obras de Mestre Therion. Nessa ocasião recebemos a seguinte carta de aviso de nosso Frater Superior, Saturnus X^o .: ⁸⁰:

“Imprimir e publicar este livro é um grande ato mágicko. Se for bem sucedido, você terá passado em um alto teste iniciático. Você ofereceu isto voluntariamente, portanto não duvido que seja parte de sua Verdadeira Vontade. Mas não subestime por um

⁷⁸ É preciso frisar que o único documento legítimo sobre esta fraternidade foi a Fama Fraternitatis, publicada no século dezessete por Johann Valentin Andrea. Uma das condições a que os membros estavam jurados, era a de nunca se identificarem publicamente como “rosacruz”. Consequentemente, todo grupo ou movimento que afirma representar aquela antiga organização, está enganada, ou enganando. Qualquer afirmativa de que alguma figura histórica, seja falecida ou não foi ou é membra da Ordem, é falsa: pois um Rosacruz só poderia ser conhecido por outro, e em tal caso nenhum dos dois afirmaria publicamente a legitimidade do outro, uma vez que isto afirmaria a sua própria. Andrea publicou a Fama anonimamente, e jamais afirmou ser membro da Sociedade por ele descrita. Certo pseudo-ocultistas chegam ao ponto de declarar que a Fraternidade teve sua origem no antigo Egito, o que denota sua ignorância. É claro, da leitura da Fama Fraternitatis, que o simbolismo teve sua origem na Europa e no Oriente Médio, e que a organização tinha como propósito defender e propagar a doutrina de Diôniso, isto é, a verdadeira corrente cristã. O movimento “rosacruz” pode ser responsabilizado magicamente pela organização da Maçonaria, pela Reforma, pela Renascença que seguiu a Reforma, e pelo espírito científico, com suas conseqüentes revoluções sociais. Assim os “rosacruz” foram os mais encarnizados, e os mais bem sucedidos, inimigos do catolicismo romano.

⁷⁹ Fernando Pessoa, o grande iniciado Thelemico português, a fim de diferenciar o falso cristianismo do Dogma de Nicéia do verdadeiro cristianismo gnóstico, criou um neologismo e chamava o pensamento teológico romano-alexandrino de “cristianismo”. Se os leitores tiverem dificuldade em encarar como mortos o pseudo-cristianismo dos católicos romanos e suas diversas variações, as seitas protestantes, então considerem o marxismo-leninismo, outra corrente malsã, um desvirtuamento da Lei de Thelema, que está começando a apresentar os mesmo sintomas.

⁸⁰ Karl Johannes Germer, o discípulo favorito e sucessor de Crowley na chefia mundial da O.T.O. e da Ordem de Thelema.

momento os obstáculos que serão levantados contra o livro e contra você: você descobrirá que forças das mais hostis utilizarão truques mesquinhos, bobos, sutis, e injustos, para criar impedimentos ao seu Trabalho: estranhas insinuações lhe desviarão, ou farão com que você duvide de tudo. Estou escrevendo esta para o seu novo endereço, na esperança que seja mais seguro.⁸¹ Nada mais direi a respeito de assuntos pessoais, a não ser declarar que você será muito sábio ao não confiar em qualquer pessoa fora do seu círculo.”

Esta carta nos teria sido utilíssima se tivesse chegado às nossas mãos na época em que foi escrita; mas ela foi enviada por um inexplicável extravio do correio (...) para a Bolívia, e só nos chegou às mãos três meses depois, quando já havíamos atravessado a Ordália a que se referia.

Toda pessoa que enfrentar o impulso cego de uma corrente morta, experimentará o mesmo tipo de dificuldade e empecilho. Como diz Éliphas Lévi: “As obsessões diabólicas e a maior parte das doenças nervosas que afetam o cérebro são ferimentos feitos no aparelho nervoso pela luz astral pervertida, isto é, absorvida ou projetada em condições doentias. Todas as tensões extranaturais da vontade predispõe às obsessões e doenças nervosas: o celibato forçado, o ascetismo, o ódio, a inveja, o despeito, são principais geradores de formas e influências infernais. A Alma aspira, exatamente como o corpo. Ela aspira o que crê ser felicidade, e expira idéias que são produto de suas sensações íntimas. As almas doentes tem mau hálito, e viciam a sua atmosfera moral, isto é: misturam seus reflexos impuros com a luz astral que penetra em suas auras, e nela estabelecem correntes deletérias. Muitas vezes ficamos admirados de sermos assaltados, em nossa vida diária, com pensamentos maus de que nos julgávamos incapazes; e não percebemos que isto é devido a alguma vizinhança mórbida. A sístole e diástole magnéticas produzem em redor de cada alma uma irradiação de que a alma é o centro, e ela rodeia-se do reflexo de suas criações, que lhe

⁸¹ Resolvemos alugar uma caixa postal, porque nosso pai carnal, que era um kadercista nato e odiava Thelema, não tivesse acesso a mesma. Fiscalizava nossa correspondência, influenciando do pelos cascões que infestavam a sua aura. Infelizmente, saímos da vigilância domiciliar apenas para a vigilância dos múltiplos serviços secretos que vasculhavam e continuam a vasculhar as correspondências de Thelemitas.

fazem um céu ou um inferno. Não há atos solitários, e não poderia haver atos ocultos: tudo o que realmente queremos, tudo que confirmamos pelo nossos atos, fica escrito na luz astral, onde se conservam os nossos reflexos: estes reflexos influem continuamente sobre o nosso pensamento através do nosso corpo astral.

A luz astral dirige os instintos animais⁸² e da combate a inteligência do homem, que tende a perverter pelo luxo de seus reflexos e a mentira das suas imagens;⁸³ ação fatal e necessária, que os espíritos elementares e as almas sem desenvolvimento dirigem e tornam mais funesta ainda, com suas vontades imperfeitas que procuram simpatias em nossas fraquezas e nos tentam, menos para nos perder do que para adquirir amigos!

As pessoas que renunciam ao império da razão, e gostam de desviar sua vontade em perseguição de reflexos da luz astral, estão sujeitas a alternativas de furor e tristeza que fizeram imaginar todas as maravilhas da possessão do demônio. A Igreja Romana, em seus Exorcismos, consagrou a sua crença em todas essas coisas, e pode-se dizer que a Magick negra e o seu príncipe tenebroso, são uma criação real, viva terrível do catolicismo romano; até, que são a sua obra especial e característica, porque os padres não inventaram Deus.

Algum tempo passado, o Papa Paulo VI declarou publicamente a necessidade dos “cristãos” defenderem a existência do Diabo, sem a qual, não há justificativas teológicas para a existência da igreja romana.

⁸² A luz astral é inerte, e tende sempre na direção do menor esforço; ora é mais fácil ser animal que humano. Lévi dá nesta nota uma tendência “fatal” à luz astral que ela não possui. O agente magnético simplesmente tende ao equilíbrio, e a quietude. Mas esta é uma base na existência dos instintos e reflexos. A perversidade é o risco que o homem corre na busca por se tornar humano. Certa vez disse um sábio: “O homem é um macaco que enlouqueceu e resolveu descer do galho”.

⁸³ É errôneo dizer que a luz astral dá combate a inteligência do homem: ela é o perfeito agente-reagente. É a multiplicidade de escolha, decorrente da nossa existência como microcosmos, e que pode produzir confusão ou desvio em nossa conduta. Este é o preço que toda entidade paga pela liberdade: a necessidade de escolher a cada momento a melhor conduta incorrendo sempre no risco de errar. Os nossos acertos e sucessos estão ligados sobre a base dos erros e dos fracassos daqueles pioneiros que foram nossos antecessores. Como bem disse Crowley : “Ninguém pode agir sem errar: antes errar do que não agir! “Onde estaríamos agora se Galileo, Lutero, Newton, Darwin , Einstein, e incontestáveis outros tivessem temido agir?”

Transcreveremos a seguir um trecho de um exorcismo executado num convento de freiras franciscanas nos Estados Unidos da América:

Exorcista: Em nome de Jesus e Sua Bendita Mãe, Maria a Imaculada, que esmagou a cabeça da serpente, diga-me a verdade: quem é o chefe, ou príncipe, entre vocês? Qual é o teu nome?

Exorcizada: Beelzebub.

Exorcista: Você se chama a si mesmo de Beelzebub⁸⁴. Não é você Lúcifer, o príncipe dos demônios?

Exorcizada: Não o príncipe, o chefe; mas um dos líderes.⁸⁵

Exorcista: Portanto, você não foi jamais um ser humano, mas é um dos anjos caídos, os quais com orgulho egoísta quiseram ser iguais a Deus?⁸⁶

Demônio: (com dentes sorridentes)⁸⁷ Sim, é isso mesmo. Ah, como nós o detestamos!

Exorcista: Por que você é chamado de Beelzebub, se você não é o príncipe dos demônios?

Demônio: Basta; meu nome é Beelzebub.⁸⁸

⁸⁴ Embora o exorcista estivesse falando com uma mulher, uma pessoa com uma identidade e um nome, ele cooperava para exacerbar a ilusão de que ela sofre, dirigindo-se ao demônio em vez de a doente, e assim conduz telepaticamente a intenção do diálogo na direção de influências mórbidas da corrente morta à qual tanto ele quanto a exorcizada estão ligados.

⁸⁵ Esta resposta segue a demonologia tradicional do catolicismo romano. A empatia telepática entre o padre e sua vítima produz um diálogo em que esta adivinhava intuitivamente a resposta desejada pelo exorcista. Este tipo de empatia existe também na psicanálise, onde é chamado de “rapport”. A principal fraqueza do método psicanalítico é que, a não ser o psicanalista seja uma pessoa totalmente equilibrada, ele tenderá a ler as suas próprias psicoses e recalques nas respostas de seus pacientes, em detrimento das necessidades dos mesmos. Outras técnicas desenvolvidas pela magia ou misticismo, ou auto-análise são preferenciais.

⁸⁶ Esta forma de pergunta não é permitida em tribunais de países desenvolvidos, pois o interrogador está procurando obter uma resposta preconcebida da boca da interrogada. Note-se a ênfase dada ao fato do demônio não ter sido nunca uma pessoa humana. O exorcista está defendendo contra a possibilidade de que a possessa seja um médium, ou alma de um morto que seria espiritismo, uma teoria que a Igreja romana não admite.

⁸⁷ O autor deste relato nunca se referiu a exorcizada, mas sim ao demônio, desde o início. Fomos nós que a denominamos assim por motivo de clareza. O estilo “dentes sorridentes”: estas notas descritivas que acompanham este relato são sintomáticas ao nível mental e moral dos padres participantes, quanto o diálogo entre si.

Exorcista: Do ponto de vista de influência e dignidade, você deve ter uma posição próxima a Lúcifer; ou você provém do coro mais baixo dos anjos?⁸⁹

Demônio: No passado eu pertenci ao coro dos Serafins.⁹⁰

Exorcista: Que faria você, se Deus lhe tornasse possível expiar a injustiça que você cometeu contra Ele?

Demônio: (com zombaria e desdém) Você é um teólogo competente?⁹¹

Exorcista: Há quanto tempo você está torturando esta pobre mulher?

Demônio: Desde que ela chegou aos quatorze anos de idade.

92

⁸⁸ Esta resposta indica que a mulher obcecada poderia estar em contato com uma legítima entidade demoníaca: há Quatro Grandes Príncipes do Mal no Mundo, como está escrito em a Sagrada Magia de Abramelin o Mago, e Beelzebub não é um deles. O desdém da entidade em explicar isto ao exorcista advém do fato na falsa teologia do catolicismo romano; e a tragi-comédia do exorcismo era uma pura representação teatral com este fim. Repetimos que entidades demoníacas não podem ser controladas por pessoas que não estejam em contato com o seu Sagrado Anjo Guardião, e sejam obedientes a Ele.

⁸⁹ Esta pergunta dá uma penosa indicação da atitude moral do exorcista. As palavras influências e dignidade, são extremamente sugestivas, assim como a preocupação com a posição hierárquica!

⁹⁰ Outra grande mentira. A entidade está se divertindo a custa do snobismo inconsciente do exorcista.

É bastante difícil para os teólogos compreenderem que a “Queda” é uma invenção teológica. Nunca houve queda. O processo evolutivo, é exatamente de acordo com as premissas estabelecidas por Darwin. Quando os hebreus pressentiram a existência do Abismo, isto é, aquele hiato que separa o homem do Deus que existe dentro de cada ser humano, eles poderiam ter tomado duas atitudes diversas para se expressarem:

1) poderiam ter admitido que o homem é uma criatura perfeita (Adão no Paraíso) que se perdera por descuido. Por pura vaidade egóica, eles escolheram a Segunda explicação: é mais romântico ser um nobre num exílio do que um plebeu em vias de se tornar um novo rico! Entretanto, nós nos lembramos da célebre resposta de um plebeu enriquecido a um nobre que lhe lembrou sua origem humilde: “a minha nobreza começa comigo; a sua acabou com o senhor.”

⁹¹ Nota-se agora o desdém que a entidade tem pelo exorcista.

⁹² Isto é desde que ela atingiu a puberdade, e as restrições antinaturais impostas pela falsa moralidade “cristista” a forçaram a reprimir um libido provavelmente bem acima da média, o que é sinal de boa saúde. Note-se a pronta e franca resposta da entidade. Se o exorcista tivesse mantido suas perguntas num clima de objetividade e interesse sadio, é provável que tivesse angariado o respeito da entidade. Infelizmente, ele não pode escapar aos seus preconceitos arraigados.

Exorcista: como foi que você ousou entrar nessa pobre menina e torturá-la de tal forma? ⁹³

Demônio: (desdenhoso) Pois não foi o próprio pai dela que nos introduziu ao amaldiçoá-la? ⁹⁴

Exorcista: Mas por que você, Beelzebub, tomou posse dela? Quem lhe deu essa permissão? ⁹⁵

Demônio: Não diga bobagens. Então eu não tenho que obedecer a Satã?

⁹³ A pergunta mais correta seria: O que será necessário para você deixar de atormentá-la? O próprio verbo Ousar, é uma provocação para uma entidade demoníaca.

⁹⁴ Este importante ponto da conversa, escapou por completo do exorcista romano. A entidade estava lhe explicando que foram as condições anormais de vida impostas pelo pai da menina que produziram a perturbação psíquica em que ela se encontrava, agora, trinta anos depois.

⁹⁵ A entidade havia tentado dar ao exorcista uma indicação da situação psíquica da possessa e da causa da situação: a má orientação paterna na adolescência, etc. Mas a preocupação do exorcista com teologismos, e seu descaso pela pessoa humana da moça sendo exorcizada, despertaram o desprezo da entidade, que passou a mentir sutilmente e a zombar dele. O exorcista não estava preocupado em curar a moça, e sim em provar a existência de possessão demoníaca, e a existência de um Diabo.

Esta sua preocupação fez dele um brinquedo nas mãos da entidade. É evidente que o exorcista confunde Satã com Lúcifer, e isto diverte a entidade. Na realidade há quatro Príncipes do Mal no Mundo: Satã, Lúcifer, Léviatã, e Belial; e Beelzebub está sob comando de Belial, não de Lúcifer ou Satã ou Léviatã.

Nem se deve acreditar que a entidade a se manifestar através da doente fosse Beelzebub: casos de possessão são manifestações Qliphóticas, e a aura do médium se torna um lamaçal de larvas, cascões, baixos Elementais, e influências demoníacas grosseiras. As correntes mortas se concentram em torno de tais infelizes, que se tornam focos para elas. O termo para este estado de coisas é “Muitos. Chamo-me Legião – diz uma entidade obsessora numa fábula evangélica – porque somos muitos”.

Necessário se faz diferenciar o termo “Muitos” daquela influência psíquica que é chamada de “Todos, ou Pã”. Todos, é uma influência equilibrada, enquanto “Muitos” é necessariamente desequilibrada. A situação pode ser visualizada num campo de forças da física: se formos calcular a gravitação de um sistema de forças com base apenas em “muitos” dos focos de força, nosso resultado será errado, pois não incluirá todos os fatores. Mas se nossos cálculos incluírem “todos” os componentes do sistema, o nosso resultado será correto.

A verdadeira Vontade de uma pessoa pode ser definida como a resultante da posição no tempo e no espaço da pessoa com relação ao resto da humanidade. Exemplo: Queda Livre, no espaço resulta do equilíbrio do sistema de forças do qual qualquer objeto no espaço faça parte. Satélites caem livremente em planetas, estes caem também nas estrelas, estas se movem dentro das galáxias, e as galáxias, também se movem em relação a outras galáxias. Como bem o disse Crowley: “a colisão é o único crime no Cosmos.” E mesmo a colisão, quando ocorre é acidental e efêmera.

Exorcista: Então, você está aqui sob orientação, e por ordens de Lúcifer?

Demônio: Ora, e poderia ser de outra maneira?

Seria inútil continuarmos a relatar este caso de exorcismo, pois assemelha-se a dezenas de outros. Após muitos fenômenos aparentemente miraculosos, após muitos diálogos e muitos xingamentos mútuos por parte de ambos (demônio e exorcista), a eficácia dos rituais crististas se tornou suficiente para curar a doente. Posteriormente este panfleto o qual traduzimos um trecho foi publicado para “provar” a existência de demônios, e a glória da autoridade da Igreja de Roma....

O que os teólogos católicos romanos convenientemente esquecem é que casos de possessão, e o exorcismo desta, abundam em todas as religiões, todas as seitas no mundo. A seqüência dos acontecimentos é sempre a mesma: os demônios se manifestam, tornam-se suficientemente incômodos para atrair a atenção dos líderes religiosos da comunidade, e após um período de escarcéu que pode virar horas e meses se retiram, “derrotados”, pela eficácia dos ritos de exorcismo do credo a que a vítima pertence.

Não existe no mundo inteiro, um caso documentado de exorcismo em que o possesso pertencesse a outra religião que não a dos exorcistas, ou em que o possesso fosse um ateu desde o berço.

A fé cega é invocada como virtude para cobrir os absurdos de um falso raciocínio, e a evidência dos fatos é sempre menos importante para o fanático que os remendos do seu dogma.

Um humorista norte-americano publicou uma piada em que uma pessoa se achega a um gordo prelado e lhe pergunta:

-Quantas religiões existem no mundo?

-Uma apenas – responde o gordinho.

-Então, por que existem tantas denominações de diversas religiões?

-Para quebrar a monotonia.

Quiséramos que os ilustres sacerdotes dos mais diversos credos tivessem suficiente sabedoria para perceber o bom senso contido nesta resposta!

Terminando, desejamos observar que este capítulo deve ser lido e estudado em conexão com o capítulo seguinte; “Ocultismo

e Política.” Os leitores devem se lembrar que as estruturas sócio-econômicas de qualquer nação, e do mundo atual, sempre resultam do código de moralidade praticados, e que tiveram suas origens em alguma religião, do Æon passado. Portanto, estão sempre relacionados com alguma das correntes mortas. A presente confusão e desorientação ética mundial resulta da Passagem dos Æons.

CAPÍTULO VIII

OCULTISMO E POLÍTICA

Invariavelmente, organizações pseudo-esotéricas (principalmente as múltiplas “ordens rosacruz e templárias” que infestam o mundo moderno, cada qual se declarando a única e legítima representante da corrente original!), em sua propaganda para o público, declaram que não tem finalidades religiosas ou políticas. Tais declarações seriam idiotas se fossem sinceras.

É evidente que qualquer sistema de pensamento ou de conduta que seja apresentado como válido à sociedade tenderá a angariar seguidores; é que quanto mais seguidores tiver, mais influências terá sobre a sociedade em que se manifesta. Esta influência só poderá ser medida em termos políticos.

Em todas as épocas, em todos os países, as novas correntes de pensamento tem sido examinadas com suspeitas pelos governos, os quais representam o pensamento da “ordem estabelecida”; e freqüentemente inovadores tem sido encarcerados, perseguidos e boicotados, ou até assassinados, quando a ordem estabelecida chega a conclusão que essas novas correntes ameaçam a sua hegemonia.

A ordem estabelecida é aquela das correntes de pensamento populares, ou oficiais no país em que a nova corrente se manifesta; e as pessoas em cujas mãos está o poder político e financeiro, se preocupam com o aparecimento de alguma nova corrente, a qual representa um perigo potencial em suas comodidades.

Diferenciar religião e política é tarefa para os sofistas: é óbvio que a religião vigente numa determinada cultura moldará suas leis; e conseqüentemente controlará, dos bastidores, as

manifestações de ordem política e social da cultura em que impera.

Portanto, as afirmativas de organizações pseudo-esotéricas de que não tem finalidade religiosa ou política devem ser interpretadas apenas como um mecanismo de defesa. Através dos tempos, os sistemas de inteligência das mais diversas nações tem vigiado atentamente o desenvolvimento de quaisquer movimentos religiosos, e freqüentemente com diversas intervenções.

Sócrates, por exemplo, foi condenado a beber cicuta porque os aristocratas atenienses temiam a grande influência que ele estava adquirindo sobre os jovens de boa família da cidade-estado. Mas sua execução foi seguida em poucos anos pela derrota total de Atenas às mãos de Esparta, o que indica (“sucesso é tua prova”) que os nobres atenienses cometeram um grande erro ao eliminarem o grande iniciado que foi aquele filósofo.

O governo de Constantino procurou aliança com as igrejas romano-alexandrinas porque pressentiu que o cristianismo estava superando a antiga religião. Tendo estabelecido a sua aliança com o imperador, os romanos-alexandrinos usaram o poder temporal, assim adquirido, para destruírem todas seitas cristãs legítimas e independentes; e dentro de uma década apenas começaram as invasões dos bárbaros, que eventualmente demoliram por completo o poderio político dos Césares. O fracasso também prova alguma coisa!

A aliança que a igreja romano-alexandrinas, mais tarde dividida em católico-romana e ortodoxa, sempre formou com os dirigentes de países europeus, invariavelmente provou ser destrutiva, para o poder político e benéfica para o poder religioso. Como diz Mestre Therion:

“Através do crescimento de nações em comunidades organizadas veio pouco a pouco uma certa segurança coletiva contra os perigos mais grosseiros que assaltam qualquer sociedade, de forma que uns poucos homens puderam eventualmente se abster do trabalho braçal para cultivar a sabedoria. No princípio, isto foi feito através da seleção de uma Casta Sacerdotal. Daí proveio a aliança de Rei e Padre – Força e Esperteza se auxiliando mutuamente através da divisão do

trabalho. Aos poucos, meu filho, essa estrutura social primitiva dos homens, através de um processo análogo àquele diferenciado do protoplasma em biologia, tornou cada Estado competente para investigar e controlar o meio ambiente natural que existia. Todo lucro deste tipo liberou mais energia, e ampliou a Classe dos Sábios, até que, como é hoje em dia, apenas uma pequena proporção do trabalho de qualquer ser humano tem de ser dedicado ao interesse comum de prover abrigo, comida, e proteção a todos. Como resultado, vê também muitas Mulheres liberadas para viverem como querem, para admiração e deleite do Sábio cujos olhos riem ao contemplar exceções. Assim, o dever de cada unidade para com o todo é gradualmente diminuído, e também a necessidade de nos conformarmos com essas leis mais estreitas que preservavam as tribos primitivas em sua luta contra o meio-ambiente. Hoje em dia, pois, o Estado necessita suprir apenas aquelas heresias que ameaçam diretamente a sua estabilidade política; apenas as condutas pessoais que provocam prejuízo evidente e legalmente comprovável a outras pessoas, ou que causam desordem geral na comunidade por seu escândalo. Portanto, a não ser que assim eles interfiram com as Leis Estruturais do Bem-Estar Comum, os seres humanos tem liberdade para se desenvolverem como quiserem, de acordo com suas Verdadeiras Vontades.”

Até aí, tudo bem; mas suponhamos que uma heresia seja na realidade, uma invocação social necessária? Ainda quanto a isto diz o Mestre:

“Saibas que qualquer mente pode perceber apenas coisas com as quais já está familiarizada, pelo menos em parte. Além disto, interpretará qualquer mensagem sempre em termos de distorção intrínseca em sua própria estrutura. Numa grande guerra, tudo que é dito pode ser interpretado como uma referência ao conflito; também, uma pessoa culpada de algum crime, ou um paranóico, pode ver em qualquer estranho um policial disfarçado. Pondera, além do mais, que aquilo que é misterioso é sempre terrível para mentes vulgares. Que acontece quando uma Palavra Nova é pronunciada? Ou não é ouvida, ou é mal compreendida; e ela evoca Medo, e Ódio, que é uma reação contra aquele Medo. Então os homens pegam o inovador, e levam-no para crucificá-lo; e no terceiro dia ele se ergue de entre

o mortos, e sobe aos céus, e senta-se à mão direita de Deus, e vem julgar os vivos e os mortos. Esta, meu filho, é a história de todo homem a quem é dada uma Palavra.”

O sucesso final de um Mago é inevitável, porque a Palavra que ele pronuncia representa a Vontade Inconsciente da humanidade inteira; mas no decorrer das peripécias necessárias ao seu estabelecimento, a pessoa humana do Mago pode sofrer, e até morrer.

Como diz *O Livro da Lei*, cap. 1, verso 53: *“Também, ó escriba e profeta, se bem que tu és dos príncipes, isto não te redimirá nem te absorverá.”*

Continuando nas palavras de Mestre Therion: “Então tu vês como os homens tomam o filho da Ciência, e o queimam, chamando-o de feiticeiro ou herege; tomam o poeta, e o expulsam com um réprobo; o pintor, e acusam-no de deformar a natureza; o músico, e acusam-no de negar a harmonia; e assim será com toda palavra nova. Quanto mais então se a palavra for de natureza universal, uma palavra de Revolução ou de Revelação no mais profundo santuário da Alma? Uma nova estrela: isto é para os astrônomos, e talvez os ponhas em rebuliço. Quanto mais um novo Sol! Isto seria para todos os homens, e uma semente de tumulto e levante em todas as Nações.”

Quando o grande filósofo inglês Bertrand Russel esteve nos Estados Unidos, a hierarquia católica romana naquele país ergueu-se em peso contra ele, e finalmente conseguiu que seu contrato com a Universidade de Nova Iorque fosse cancelado, porque Russel era um “Imoral”. A imprensa marrom americana, principalmente aquela financiada pelos jesuítas, foi unânime em calúnias e anedotas para desmoralizá-lo.

Russel advogava o casamento de experiências para jovens, com validade de três meses, e condenava o cristismo.

A perseguição concentrada que a hierarquia romana armou contra Wilhelm Reich enquanto este clinicava nos Estados Unidos resultou, no abalo mental do grande psicólogo, que terminou seus dias num asilo de loucos.

Aleister Crowley, foi expulso da Abadia de Thelema, em Cefalú, na Sicília, devido a representações sigilosas feitas pelo Vaticano perante o governo de Mussolini, que também,

juntamente com a imprensa marron daquele país, foram unânimes em caluniá-lo com os maiores absurdos.

Leitores mais ingênuos podem perguntar como funciona este tipo de manobra executado pela Igreja Romana, é muito simples: Ora, em todo país onde o Vaticano funciona há sempre uma certa quantidade de leigos mais estreitamente ligados ao clero católico, quer por motivos de fé, ou por motivos financeiros.⁹⁶ Estas pessoas são informadas, através de publicações especializadas, cujos fatos são atacados pela Igreja, e passam a usar sua influência política ou financeira para infernizar a vida dos caluniados.

Para comprovar com um exemplo mais concreto, citaremos nosso caso particular, neste caótico sistema. Em 1960 e.v., quando vivíamos nos estados Unidos da América, a polícia americana veio bater à nossa porta; alegando que havia recebido uma denuncia anônima que nos acusava de homossexualidade, vício de drogas, sedução e aliciação de menores para fins de tráfico de entorpecentes.

Note-se a total analogia com as acusações feitas contra Crowley após sua morte, na publicação católica romana em latim a que nos referimos, e um trecho a qual traduzimos.

Normalmente, a polícia americana não age ao receber uma carta anônima; mas sendo Thelemitas, já estávamos sendo vítima da atenção do F.B.I... Poucos anos antes, um caso típico ocorrera em Nova Iorque com nosso Instrutor. O Sr. Germer fora colocado num campo de concentração Nazista, mas a entrada dos Aliados na Alemanha possibilitou a sua libertação, e ele viera para os Estados Unidos, juntar-se a sua esposa Judia. Em Nova Iorque, dedicara-se à correspondência com seus discípulos e a coordenação do movimento Thelêmico em diversos países, enquanto a Sra. Germer trabalhava como professora particular de piano para sustentar a ambos. Agentes do F.B.I. foram enviados à residência de todos os alunos dela, para fazer um inquérito sobre

⁹⁶ O Vaticano é um imenso império financeiro cuidadosamente administrado. Só nos Estados Unidos da América do Norte a Igreja Romana tem, investidos, mais de cem bilhões de dólares. No Brasil, é sabido, que é a principal proprietária de imóveis em toda nação. E recentemente, em pesquisa, no mundo empresarial, muito disfarçada que poucas pessoas tomaram conhecimento, constatou-se tratar-se da segunda maior empresa do mundo em pontos de vendas, só perdendo para a Coca-cola.

sua pessoa.⁹⁷ Como consequência, ela perdeu a maioria dos alunos, e assim a maior parte da sua modesta renda mensal: ela e o Sr. Germer foram forçados a se mudarem para uma cidade do interior, onde sua correspondência continuou a ser examinada, e sua vida pessoal devassada.

No nosso caso, a polícia local tomou uma precaução adicional para nos comprometer: um sargento de detetives trouxe um cigarro de maconha, e disse haver encontrado debaixo de um móvel do quarto. Fomos detidos, sem que pudéssemos nos defender, durante quarenta e oito horas, enquanto especialistas examinavam nosso quarto e nossa roupa na esperança de encontrar algumas toneladas de heroína, cocaína, LSD, etc. Infelizmente para ela, nada foi encontrado, e no fim deste prazo fomos colocados em liberdade. Mas, entretanto, a finalidade principal da manobra fora conseguida: fomos fichados criminalmente num presídio ao qual haviam nos conduzidos.⁹⁸ Tínhamos agora um registro criminal nos Estados Unidos, embora não tivéssemos sequer sido processados, quanto mais condenados, por nenhum crime.

Ao sermos libertados escrevemos ao Sr. Germer informando-o do acontecimento. Ele nos respondeu explicando que a finalidade da operação tinha sido nos desacreditar e obter algum tipo de registro criminal contra nossa pessoa. Tempos depois regressamos ao Brasil, e esquecemos essa experiência.

Nossa volta ao Brasil, entretanto, não nos aliviou em coisa alguma, pois onde quer que fôssemos trabalhar as pessoas eram informadas da nossa homossexualidade, do nosso vício em drogas, e do nosso mórbido interesse por aquele infame mago negro, Aleister Crowley. Ex colegas nossos do Colégio Militar do Rio de Janeiro, foram enviados para nos sondar; nossa correspondência era vasculhada, e mais uma vez, foi roubada.

⁹⁷ Este tipo de manobra foi muito usada pelo F.B.I. na década dos cinquenta, para desmoralizar profissionalmente as pessoas que, por um motivo ou outro, despertavam as suspeitas em seu megalomaniaco e caótico – diretor - J. Edgar Hoover.

⁹⁸ Fomos fotografados como criminosos, e nossas impressões digitais haviam sido tomadas, embora não tivéssemos sido formalmente acusados ou condenados por algum crime. Nossa condução a um presídio fora ilegal: deveríamos ter passado nosso período de detenção na estação de polícia local, até sermos postos em liberdade, ou acusados formalmente e condenados, neste último caso somente então poderíamos ter sido fichados.

Entre outras coisas uma Carta-Patente da O.T.O., que nos fora enviada pelo Sr. Germer, e jamais chegou a nossas mãos; e nossa pessoa era sempre tratada com suspeita, desdém, e até inimizades aberta.

Claro que nossa atitude não tendia a produzir conduta mais tolerante por parte de nossos adversários. A época era que precedeu ao golpe militar de 1964 e.v., em que o país se dividira em duas facções básicas: os comunistas (de linha dura ou festiva), e os reacionários, ou católicos romanos, os quais tinham vantagens em suas alianças junto ao poder político do Brasil, como tem até os dias de hoje. Ora, nós éramos articuladamente tanto anticomunistas, como anti-católicos; nestas circunstâncias, onde encontraríamos simpatia nessa época?

Nosso Instrutor escreveu-nos uma carta, dizendo que a nossa atitude era suicida. Replicamo-lhe: “Eu ficarei de pé ao lado de Heru-Ra-Há (A Grande Entidade Espiritual, que é o Senhor da Nova Era) contra o mundo inteiro; e se Ele quiser, o Mundo tremerá sob meus pés.

Entretanto, não foi fácil sobreviver aos anos que precederam e seguiram 1964 e.v.. As forças que se concentraram sobre este país eram extremas em sua exigência. O Brasil correu perigo de descambar para a extrema esquerda, com todos os seus horrores de tirania e mediocridade, ou para extrema direita, com todos os seus horrores de tirania e privilégios.

Realizamos nossa tarefa de Iniciado: Fomos chamados de volta ao Brasil pelas forças espirituais responsáveis pela integridade desta nação, pois não havia aqui ninguém qualificado para resistir ao embate das correntes demoníacas, e dispersivas, que estavam tentando empolgar o povo brasileiro. Mas, se como Iniciado realizamos nossa tarefa, pagamos o seu preço em nossa pessoa humana. Os comunistas nos destestavam, porque insistiam que participássemos em sua derrota; e os direitistas nos detestavam porque, tendo eles conseguido suas vitórias com nosso auxílio mágicko, nós nem os aplaudimos, nem nos aliamos a eles. Sem nossa presença aqui, a história do Brasil, e da América Latina, teria sido bem diversa a partir de 1964. e.v..

Sobrevivemos, mas apenas sobrevivemos. A mera regalia de uma atividade profissional decente nos foi negada. Onde quer que procurássemos emprego que pudesse nos colocar numa posição

direta com o público, havia sempre vozes nos bastidores insinuando suspeitas ou calúnias sobre nossa pessoa. Os esquerdistas nos chamavam de fascistas; os católicos romanos de satanistas; os ultrareacionários nos chamavam de marxistas disfarçado; as forças de segurança, quando mais generosas, nos consideravam um inocente útil! Como nossos interesses profissionais qual pessoa humana sempre se concentravam em meios de comunicação em massa (especificamente, o cinema, e a telévisão), é evidente que nosso sucesso mundano nessas atividades seria desagradáveis tanto aos derrotados quanto aos vencedores.⁹⁹

Portanto, passamos fome, e atravessamos ordálios. Como diz Éliphas Lévi: “As pessoas de dinheiro procuram, então, humilhar o príncipe da ciência, obstruindo, desapreciando, ou explorando miseravelmente o seu trabalho; partem em dez pedaços, para que estenda a mão dez vezes, o maço de pão de que ele tem necessidade. O Mago nem mesmo se digna sorrir desta inépcia, e prossegue seu caminho e sua obra com calma.”

Não nos atreveríamos a dizer que sorrimos ou permanecemos calmos. Pelo contrário, ficamos bastante perturbados com a evidência de hostilidade, e até perseguição, que sentíamos em nossa volta. De fato, chegamos a suspeitar que os ordálios iniciáticos por que estávamos passando na época nos haviam desequilibrado mentalmente, e que estávamos nos tornando paranóicos. Mencionamos a situação ao nosso Instrutor que nos respondeu:

“Todo Iniciado que executa um trabalho em prol da humanidade é crucificado. Então, após três dias, mais corretamente trinta anos¹⁰⁰, ele será ressuscitado. Isto é parte de

⁹⁹ Em 1964. E.v., alguns meses depois do golpe, o USIS (United States Information Service) resolveu estabelecer programas de telévisão informativos. Em nossa qualidade de roteirista bilingue, fomos oferecer-lhe nossos serviços. O encarregado da prograMaçom, ao lhe sugerirmos uma série de quadros cômicos alertando a população contra os sofismas do marxismo, disse-nos: Ótimo! Mas escreva de uma forma a fazer o povo odiar os marxistas. Replicamo-lhe: O senhor esquece que os marxistas também são cidadãos brasileiros; e eu não estou a fim de estimular ódio entre irmãos. É claro que não conseguimos o emprego, e nossa ficha de indesejável aumentou, não só na C.I.A. como no S.N.I.

¹⁰⁰ Trinta anos é o Ciclo de Saturno, e o grau iniciático a que ele esta se referindo era o Mestre do Templo, que corresponde a Esfera de Saturno, Binah.

sua Verdadeira Vontade. O Deus¹⁰¹ sabe disso o tempo todo, quanto Ele executa o Seu Trabalho (autodestrutivo). Isto me parece tão óbvio, e tão parte da natureza, que eu não consigo compreender a sua surpresa. Se você executa algum trabalho em prol do Novo Æon que se inicia, você despertará inimizades, o antagonismo, o ódio de todos aqueles que estão ligados ao passado. Se você for bem sucedido em seu trabalho, uma onda de cólera cobrirá você. No fim das contas, provavelmente ela não destruirá você (devido ao equilíbrio das forças); mas, como um guerreiro que vai a batalha, você poderá sofrer alguns ferimentos e cicatrizes, os quais são marcas de honra e glória. A. Crowley estava sempre bem cômico do fato que toda vez que publicava alguma de suas obras mais importantes, ele tinha de “entrar na toca”, para dizermos o mínimo.”

Depois de uma carta destas, não nos restava alternativas senão morrer ou agüentar o rojão. Nosso Instrutor nos proibiu terminantemente de morrer, dizendo que não tínhamos o direito, uma vez que a Ordem precisava de nós; portanto, agüentamos.

Os anos se passaram e chegamos ao grau iniciático necessário para substituímos nosso Instrutor, o qual saiu de férias e nos deixou em seu lugar; e aqui estamos. Não detalharemos esses anos, uma vez que não estamos escrevendo a nossa biografia. É bastante dizer que nos foi totalmente impossível trabalhar em nossa atividade profissional de escolha, e fomos reduzidos a lecionar inglês em cursos livres.

Anos mais tarde conseguimos publicar “O Equinócio dos Deuses” em português. Este livro foi possível com a ajuda de vários cidadãos e uma cidadã brasileiros, os quais não citaremos seus nomes para preservá-las.

Alguns meses depois desta publicação, a polícia brasileira veio bater à nossa porta. Havia recebido uma denúncia (cuja procedência, nos foi negada, alegando tratar-se dos “serviços de segurança”) de que éramos homossexual, viciado em drogas, aliciador de menores para o tráfico, etc. etc. etc.

Devemos declarar, em honra da polícia brasileira, que desta vez ninguém teve a gentileza de encontrar cigarros de maconha, ou qualquer outro tipo de tóxico, em nossa residência; mas em

¹⁰¹ O “Deus” porque, Iniciados que cruzaram o abismo são chamados de “Deuses”. São Entidades Espirituais..

conseqüência dessa visita perdemos nosso emprego num curso de inglês onde lecionávamos.

Mesmo para pessoas ignorantes quanto a este tipo de manobra, a coincidência entre a acusação da polícia americana e a da polícia brasileira, com dezesseis anos de intervalo, deverá ser marcante. O interrogatório a que fomos submetidos tornou claro que a nossa ficha criminal americana havia sido colocada a disposição dos serviços de segurança brasileiros. Para essas pessoas que não entendem desses assuntos: o prazo legal para crimes nos estados Unidos da América, é de sete anos, com exceção de assassinatos. Mas alguém conservou nossa ficha, ilegalmente e incorretamente admitida nos registros de uma cidadezinha americana, durante dezesseis anos; e tem tido, estes anos todos, a gentileza de informar toda organização para que trabalhamos, da nossa periculosidade.

Nunca nos foi dada a oportunidade de explicar, de esclarecer, ou de nos defendermos; e anonimato dos autores das calúnias sempre os deixou em completa segurança para denegrir nosso caráter sem qualquer perigo para o seu. Mesmo o delegado que invadiu nossa residência de cidadão brasileiro para vasculhar nossos pertences, nossa pessoa, e nossa vida particular, recusou-se a nos mostrar o documento oficial que o levava a tal iniciativa sem dúvida porque incluía a identidade dos informantes, para não dizer dos mandantes.

Nesta ocasião o delegado pediu que descrevêssemos nossas experiências com LSD, ficando surpreso quando lhe declaramos que nunca em nossa vida havíamos ingerido essa droga. É claro que foi insinuado que fazíamos nossa experiências místicas usando esses tipos de drogas.

Para surpresa de muita gente, Aleister Crowley, ou qualquer outro legítimo iniciado, chegou a profundas práticas com obtenção de psicodélicos. Essas substâncias são imenso valor no processo de auto-análise, e na obtenção de um conhecimento mais profundo dos diversos níveis de consciência de que somos capazes. Mas, não são úteis em nosso avanço espiritual ou na obtenção de transe iniciáticos, pois essas experiências sempre pressupõe Dois, isto é, o Ego e o Não-Ego, ou se preferirdes esta linguagem – o Adorante e o Seu Deus. Não há avanço espiritual sem contato com outra Entidade que não Nós Mesmos!

Mas, gostaríamos de observar que nós nunca precisamos de utilizar esses subterfúgios de drogas para ver Deus, ou aquilo que julgamos ser Deus. Embora, muita gente necessita de um grande auxílio para sacudir o barro da terra de que são formados os seus corpos; e é direito de qualquer ser humano sua livre escolha de beber e comer, e de fazer o que bem entender.

Existem grupos culturais cuja experiência religiosa inclui o uso de psicodélicos. Exemplo os índios mexicanos, seitas sufis do Oriente Médio, diversas ramificações do bramismo na Índia. E o registro histórico de tais grupos culturais tem exibido mais tolerância e mais calor humano que a história do catolicismo romano em particular, ou do cristianismo em geral.

Podemos declarar que nenhum país pode se chamar a si mesmo de civilizado enquanto intervir na vida particular dos seus cidadãos, os quais, de uma forma ou de outra, pagam os salários dos administradores públicos. Verdadeiros Iniciados reprovam a cesura ou a restrição de qualquer tipo, tanto quanto a perseguição doutrinária ou a maledicência vazia.

A hierarquia da Igreja de Roma não pode nunca, em qualquer caso de maledicência, difamação, ou perseguição policial, ser formalmente indiciada como responsável por tais abusos. Primeiro, porque ela faz uso dos órgãos de repressão em que tem influência, na base única de informações confidenciais; segundo, porque a hierarquia dessa igreja nunca publica críticas oficiais diretas contra seus inimigos.

Na época que escrevemos 'Carta a um Maçom', só tomamos conhecimento de que ela era famosa com a hierarquia romana porque um agente de segurança que morava no mesmo hotelzinho que nós, e que era católico romano, nos disse que no Palácio Episcopal do Rio de Janeiro estava bastante agitado por nossa causa.

Porque motivo? Perguntamo-lhe.

Por causa daquela carta que você escreveu e saiu distribuindo por aí.¹⁰² É importante frisar que esses agentes de segurança não

¹⁰² Ele havia recibo uma cópia da carta. Esta carta foi encaminhada por nós a um Maçom, e médico da cidade de Petrópolis, o qual ao invés de mostrar aos seus demais companheiros de Maçomaria, como lhe foi solicitado, destruiu sua cópia. Este Maçom tinha uma imagem de "Jesus Cristo" em seu consultório, e tentou nos convencer a ir visitar um padre romano em Petrópolis com o qual estava em contato. É claro que recusamos.

seriam admitidos, em seus empregos, caso não fossem Católicos Apostólicos de Roma.

Para um ocultista, a hostilidade da Igreja Romana é sempre sinal de que ele é um ocultista sério, e de que o trabalho que está fazendo é útil e legítimo. Quando qualquer organização oculta cresce além de um certo ponto, ela começa a receber atenções dos serviços de segurança. E quando essa organização demonstra não temer a perseguições, e restrições, e ter vitalidade para continuar se desenvolvendo e adquirir maior influência na sociedade, ela recebe propostas de alianças políticas por parte do poder temporal. Isto para grande indignação da religião oficial, que fica na posição de uma mulher que foi traída pelo marido por outra mais jovem e bonita.

Se a organização oculta aceita este tipo de pacto, ela morre espiritualmente: verdadeiro misticismo é incompreensível com interesses puramente mundanos. Legítimos Iniciados podem amar a seu país natal (como Crowley amou a Inglaterra, Fernando Pessoa amou Portugal, e nós amamos o Brasil) profundamente; mas acima deste sentimento eles devem colocar seu amor à humanidade, que é a sua verdadeira comunidade, e ao universo, que é a sua verdadeira esfera geopolítica! Na parlança vulgar, se nosso amor a “Deus” não transcende o nosso amor a tudo mais, inclusive nosso amor próprio, não amamos verdadeiramente a “Deus”.

Através da história, muitas organizações concentradas em volta de um método teúrgico tem caído na armadilha fatal de pactuar com a ordem constituída por motivos financeiros ou políticos. Em consequência não só perderam contato com sua corrente de origem, como causaram imenso dano a humanidade. O caso do cristianismo, repetimos, é um entre muitos: só damos ênfase ao seu fracasso por causa da sua excessiva e deletéria influência na sociedade brasileira. Outras organizações, sérias, também se perderam e se deterioraram com a Passagem dos Æons. Outro exemplo que nos fere de perto, é a Maçomaria osiriana. Conhecemos indivíduos ligados a esse movimento, que são simultaneamente agentes secretos, e agentes financeiros de cartéis. Um deles “maçom de alto grau” que se dizia formado em

psicanálise, e era agente sionista,¹⁰³ confessou-nos em certa ocasião, num rompante de imprudência, que ele era a reencarnação do “Conde de Sait-germain:!”

O Conde de Sait-Germain, fora um verdadeiro representante das fraternidades iniciáticas, ele poderia ter usado governantes para os propósitos da evolução humana; porém, jamais teria sido usado por eles. Iniciados podem ser trucidados, perseguidos, aprisionados, difamados, deportados, despedidos, mas não podem ser comprados.

Todos os inovadores do pensamento humano são, necessariamente, influências perturbadoras da ordem vigente. A humanidade precisa de tais inovadores para progredir; ao mesmo tempo, ela os teme. Quaisquer sistemas econômicos ou políticos tendem a procurar manter sua estrutura através de gerações sucessivas.

Qual é o interesse comum da nação brasileira? Duvidamos que o atual governo saiba. Em 1964 e.v. o Brasil optou por um caminho diverso do comunismo. A massa popular brasileira não se deixou comover pelos sofismas do marxismo.

Toda idéia nova é uma ameaça para um governo que teme pela sua segurança; e todo governo que não crê que espelha a tendência e aspiração da maioria é um governo inseguro.

O Brasil não deve imitar quaisquer outra nação: nossa realidade geográfica é outra. Somos uma nação híbrida o verdadeiro brasileiro possui em suas veias o sangue de três raças que compõe a espécie humana, ou seja: a branca, a negra, e a amarela (da qual os índios das Américas são apenas uma variação).

Faz dois anos, escrevemos a letra e compusemos a música de uma canção baseada neste conceito, a qual foi censurada, não porque fosse subversiva, mas porque era franca. Desde então vários programas governamentais tem ecoado o nosso conceito, e recentemente canções tais como a nossa foi usada, sem emular nossa franqueza. Não ressentimos tais manobras por motivos “morais”: afinal de contas, o plágio é o único recurso dos

¹⁰³ O sionismo começou como um fermento emocional, espontâneo, entre os judeus: sua justificativa era a inegável perseguição e ostracismo que eles sofriam em todos os países onde o cristianismo tinha poder político. Desde a fundação do Estado de Israel, o poder financeiro internacional judeu, tem se infiltrado na nova nação por motivos puramente materiais, deturpando a aspiração original.

medíocres. Mas ressentimos o afluxo financeiro que nos foi cortado pela censura, não só nesta, mas em várias outras iniciativas musicais nossas.

A Censura é apenas uma das armas de um Sistema que é moralmente fraco, e tem consciência de sua fraqueza, pois uma mínima crítica é interpretada como uma ameaça.

Um país estável, produz liberdade de expressão, e respeito pelo seus cidadãos (que afinal de contas é o padrão ultimal de qualquer funcionário público, desde o varredor de rua, até o mais prestigiado marechal), e defesa constante dos direitos humanos.

104

A única forma do Brasil descobrir realmente em que direção deseja ir, seria o governo permitir a livre expressão de todas as facções políticas existentes na nação. Isto necessitaria, igualmente, livre acesso à inforMaçom, ou a propaganda, venha esta de onde vier. Portanto, a Censura não só deveria morrer, como não deveria ressuscitar nunca.

A intenção dos governos estabelecerem medidas restritivas para a manutenção da “ordem vigente”, que eles crêem ser a melhor possível; mas a idéia de que ordem é sinônimo de restrição é uma perigosa falácia para um país que inclua a idéia de progresso em sua bandeira, e atenha como lema.

A manutenção ou evolução de uma espécie não depende jamais de valores fixos, mas sim da assimilação de mudanças ambientais e de adaptação biológica a tais mudanças. Seres vivos mudam de formas, de natureza, e até de funções, embora façam isso da mesma lentidão com que as idades geológicas se sucedem. O importante é não resistir ao que é novo, e sim integrá-lo em nossas vidas. Este é o método científico, e o verdadeiro método do misticismo; e deve ser o método de toda religião, tanto em filosofia quanto em moral e civismo.

É nosso dever encorajar e não combater as pessoas que possuem idéias novas. Cada qual expresse a sua idéia e lute por ela; não buscando não impor suas convicções sobre os demais, utilizando-se de dogmatismo ou da força. Aquilo que tem real

¹⁰⁴ Dissemos que o plágio é o recurso dos medíocres; e gostaríamos de apontar aqui que a tão discutida Declaração dos Direitos Humanos da ONU é um plágio descarado de Liber Oz, feito por gente que sequer se atreveu mencionar o nome original do autor.

valor para uma nação fará demonstrar-se através da aceitação espontânea de todos os compatriotas.

Quer vossa idéia seja de valor para todos, quer ela seja de valor apenas para vós, se ela for expressada em uma sociedade viciada pela incerteza, medo, ou perseguições; podereis esperar, também espionagem, ostracismo, calúnias e até violência contra vossa integridade física. Isto é um resultado da loucura egóica colocada em posições de autoridade: quanto mais profunda for a vossa idéia, mais ela será temida pelos dinossauros morais que pululam em vosso país, estejam eles fantasiados de comissário do povo, de sacerdotes, ou de defensores da Pátria.

As técnicas utilizadas para vos espionar são atualmente tão sofisticadas que será praticamente impossível evitar que vos espionem. Existem aparelhos que adaptados ao vosso telefone e discando qualquer número no catálogo, vosso aparelho entrará em contato com o telefone que corresponde aquele número, o qual funcionará como um transmissor. Através deste simples processo podereis escutar quaisquer conversações de vosso interesse.

Este é apenas um exemplo da aparelhagem ao dispor dos invasores de privacidade alheia. Em nossa época, sociedades “ocultas” só podem ser secretas na medida em que seja necessário ter vivência para compreender os ensinamentos apregoados por estas sociedades. Palavras de passe e sinais maçônicos? Isto é brinquedo de criança para os infiltradores.

Bem disse Crowley: “o mistério é o inimigo da verdade.” Os verdadeiros segredos são invioláveis porque necessitam de anos de aplicação ao paciente e de maturação interna. É por isto que a Sagrada Ordem da A.:A.:, cujas práticas estão abertamente publicadas, continua sendo um mistério para todos os espões que dela se aproximam. Não que escondamos deles, pelo contrário, nos alegraria muitos vê-los compreender o que tentamos explicá-lhes. Mas pode um estudante que mal aprendeu a tabuada compreender explicações sobre o cálculo tensorial?

Portanto, não deveis se irritar demasiado com a curiosidade do vosso Sistema a vosso respeito. Procurai, antes, medir o sucesso das vossas idéias novas, a essencial profundidade delas, e acima de tudo a sua real novidade, pela irritação dos defensores

da ordem estabelecida em não vos poder entender, mesmo que tenteis explicar na linguagem mais simples e franca.

Mas cuidado se vossa idéia nova é seguida por calorosas congratulações dos vossos governantes! Lembrai-vos do famoso caso do orador ateniense que, dirigindo-se à tuba, foi subitamente interrompido por aplausos e virando-se, perplexo, para seus amigos, perguntou: “Será que eu disse alguma asneira?”

CAPÍTULO IX

OCULTISMO E O PSICOSSOMA

A palavra Psicossoma, ainda pouco usada em português, define o conjunto de processos vivos de qualquer organismo: inclui tanto fenômenos psicológicos quanto os fenômenos fisiológicos. Na realidade, é impossível separá-los, pois a consciência normal é puramente subjetiva, nos só sabemos do nosso meio ambiente através das modificações que ele provoca em nossa mente e em nossas emoções. Para conhecermos o Universo tal qual realmente ele é, torna-se necessário desenvolver faculdades além dos cinco sentidos. A mente humana é incrivelmente confusa, e a repercussão de contato com o meio-ambiente pode provocar tanto distúrbios mentais que se manifestam como doenças do organismo físico, quanto distúrbios do organismo físico que se manifestam como doenças mentais.

Faz algum tempo, fomos procurados por um jovem casal que obtivera nosso endereço de um conhecido, o qual fora indiscreto para lhes dizer que éramos um grande conhecedor de ocultismo. Embora não gostemos de conversar sobre tais assuntos com profanos, em atenção ao nosso conhecido, ouvimos o problema do casal. O marido tinha uma irmã que estava acometida de um mal inexplicável, o qual periodicamente causava um excesso de pressão no fluido espinhal, provocando convulsões semelhantes a epilepsia.

Preparamos uma adivinhação do Taro, a fim de ver se poderíamos ser de auxílio a essas pessoas, e o resultado da primeira manipulação das cartas indicou que o problema era de ordem financeira. Ao declararmos isto ao casal, o marido negou veementemente que assim fosse.

Quando isto ocorre, o operador é aconselhado a abandonar a questão por completo, pois não existe afinidade entre ele e os consulentes; conseqüentemente, não poderá lhes ser de auxílio.

Neste particular caso havia afinidade, mas não havia boa fé: conforme pudemos averiguar mais tarde, o problema era, realmente financeiro. A doença da irmã estava causando despesas extras à família, e o irmão ambicionando viajar à Europa com a esposa, estava procurando uma solução rápida e barata para o problema consultando um bruxo. Quer porque não estivesse conscientemente ao par dos seus motivos, quer por vergonha de nós, negou que sua preocupação primordial fosse o dinheiro. Ainda em tais casos, convém afastar o consulente, a quem não podemos ser de auxílio, devido a sua hipocrisia ou falta de percepção de seus próprios motivos.

Infelizmente não somos perfeitos, ficamos com pena do casal, e não tivemos coragem de mandá-los embora!

Contrariando as regras, prosseguimos a um interrogatório do casal, e obtivemos os seguintes dados: a irmã, até recentemente, fora casada com um oficial de pára-quedista, o qual estivera envolvido em atividades violentas após 1964 e.v.: pertencia a um dos “aparelhos” clandestinos da extrema-direita responsáveis por torturas e matanças de prisioneiros políticos. Um ano antes, ele se separara da esposa e estava agora vivendo com uma mulata que pertencia a um “terreiro” de macumba. Embora vivendo com outra, ele não se dispunha a se afastar por completo da esposa, a quem visitava regularmente, e tentava conciliar a fazê-la aceitar a situação de bigamia.

Com sua insistência, a mulata viera visitar a esposa, a qual se recusara a recebê-la. A partir desta data havia começado os misteriosos ataques em que a esposa caía e se despojava convulsivamente.

O irmão confiou-me que a doente acreditava firmemente haver sido enfeitiçada pela amante do marido, e perguntou-me o que fazer para se certificar do fato. Explicamo-lhe os métodos de defesa que detalhamos neste livro, e sugerimos consultar um umbandista sobre o assunto, já que havia a possibilidade de um ataque por alguém daquela linha. Também lhe ponderamos que havia uma possibilidade do problema ser de causas naturais, e lhes demos uma lista de vitaminas e complementos dietéticos

para a doente, e que verificassem se havia alguma relação entre as fases da lua e os ataques misteriosos.

Não esperávamos mais vê-los; mas um mês depois voltaram a nos procurar. Segundo ele, haviam feito uso dos métodos de defesa recomendados e haviam consultados uma “mãe-de-santo”; mas os problemas continuavam. Pediu-nos que fossemos ver a sua irmã.

Isto recusamo-nos a fazer. A irmã era católico-romana, assim como ele e sua esposa; porém aceitavam sem qualquer reprovação as atividades do cunhado como torturador e assassino: sua indignação moral contra este datava unicamente do início da infidelidade conjugal! Entretanto, após fazermos diversas perguntas ao irmão, e chegamos a conclusão de que não se tratava de um caso de ataque astral.

Dissemos-lhe que existia tensão mágicka em torno de sua irmã. – O marido está sofrendo pressão telepática por parte das pessoas que foram magoadas pelas atividades dele, e a tensão repercutiu sobre sua irmã, por que ela é mais sensível que ele.¹⁰⁵ Como se isto não lhe bastasse, ela se deixou afetar por sentimentos de rancor contra a outra mulher. Seu estado de tensão nervosa é muito grande, e se exacerba periodicamente sob influência da fase lunar. Isto causa o aumento de pressão no fluído espinhal, o que por sua vez causa as convulsões.

Portanto continue a administra-lhe os complementos dietéticos em altas doses, e a convença a perdoar e a esquecer, se possível, a amante do marido, e a tratá-la pelo menos com dignidade, e decência.

Portanto, não iremos ver sua irmã, pois, apesar de seu problema não nos atingir, nossa energia não é infinita, e somos obrigados a conservá-la e a economizá-la. Iniciados não são super-homens, são apenas homens e mulheres com certos conhecimentos. Se vocês pertencessem a movimentos Thelêmicos a situação seria outra, então eu me sentiria obrigado a intervir mesmo.

¹⁰⁵ Isto ocorre freqüentemente: uma pessoa é envolvida por uma nuvem de ódio telepático, mas em vez dela ser afetada, é um dos seus familiares que se torna vítima. É claro que isto não é justo, mas não existe injustiças no Universo, há apenas causa e efeito. O Universo exige uma compensação de força, não de justiça. É por isto que a Deusa da Justiça era representada como cega entre os romanos.

Neste momento vimos passar pela face do rapaz uma expressão de repulsa e de desprezo. Percebemos que ele julgava que estávamos sugerindo que ele se convertesse à nossa Filosofia como pagamento por tratarmos sua irmã. As suas visitas tinha sido por motivo de pechincha, pois ele sabia que não cobrávamos por tais consultas, mas ele nos desprezava.

Somos demasiados corteses para mostrar a porta às pessoas, mas finalmente esse moço se deu conta de que havia esgotado seu crédito conosco, e retirou-se para não mais voltar. Eventualmente soubemos que o casal havia partido para a Europa e haviam internado sua irmã numa casa de saúde.

Problemas emocionais são freqüente causas de repercussão no organismo físico. O Câncer por exemplo, na maioria dos casos é de origem psicossomática. Os sintomas dessa infeliz senhora pareciam ser um dos ataques ocultos; mas tanto quanto pudemos averiguar, a origem do seu problema era um conflito interno. Tais casos são muito comuns e haverão de se tornar cada vez mais, à medida que as vibrações do Novo Aeon se intensificam. As pessoas estão se tornando cada vez mais cômicas do seu contato telepático e empatético¹⁰⁶ umas com as outras. Vivemos dentro de um oceano de energia, do qual somos parte; e a medida que nossos veículos se aprimoram e se refinam, maior se torna a necessidade de harmonizá-los e integrá-los, não só em relação a nós mesmos, como em relação à sociedade em geral.

Por outro lado, é muito comum o reverso do caso acima, e lesões de origem puramente orgânicas podem repercutir nos corpos sutis assumindo todos os sintomas de ataque oculto.

Em, certa ocasião uma senhora da “alta sociedade” foi admitida a uma comunidade oculta. Essa senhora vinha recomendada por um de seus membros, mas com uma ressalva: seu marido, um homem bem conhecido nos meios políticos, recusava-se a viver com ela, e ameaçava interná-la num asilo de loucos. Aparentemente, ela sofria de obsessão, o que causava ataques periódicos de conduta escandalosa que estava pondo em perigo a carreira do marido. A paciente foi colocada em

¹⁰⁶ O contato telepático e essencialmente mental, e ocorre no nível do Manas (ou Ruach); o contato empatético e essencialmente emocional, e ocorre no nível do Kama-Rupa (ou Nephesh). Certas pessoas tem mais capacidade para um do que para o outro.

observação pelos membros da comunidade, e durante 45 dias sua permanência no meio deles esteve completamente isenta de fenômenos anormais: ela demonstrou ser alegre, encantadora e prestativa. Na sétima semana, entretanto, seu comportamento se alterou. Ela ficou intensamente agitada, e subitamente acusou o administrador de fazê-la passar fome e de agredi-la fisicamente. Estas graves acusações foram verificadas pela pessoa responsável pelo movimento da comunidade, e chegou-se a conclusão que eram infundadas. Poucos dias depois, a paciente acalmou-se e esqueceu de tudo que havia feito, passando a ser uma pessoa alegre e companheira que fora antes.

Passadas sete semanas, os sintomas de desassossego reapareceram. A senhora alegou que influências malignas a estavam atacando, e que provinham de um armário de seu quarto; passou a caminhar seminua pela residência e tentar seduzir sexualmente outros membros, tantos homens quanto mulheres, e regia com palavrões e agressão físicas, quando era repelida. Estes sintomas também desapareceram após alguns dias.

Como a comunidade estava sempre selada magicamente, e a paciente estava sob guarda mágicka, foi concluído que ataque mágicko não podia ser a causa da doença. A periodicidade dos sintomas sugeriu uma causa orgânica relacionada com a fisiologia feminina. A paciente foi levada a uma clínica e submetida a um exame ginecológico. Foi estabelecido que um de seu ovário estava infeccionado, assim como o seu apêndice. Os sintomas maníaco-depressivos estavam ligados a seu ciclo menstrual, que era extremamente irregular e doloroso. Ela foi operada de apendicite e trata com antibióticos até que a infecção ovariana desapareceu. A situação foi esclarecida ao marido, que a recebeu de volta com imenso prazer, e até a presente data não houve ressurgência do problema.

Portanto, uma determinada doença altera, e pode deformar a personalidade das pessoas; e isto mesmo quando a causa é puramente orgânica. O mau funcionamento do fígado por exemplo, está ligado há séculos com a idéia de irritabilidade e depressão; a palavra “histeria” vem de “hiter”, que significa útero em grego, e durante séculos julgou-se que fosse uma doença exclusivamente feminina.

Outro aspecto que tem sido mal explorado no Brasil, é a influência de deficiências dietéticas em distúrbios da personalidade. Os proletários brasileiros são acusados de burrice, teimosia, irracionalidade, pieguice, principalmente os favelados. Mas não se leva em conta que o proletário brasileiro ganha tão pouco, e vive no meio-ambiente tão retardado em matéria de dietética, que não se pode esperar que sua personalidade funcione com eficiência, mesmo no caso de uma alta inteligência. A comida do pobre no Brasil, é basicamente farinha de mandioca, feijão e arroz. Se pelo menos o arroz fosse integral já evitaria inúmeras doenças. Os chineses se conservaram vivos e demonstraram inteligência e capacidade, durante séculos em que se alimentaram quase exclusivamente de arroz integral.

Se a farinha de trigo que compõe o pão do pobre, o arroz, e o leite que as vezes ele bebe, fossem integrais, é provável que o proletário brasileiro fosse mais inteligente e mais ativo.

O trabalho oculto gasta tanto energia nervosa quanto ao um grande esforço físico, que correspondem aos mesmo grau de energia de um atleta profissional. Os princípios básicos são Os seguintes:

- 1 – Não comer alimentos refinados, como açúcar farinha de trigo, fubá, sem que estejam o máximo perto de seus estado natural. Ingerir farinha de trigo integral, farinha de mandioca grosseira, melado, rapadura, frutas e vegetais preferencialmente crus ou cozidos com casca e ingeridos com casca, e sempre que possível o farelo de trigo.

- 2 – Comer carne de acordo com a nossa conveniência física, e não nossos princípios morais. Em outras palavras, se a carne de dar dor de barriga, não as comas; mas se te dar dor de consciência, remodela a mesma de acordo com o bom senso. Em nossa experiência, nada se pode esperar do vegetariano que é assim por princípios morais, a não ser hipocrisia, falsidade, e uma sutil perversidade. Não há qualquer crime moral em consumirmos a substância de outros seres vivos; eventualmente a nossa carne também servirá de alimentos a outros; e é sublime impertinência dos vegetarianos afirmar que as plantas ressentem menos a serem ingeridas por nós que os animais. Como é que eles sabem disso? A crueldade e o descaso dos Hindus vegetarianos tem sido proverbial através dos tempos: até hoje na Índia dos “maharishis”

é um dos poucos países do mundo onde se aleija deliberadamente um recém-nascido para que cresça um mendigo.

3 – Durante um treino mágicko (ou atlético), ingerir nicotinamida, ácido ascórbico, levedura de cerveja e óleo de germe de trigo (rico em vitaminas E) em quantidades moderadas mas constantes.

4 – Não forçar o cérebro nem o corpo a esforços bruscos e irregulares; buscar um desenvolvimento gradativo, metódico, persistente, e paciente das nossas faculdades sutis, exatamente da mesma forma o atleta sensato se esmera por desenvolver a sua musculatura de forma gradual.

Existe mais um tipo de distúrbio psicossomático que devemos mencionar, e dos mais comuns, e mais difíceis de curar: aquele que resulta de um sentimento íntimo de culpa.

Citaremos mais um exemplo de auxílio deste caso: faz algum tempo uma senhora de temperamento decidido veio nos solicitar uma Iniciação na O.T.O. como ela tinha a instância de terceiros, tratamo-la com mais precaução do que é usual, e submetendo-a a diversas provas. Eventualmente tornou-se claro que ela tencionava um acordo: ela entraria para a O.T.O., contanto que a curássemos de um enfeitiçamento a que fora submetida e que a impedira de se tornar uma cantora lírica. Claro que em qualquer ordem seria tais negócios são impossíveis; mas sem qualquer interesse, e por pura curiosidade, indagamos quanto as circunstâncias do feitiço. Averiguamos que esta senhora em sua juventude fora uma cantora lírica, mas entregara-se a orientação de um professor de canto que era ocultista, e em certa ocasião desentendendo-se com ele, o havia desafiado. O professor encolerizado, lançara sobre ela a maldição de que ela perderia a voz. E ela, efetivamente, a perdera.

Concluímos que esta senhora, embora uma pessoa boníssima em seu caráter essencial, mas era, também uma pessoa geniosa e respondona. O professor lançara sobre ela uma sugestão hipnótica criminoso; infelizmente, como já descrevemos ao longo deste livro, muito comum num ramo de pensamento onde o desregramento egóico impera. Mas a sugestão se firmara, e se mantinha, porque subconscientemente a vítima admitia que ofendera o agressor; e além disso fixara todos os seus rompantes de cólera neste particular incidente. Em suma: essa senhora

perdera a voz para se punir a si mesma pelo seu mau gênio; e condenando-se, estava cumprindo a pena que se impusera, usando a maldição do professor como pretexto; poderíamos “perdoa-la”, em cujo caso assumiríamos em nossa aura responsabilidade por ela. Mas Iniciados Thelêmicos não fazem isto. Nós não escravizamos psiquicamente nossos semelhantes, nós conduzimo-los àquela libertação interna que resulta da verdadeira maturidade anímica.

Demos a perceber a essa senhora que não poderíamos pactuar com ela sua Iniciação, pois isto não é caso para regateio. Encolerizou-se conosco, como era próprio do seu temperamento, e afastou-se. No entanto, somo-lhes reconhecidos pela sua inegável generosidade, por ter sido uma das fontes que contribuíram para a publicação de “O Equinócio dos Deuses”.

Casos como o dessa senhora abundam: “Os salvadores” se aproveitam de tais infelizes para produzirem “milagres”.

Certa vez um respeitável diretor teatral, norte americano, relatou o seguinte: “Numa conferência a estudantes de arte dramática, um jovem perguntou-lhe:

-O senhor já teve alguma vez um fracasso em teatro?

-Várias. As vezes você faz o melhor que pode, e trabalha o melhor que pode, e acredita firmemente no que faz; e apesar de tudo isto, o resultado é um fracasso de bilheteria que o público não aceita.

-E o que faz o senhor quando isto ocorre?

-Eu me perdôo, respondeu o diretor.”

As pessoas que se punem, pelos seus fracassos estão sendo vaidosas. Autopunição é um sintoma de vaidade egóica. Não somos perfeitos: somos criaturas que evoluem e aspiram a uma perfeição que teremos que abandonar no momento em que atingirmos. Devemos, para a nossa própria proteção, conservar sempre nosso senso de humor e nosso senso de perspectiva.

Feliz daquele que é capaz de rir de si mesmo!...

CAPÍTULO X

OS “MILAGRES” E AS ALUCINAÇÕES

Na época em que Aleister Crowley foi chamado de “pior homem do mundo” pela imprensa marrom de seu país, e por publicações católicas romanas em latim, havia em Londres um livreiro a quem ele muito estimava pela sua honestidade e devoção à literatura especializada do ocultismo, a quem encomendava livros raros, e cuja loja visitava regularmente. Numa dessas ocasiões, o livreiro queixou-se, brincando mais meio sério, de que apesar da reputação de Crowley como “feiticeiro” e “mago negro”, ele nunca vira o Magista praticar nenhum portento.

Crowley Ponderou. –Em atenção a sua pessoa, vou fazer algo que raramente faço. Feche os olhos.

O livreiro fechou seus olhos alegremente.

-Abra-os – disse Crowley.

O livreiro abriu os olhos. Suas estantes, poucos segundos antes abarrotadas de primeiras edições preciosas e caríssimas, estavam completamente vazias.

Imagine-se a ansiedade do proprietário! Mas após um momento Crowley disse-lhes que fechasse os olhos novamente, e quando os reabriu seu estoque tinha voltado ao normal. O livreiro jamais quis saber de exigir outras façanhas do Magista.¹⁰⁷

Em outra ocasião, Crowley foi convidado a uma reunião social por uma anfitriã londrina que gostava de colecionar intelectuais entre seus hóspedes. Era noite de inverno, e a lareira estava apagada. Em tom de pilhéria, os “intelectuais” presentes sugeriam a Crowley que usasse seus poderes mágickos para atear fogo na lareira.

-Ó, pois não – disse o Magista.

Ele fez um gesto e pronunciou uma palavra: a lenha na lareira imediatamente explodiu em chamas.

Não se falou mais em Magick naquela noite.

Estes milagrezinhos eram bastante raros, e sem dúvida medíocres se comparados com os absurdos fenômenos atribuídos a Crowley por gente sem consciência e sem escrúpulos; o que há de importante é que tais fatos nunca foram negados pelo autor.

Nada há de fantásticos em tais fenômenos; não são “maiores” nem “menores” do que os atribuídos a diversos taumaturgos

¹⁰⁷ Esta história foi contada pelo próprio livreiro Sr. John Watkins, homem respeitadíssimos no círculo de atividades.

através dos tempos, entre outros, o lendário “Jesus” dos crististas. Mas verdadeiros iniciados raramente executam façanhas que pareçam contrariar as leis naturais, e detestam “milagres” do tipo que produz alucinações coletivas: primeiro, porque fenômenos não são provas da probidade de seus autores, nem da validade de suas doutrinas; segundo, porque quaisquer “milagres” representam um desperdício de energia que pode ser mais eficiente aplicada em outros projetos, como a evolução espiritual da espécie humana.

Nosso caso chega a ser embaraçoso: aspirantes vem a nossa presença com os olhos suplicantes, e notamos que esperam de nós, pelo menos a tradicional auréola; aspiram a ressurreição dos mortos, e ficam bastante aborrecidos quando percebem que não estamos dispostos a fazer o teatro dos ilusionistas, a verborrêia dos charlatões, ou a desonestidade dos políticos.

Nunca ambicionamos os poderes tradicionais de Patanjali: a única faculdade que nos foi permitida é aquela de ajudar as pessoas que assim desejarem na busca e descoberta de suas Verdadeiras Vontades. Não podemos fazer mais que orientar e aconselhar. Nessa procura, cada aspirante tem que dar o primeiro passo.

Não nos surpreende que a maioria dos nossos pretensos discípulos nos abandone a meio caminho, assim que percebem, que não estamos dispostos a nos sacrificar por eles, esperamos pacientemente, que eles se disponham a trabalhar por si, e pela Ordem.

Mas nosso caso à parte: Crowley certamente possuía poderes mágicos; mas como todo real e verdadeiro Mestre, raramente os usava, e se abstinha de misturar os planos.

Fenômenos realizados por iniciados podem ser executados de duas maneiras principais: ou através de projeção telepática por parte de uma mente treinada, ou através de entidades dos planos sutis que, por um motivo ou outro, estão dispostas a obedecer ao Magista.

No caso da livraria, Crowley pode ter imaginado as estantes vazias, e projetado esta visualização no cérebro do seu amigo, produzindo uma alucinação momentânea, análoga àquela produzida por uma sugestão hipnótica, ou pode ter chamado um

dos seus elementares a que estimulasse diretamente no cérebro do livreiro a falsa percepção.

No caso da lenha que pegou fogo sozinha, foi um fenômeno de telecinésia. Certos iniciados tem facilidade para a produção de algum tipo particular de fenômeno elemental. Crowley simplesmente demonstrou sua afinidade com o elemento fogo. Há casos que nem é necessário sermos um iniciado para termos capacidade de produzir este tipo de fenômeno. As manifestações do tipo chamado “poltergeist” são invariavelmente ativadas pela aproximação de adolescentes sexualmente frustrados ou de histéricos.

Mesmo quando fenômenos mágicos são legítimos, raramente são eficientes: o autor da *Magick Sagrada* de Abramelin, por exemplo, se gaba de ter ressuscitado um morto e animado o cadáver com um demônio apenas para garantir a sucessão dinástica de uma família nobre da Alemanha medieval; mas o sucessor do morto perdeu, em poucos anos, por pura incompetência, a herança que lhe fora tão carinhosamente, e milagrosamente, garantida pelo Magista.

Ele se gaba, também, de ter levantado dois mil soldados ilusórios (isto é, entidades demoníacas materializadas sob aspectos humanos) para auxiliar um amigo nobre, numa batalha em que este, de outra forma, teria sofrido inferioridade numérica; e a história da época comprova, efetivamente, que uma quantidade de soldados inesperados e desconhecidos vieram reforçar as fileiras daquele aristocrata; mas, se bem que o protegido do Magista tenha ganhado a batalha, ele terminou por perder a guerra.

Em época mais recente, o assim-chamado “Mestre Philippe” um iniciado francês que chegou ao grau de Adepto, mas que enveredou por uma linha inecológica de ação mágica, protegeu com seus poderes a família imperial dos Romanov, a quem devia favores, e profetizou-lhes que enquanto ele fosse vivo nada teriam a temer dos bolcheviques; mas à morte do Magista, a família dos Czares foi totalmente dizimada, e a Rússia ingressou no exagero que é o comunismo.

O Carma, ou a Lei de Compensação, é infalível. Sábios são aqueles iniciados que a levam sempre em conta em seu trabalho!

O Universo está entretecido em um continuum; não há ação sem reação possível. Como diz o Clássico de Pureza:

Ah! Contato com tudo,
Plástico toque, e exato,
De tudo o manto, livre no entanto,
Fora de cada Ato!

Quem tiver isto, chega
Pouco a pouco, um suspiro,
Ao ancestral Mistério do Tao
E some em seu Retiro.

Homens o chamam Mestre:
Mas ele manda em quem?
Raiz-Motivo de tudo vivo,
Ele não manda em ninguém!

Lai Kung¹⁰⁸ o Mestre disse:
O Adepto que é perito
Nunca tem meta, enquanto o pateta
Sempre persegue um fito.

Quem mais possui o Teh
Oculta em seu poder.
Quem tem o exhibe, porém:
Tem sempre algo a fazer.

Quem exhibe Poderes,
Quem qual tesouro os vê,
Gente é sem arte, sem sequer parte
De Tao, e até de Teh.

A utilização de entidades demoníacas é sempre perigosa para o equilíbrio ecológico entre os planos. Estas entidades exacerbam e fortificam os movimentos egóicos. É possível que Crowley tenha utilizado tais entidades na livreria de John Watkins; se assim os

¹⁰⁸ Lao-Tse. O autor do Clássico de Pureza, Ko Yuen, foi uma das encarnações de Aleister Crowley, que na época era discípulo do autor do Livro do Tao.

fez, ele escolheu cuidadosamente o tipo de fenômeno a ser produzido, com duas finalidades:

- 1) Satisfazer o ingênuo desejo de seu conhecido.
- 2) Desencorajá-lo de fazer novas repetições, com a possibilidade de um enorme prejuízo financeiro.

Mesmo que Crowley não tenham utilizado entidades demoníacas em sua produção, ele teria a mesma precaução; pois como o ser humano existe em todos os planos, este partilha da substância desses planos; sendo perigoso perturbar o relacionamento normal entre eles. Isto ocorre toda vez que um “milagre” é produzido.

Em dezembro de 1929 e.v. uma respeitadíssima revista inglesa, *The Occult Review*, publicou uma carta ao editor, assinada H. Campbell, no seguinte teor:

“Desejando certa inforMaçom que eu não podia obter de nenhuma maneira usual, recorri ao Sistema de Abramelin, e para isto preparei uma cópia do talismã apropriado, aperfeiçoando-a com minha melhor habilidade e de acordo com o meu parco conhecimento e experiência.¹⁰⁹ Após executar o ritual, eu passei ao processo de limpar o meu local de trabalho astralmente. A prática baseada em pouco conhecimento é sempre perigosa: meu ritual era imperfeito,¹¹⁰ e tudo que consegui foi inutilizar o talismã, sem em nada impedir das atividades da entidade invocada. Isto foi um grosseiro descuido de minha parte, e até certo ponto assim é; mas o que desejo tornar claro é que meu conhecimento neste particular sistema, e portanto meu ritual eram imperfeitos. De qualquer maneira, não me havia sido demonstrado nenhum método de combater essa particular entidade, uma vez provocada.¹¹¹

¹⁰⁹ H. Campbell era um Probacionista sob orientação de Dion Fortune. O Sistema de Abramelin só deve ser utilizado por pessoas que alcançaram o Grau de Adepto Menor da A.:A.: ou outro sistema equivalente. Os talismãs são acionados por entidades demoníacas sobre os quais ninguém que não tenha alcançado o Conhecimento e Conversação do Sangrado Anjo Guardião – isto é, a harmonização total de suas faculdades – poderá obter controle.

¹¹⁰ O ritual não era imperfeito; apenas, não era suficiente para banir o demônio encarregado de dinamizar o talismã. De qualquer forma, seria tolice da parte de H. Campbell banir a entidade que ele acabara de invocar para executar um certo trabalho! Ele pegara um tigre pela cauda....

¹¹¹ Note-se o ego do aspirante, e sua total incompreensão do que é legítima autoridade espiritual. O conhecimento que tinha do Sistema de Abramelin era tão

Infelizmente não sei ao certo em, data os fenômenos começara, mas o primeiro indício que havia um problema deve ter aparecido por volta de 3 de março de 1927. Posso calcular a data porque, como pude vilificar posteriormente, as manifestações eram sempre mais fortes por volta da lua nova, e após eu ter ido para a cama dormir. Nessa ocasião eu me lembro de ter despertado subitamente, com um vago sentimento de horror me oprimindo. Não se tratava do horror que acompanhava o pesadelo: era como se fosse uma emoção que estava sendo provocada em mim por alguma fonte externa e, a qual podia ser repelida por um esforço de vontade. Isso passou quase que no momento em que me levantei, e não pensei mais no assunto.

Novamente dia 2 de abril, ou aproximadamente, na Lua Nova seguinte, eu fui acometido pela mesma sensação; mas considerei não mais que um severo pesadelo, embora o fato de que meu sono estava sendo perturbado perto da lua nova me tivesse ocorrido. Ao aproximar-se a lua cheia, as noites eram novamente pacíficas.

A lua nova de 1 de maio trouxe uma repetição do problema. Desta vez a sensação de horror foi muito mais forte, e necessitou um esforço de vontade quase intolerável para dissipá-la. Também, foi por volta desta ocasião que eu vi pela primeira vez a entidade que estava rapidamente me obcecando. Não era propriamente feia de aspecto: seus olhos estavam fechados, e era barbada, com longos cabelos em sua volta. Pareceu-me com uma força cega pouco a pouco despertando-se para atividade.¹¹²

perfeito quanto o ser o de um profano. O Sistema está aberto e claramente descrito. O ritual utilizado não era imperfeito: era o utilizador do ritual que não tinha desenvolvimento suficiente para manter sob controle a força invocada. A palavra “combater”, empregada em relação ao demônio que esta encarregado de dinamizar o talismã, é particularmente tola. A atitude que ela sugere equívale a chamarmos um especialista para executar um determinado trabalho, e então desejarmos que o trabalho se já realizado sem que o especialista se apresente!

Esta cegueira, infelizmente, e bastante comum em pessoas que se interessam por ocultismo: elas pensam que o trabalho mágico depende exclusivamente de “segredos”, e não percebem que a capacidade do Magista é mais importante que quaisquer rituais. Tentar mandar nos espíritos sem termos envergadura moral para tanto, ou sem estarmos sob fiscalização de alguém que a tenha, é completa tolice. H. Campbell resolvera utilizar o sistema de Abramelin sem o conhecimento nem o consentimento de sua instrutora, a qual sabia perfeitamente, que mesmo sendo Zeladora, nem ela estava em condições para utilizá-lo!

¹¹² Os leitores não devem julgar que esta visão representava realmente a “aparência” do demônio encarregado de dinamizar o talismã. O imprudente

Agora, há três pontos que devo tornar bem claros antes de prosseguir este relato: em primeiro lugar nunca fui atacado duas vezes na mesma noite. Em segundo lugar quando falo de fenômenos físicos experimentados por mim, tais como vidros se espatifando, ou vozes, eles nunca foram fenômenos materiais, mas apenas alucinações, Isto me leva ao terceiro ponto: nenhum destes acidentes ocorreu enquanto estava dormindo. Sempre me senti acorar com o terror me envolvendo como uma nuvem, e lutando para dispersá-lo. Eu já tive pesadelos , mas nunca um pesadelo que já tive prendeu a minha mente durante minutos a fio, como fez esta coisa, nem me levou a pular de uma janela de mais de três metros de altura.

A primeira indicação que tive que essas visitas eram absolutamente fora do normal veio dia 30 de maio. Por volta da meia-noite eu fui subitamente acordado por uma voz gritando “Cuidado”! Imediatamente me tornei cômico de uma serpente rubra coleando se enrodilhando, e se estendendo debaixo de minha cama, e esticando sua cabeça para fora ao longo do assoalho. Ela estava a ponto de me dar um bote quando pulei pela minha janela, e caiu no jardim. Felizmente, meu único ferimento foi um braço machucado.

Depois disto houve paz absoluta até 30 de junho, quando o verdadeiro clímax veio. Eu vira a coisa novamente na noite da lua nova, e notara consideráveis mudanças em sua aparência. Especialmente, ela parecia muita mais ativa, e seus longos cabelos tinham se transformado em cabeças de serpentes. Na noite seguinte fui acordado por violento barulho, e pulei da cama. Vi então que o barulho fora causado por um grande obelisco vermelho que atravessara a parede ocidental do meu quarto e

aprendiz de feiticeiro formara um contato mágico com uma entidade de certo plano, com a intenção de fazê-la trabalhar para ele; mas como não tinha suficiente maturidade psíquica para controlar a força evocada, a energia desta impingira-se sobre ele, em vez de sobre o talismã, e começou a ativar as energias harmônicas consigo dentro dos veículos do ser humano que a chamara. A visão foi uma formulação em termos inteligíveis do que estava acontecendo: uma parte das forças subconsciente (ou subterrâneas) do aspirante, até então entrelaçadas com outras nele mesmo apenas como receptoras-transmissoras, e portanto inócuas, esta se ativando de uma maneira anormal. O processo, se estiver sem controle central, é totalmente análogo à forMaçom de um câncer no organismo físico. Como qualquer outra entidade, os demônios não tem uma forma particular no senso que nós seres humanos encarnados, concebemos a idéia de forma: Eles podem aparecer nas formas mais diversas, inclusive de “anjos de luz”.

agora estava se apoiando contra a parede leste. Ele tinha arreventado tanto esta parede quanto a janela, mas não tinha atingido a minha cama, a qual estava em um nicho para a esquerda da sua trajetória. Em seu trânsito o obelisco despedaçara todos os espelhos, e tanto o assoalho quanto o topo de minha cama estavam cobertos de estilhaços e farpas. Desta vez a alucinação deve ter durado alguns minutos: eu não me atrevia a mover-me por medo de me cortar, e para alcançar os fósforos – nos quais eu não sabia - estava a tábua de salvação¹¹³ - eu teria que me estender por sobre a cama, e novamente arriscar a cortar-me em estilhaços. No íntimo eu sabia que tudo isso era falso, mas não tinha como me mover. Eu podia apenas ficar de pé ali, incapaz, olhando o quarto arreventado, num estado de terror impotente.

E agora vem a parte mais, extraordinária de tudo isto. Quando eu finalmente dominei a obsessão e voltei à cama, completamente exausto, sei que o único som que fiz aquela noite foi ao pular do leito para o assoalho. Além disto, meu quarto fica pelo menos a cem metros de distância do resto da casa; no entanto, na manhã seguinte, na hora do café, minha família me perguntou por que houvera um ruído tão grande no meu quarto durante a noite.¹¹⁴

Depois disto, percebi que acabara a brincadeira. Eu não podia aturar essas ocorrências sem fazer nada; mas percebi que era impossível tentar controlar a força que eu pusera em movimento. Em desespero recorri a uma amiga, a qual, eu sabia, tinha muita experiência dessas coisas. Ela veio ao meu auxílio; daquele dia até hoje nunca mais experimentei coisa alguma desse tipo.¹¹⁵

¹¹³ Note-se a situação psicológica: o aspirante sentia que se achasse um fósforo a ilusão se dissiparia (sinal de que associava, a idéia de escuridão com o mal) mas não se atrevia a se mover, com medo de se cortar em estilhaço de vidros que ele sabia ser total ilusão. É por isto que as práticas preliminares da A.:A.: incluem cuidadoso treino nas técnicas de loga, que conferem controle da mente.

¹¹⁴ Nada havia de extraordinário nisto, mas era um sintoma perigoso: significava que a obsessão estava começando a se transmitir telepaticamente às pessoas relacionadas com ele. É assim que os “milagres” começam e se alastram.

¹¹⁵ A amiga que se referia era a Sra. Firth (Dion Fortune), a qual também não estava qualificada para usar o Sistema de Abramelin, e recorreu a George Cecil Jones em favor de seu aprendiz. O Adepto tomou sobre si a carga da força demoníaca que aquele discípulo havia ativado. A punição do imprudente consistiu em fazer essa confissão pública da sua estrepolia.

Esse caso espero que sirva de lição aqueles que lerem esta confissão da minha asneira, para que tratem com o máximo cuidado todos os sistemas de Magick impressos em livros, e não usem de forma alguma, a não ser que tenham o mais completo controle das entidades invocadas.”

Nem sempre “milagres” necessitam o uso de uma mente treinada projetando telepaticamente, ou a obediência de uma entidade de outra linha evolutiva. O Magista que trinou seu corpo astral, dispõe de poderes fora do normal, no sentido estatístico da palavra.

Em certa ocasião Allan Bennett (conhecido na A.:A.: como Iehi Aour) estava descendo uma rua londrina quando foi grosseiramente abordado por um indivíduo que lhe disse não acreditar em Magick e que desafiou o pacto místico a dar prova de que ela não existia. Bennett tocou no incrédulo com um dedo: ele caiu como se fulminado, e passou vários dias em coma.

Esta façanha não pode ser duplicada por qualquer um: ela indica um grande desenvolvimento do corpo astral, e alto controle deste. O Magista simplesmente golpeou seu interlocutor astralmente, e a desorganização produzida no corpo astral deste repercutiu no corpo físico. Não cremos nem por um instante que fosse a intenção de Bennett matar o grosseirão, pois ele poderia tê-lo feito se quisesse.

Ainda em outra ocasião, Crowley (que aprendeu os rudimentos de Magick e ioga com Bennett) estava em um ambiente vulgar, entre vários desconhecidos, com um gramofone tocando música barata a todo volume; exasperado, o Magista bradou:

-Abaixem essa coisa ou eu mato todo mundo aqui dentro!

O gramofone foi abaixado imediatamente.

Note-se que as pessoas presentes não conheciam a identidade de Crowley em suas consciências puramente humanas; mas o Magus representa a nossa espécie inteira, e em certos níveis do Buddhi Manas (Corpo Moral) ele é imediatamente reconhecido quando irradia naquele nível.¹¹⁶

¹¹⁶ Esta faculdade do Magus se estende mesmo aos seus representantes e discípulos. Em certa ocasião no antigo Largo da Carioca no Rio de Janeiro, entramos em conversa com um desconhecido sobre a situação política do país, pouco após a revolução de abril de 1964 e.v. De repente ele nos olhou com uma expressão inteiramente nova no rosto e disse-nos, rindo, Ah! Agora estou lhe

Algum leitor poderá perguntar aqui o que teria acontecido se o gramofone não tivesse sido abaixado. Em nossa opinião, Crowley teria fulminado astralmente todas as pessoas presentes. Isto, sem dúvida, não é um gesto digno de um “Mestre” no sentido lacrimogêneo que os teosofistas de Bersant dão a palavra; mas o Mestre quando encarnado ele é uma pessoa como outra qualquer em sua base física, e tem seus momentos e impaciência e de cólera.

Um dos poucos incidentes do Novo Testamento que consideramos genuíno, e atribuível a algum verdadeiro místico judaico, é aquele que descreve o chicoteamento dos vendilhões do Templo. Uma verdadeira lição moral que nunca foi aproveitada pela Igreja romana; uma lição mais bem elevada que qualquer outra extraída dos ridículos “milagres”, ou da sado-masoquista “crucifixão”.

Nunca é demais repetir que o corpo astral realmente existe, e pode ser desenvolvido, sistemática e cuidadosamente, por qualquer pessoa. Infelizmente para apressados, seu desenvolvimento exige mais paciência e mais persistência que o desenvolvimento atlético do corpo físico, porque o corpo astral é uma aquisição recente em termo de milhares de anos de nossa espécie. Seu desenvolvimento ainda é tão raro que o código genético necessário para isto ainda não está automaticamente programado; ou se está, é apenas numa minoria de indivíduos em cada geração.

Os fenômenos astrais, são poucos conhecidos e cercados de lendas, exageros, boatos e mentiras. Mas eles existem. O que é ainda interessante, eles parecem centralizar as leis do continuo material em certas direções. Por exemplo: sabemos que no espaço físico dois corpos ¹¹⁷ não podem utilizar o mesmo lugar ao mesmo tempo; mas não ocorre no astral, onde interpretação “espacial” pode se processar no mesmo instante de tempo.

Outro fenômeno muito curioso é a defasagem temporal.

reconhecendo! Referia-se, é claro, ao nosso grau iniciático e a nossa função no país.

¹¹⁷ Existe uma relação entre os planos: a intensidade de energia física parece ser proporcional, dentro de certos limites, à energia astral, e vice versa; mas qualquer sistema de mensuração astral variará em relação aos fenômenos físicos. Em proporção, e de que maneira, só poderá ser estabelecido por futuros pesquisadores que apliquem os métodos da Ciência ao propósito da Religião.

Em sua autobiografia, Crowley relata uma série de experimentos conduzidos com uma Irmã da Ordem, em que ele visitava astralmente, embora separados por milhares de quilômetros no espaço físico. Ambos registravam os detalhes dos incidentes de tais visitas, e foi possível constatar que as descrições coincidiam de maneira a eliminar qualquer possibilidade de imaginação ou sonho.

Pesquisadores de fenômenos ocultos devem antes de mais nada estudar os rudimentos da matemática e do método científico. Sabemos já que não somos a única espécie inteligente habitando o planeta: os cetáceos, entre outros, nos igualam em complexidade e amplitude de raciocínio, e recentes experiências com antropóides parecem indicar que eles são muito mais inteligentes que os nossos antepassados suspeitavam.

Devemos levar em conta, que a evolução de todas as espécies vivas está interligada; quanto mais aumentar em inteligência e percepção, mais outras aparecerão. O ditado anglo-saxão: “A beleza está no olho de quem a vê”, pode ser aplicado igualmente à inteligência. Não é verdade que as pessoas estúpidas percebam a inferioridade de sua inteligência; se assim fosse, teriam em si pelo menos a semente do progresso. Para o estúpido, todos são tão estúpidos, e até mais do que ele: pois ele não consegue perceber a motivação que impele intelectos melhores. Mas para a pessoa inteligente, a vida é uma descoberta contínua cujo interesse se expande e se amplia.

CAPÍTULO XI

SEXO E OCULTISMO

Nosso interesse em ocultismo data de nossa puberdade, ou melhor dos nossos onze anos de idade. Aos dezessete, estávamos numa livraria pesquisando os volumes em busca de algo novo, quando fomos abordados por outro leitor, que encetou conversa conosco. Era um rapaz bastante mais velho que nós, talvez uns vinte e cinco anos de idade, aspecto saudável, que nos confessou:

-Esse assunto de ocultismo me fascina, mas eu tenho um tremendo problema: meu apetite sexual. Todos os livros que leio dizem que a gente tem de controlar o sexo, mas eu não consigo:

estou sempre necessitando de uma mulher. Será que não há outra maneira de encarar o assunto?

Sabemos agora, que esse rapaz sentira instintivamente que pertencíamos a uma “linha” que poderia lhe dar uma resposta para seu problema; mas infelizmente para ele, a sociedade que então freqüentávamos, pretensamente “Rosacruz”, tinha sido adulterada pela fraqueza moral dos seus dirigentes, e não dava instrução suficiente ou franca sobre o assunto.¹¹⁸ Eventualmente estabelecemos contato com a legítima “linha”, e recebemos instrução sobre o sexo; mas nosso infeliz interlocutor era então apenas uma memória, que nos tem ocorrido através dos anos, e nos ocorre agora enquanto escrevemos: terá ele conseguido se libertar da ficção de que abstinência é sinal de santidade?...

Em um dos seus livros sobre o Tibé a Srs. Alexandra David-Neel, relata uma anedota bastante sábia: uma jovem tibetana caminhava por um lugar ermo quando foi acostada por um eremita conhecido em sua aldeia, que o alimentava e venerava. O eremita tentou violentar a moça, que reagiu e acabou por fugir. Chegando em casa, a infeliz virgem contou o incidente à sua família, que a reprovou redondamente.

-Mas então você recusa o uso do seu corpo a um Samnyasi?! Que melhor Carma poderia ter você que perder sua virgindade nas mãos de um homem santo? Volte imediatamente lá, peça perdão ao eremita, e ofereça-se a ele!

A obediente jovem assim fez; mas tendo descoberto o santo, que meditava junto a um riacho gelado, e se oferecendo a ele, este recusou, dizendo:

-Eu lhe agradeço, mas não tenho necessidade dessas coisas. Acontece que o rajah que governava esta comarca estava morrendo no momento em que você passou; e no mesmo

¹¹⁸ Repetimos categoricamente que qualquer organização que use abertamente esse nome não pode, por definição, ter qualquer ligação espiritual ou histórica com o movimento original dos “rosacruzes” medievais. A decadência da organização que freqüentávamos foi sem dúvida um produto de sua pretensão. O fundador pertencera a O.T.O., e estivera, inclusive contato com nosso Instrutor (que até então não havíamos encontrado) e com Crowley; mas desvirtuara seus conhecimentos com finalidades puramente pessoais. No entanto, sua conexão kármica com legítimos iniciados possibilitou-nos um eventual contato com a corrente Thelêmica; mas isto só ocorreu na medida que provávamos e nos afastávamos das atividades daquela particular “ordem” a que nos havíamos afiliado.

momento havia um asno copulando com uma égua num campo vizinho. Eu devia um favor ao rajah, e tentei prover-lhe um corpo evoluído para sua encarnação seguinte, mas você se recusou, e agora é tarde demais: o rajah foi para o jumento e a égua, e vai se reencarnar num corpo de um burro.

É claro que isto é uma anedota, e bastante mordaz! Mas ilustra um fato que poucas pessoas compreendem, os motivos de um iniciado, quando este pratica quaisquer atos que são praticados por profanos, diferem bastante dos motivos dos profanos.

O ato sexual como já dissemos, é uma das poucas formas de Samadhi que estão a disposição de qualquer ser humano, não importa qual seja o grau de evolução deste; sendo um instrumento precioso para aqueles de nossa espécie que compreendem que tudo que existe é santo.

Abstinência sexual, se encarada como regra absoluta, não é uma prova de virtude, e sim de covardia. Abster-se de um ato porque somos capazes de profaná-lo é, ocasionalmente, uma medida de prudência; mas adotada como regra de vida, evidencia fraqueza moral e falta de disciplina em nossos veículos. A lei da física que é enunciada como “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma” aplica-se à biologia como a qualquer outro aspecto do contínuo espaço-tempo. Aqueles que se abstêm da vida sexual acumulam a energia nervosa que normalmente se gastaria na cópula. Como resultado, ou ela se esvai durante o sono em emissões involuntárias, ou provoca uma hipertensão magnética que eventualmente se tona um foco de força mágicka. Mas esta força raramente é sadia, pois é produto de um processo artificial de conservação. Os celibatas, quando não são culpados de maiores desvios, provocam perturbações nervosas ou excessos sexuais em seu meio ambiente, através de repercussão telepática. É notório que casos de “possessão diabólica” registrados pelo catolicismo romano sempre ocorrem nas mediações de mosteiros ou conventos.

Lembramo-nos de certa ocasião quando, ainda meros discípulos, penetramos com nosso instrutor num mosteiro americano e observamos que aura de um certo monge por quem passáramos estava muito tensa com força magnética. Nosso Instrutor riu e disse, “Claro ele se masturba.” Mas nosso Instrutor

estava enganado: o indivíduo tinha um temperamento ardente, porém se abstinha de atividade sexual. Isto carregava a sua aura de força malsã. Somente a força mágicka que desenvolvemos através da expansão de todas as nossas faculdades em todos os planos é uma força ecológica. E que está em harmonia com o corpo de Nuit. Os torquemadas, os Savonarolas e os Hotleres são todos produtos da pressão magnética de uma sexualidade reprimida e doentia; quando não em próprios corpos, ou no corpo de pessoas com quem tem afinidades cármicas ou ambientais.

Para o puro, todas as coisas são puras. Para o santo, todas as coisas são santas. Para o verdadeiro iniciado, a atividade sexual é, como tudo mais na vida, “um trato particular entre Deus e a sua alma”. Já que o ato sexual envolve todos os nosso veículos simultaneamente, ele pode e deve ser utilizado em forma de oração.

Diz “Liber VII”, um dos Sagrados Livros de Thelema, que descreve a Iniciação de um Mestre do Templo:

21. Eu Te amo, eu Te amo.

22. Todo alento, toda palavra, todo pensamento, todo ato é um gesto de amor Contigo.

“Não sabeis que sois o templo do Deus Vivo?” disse um grande iniciado.

É uma vil mentira que só possamos encontrar Deus além e a despeito do corpo e dos apetites do corpo. Pelo contrário: é preciso descer aos infernos que existe dentro de nossa herança genética animal, e domesticar suas feras, atrelando-as ao Carro Guardião do Santo Cálice. Aquele Guardião cuja armadura brilha de luz negra, e que não tem nome nem rosto; cujo manto é a colcha de retalhos multicores do Arco-Íris mencionada pelos alquimistas medievais. Veja-se a carta da Temperança, ou Arte do Taro.

Para Iniciados, todo tipo de atividade pode ser tornado santo: basta que todos os nossos atos sejam canalizados em direção àquele fito que ainda pode ser simbolizado pelas palavras União com Deus. Assim o ato sexual, seja ele heterossexual, homossexual, auto-sexual, ou inter-espécie, não só é uma forma natural e sadia de auto-expressão como também pode ser utilizado como oração, como ritual mágicko de invocação ou

evocação, e para o aperfeiçoamento dos veículos sutis que existem, potencialmente, em todo ser humano.

Quanto a forma auto-sexual, há uma ressalva a fazer: é uma atividade que deve ser evitada tanto quanto for possível. Sabemos que psicologistas e sexólogos mundanos alegam que a masturbação é inofensiva. Negamos que isto seja verdade. Ela produz, na maioria dos casos, uma perspectiva egóica que pode ele levar ao autismo, e que diminui sensivelmente a capacidade de intercâmbio sadio com outros egos.

A teoria mágicka da atividade sexual é profundamente estudada em Ordens Sérias, e as salvaguardas necessárias estão estabelecidas no tratado por Frater Parzival XI^o, “A teoria Eletromagnética do Sexo”.

Restrições dogmáticas ao instinto sexual são extremamente prejudiciais ao progresso racial. Nada impede que os católicos romanos considerem o ato da cópula como “pecado” se realizado por seu clero, ou por leigos não casados; mas eles não tem qualquer direito de tentar impor suas opiniões através de leis e estatutos. Eles deveriam abster-se da cópula sexual de uma vez por toda, assim desapareceriam mais rápido da face da terra.

Esta síndrome restritiva do catolicismo com relação ao sexo, iniciou-se do culto de Átis (uma forma de Deus Sacrificado), o qual era popular no Oriente Médio. Os sacerdotes de Átis castravam-se ritualmente. A maioria dos “patriarcas” do catolicismo romano foram automutilados. Essa forma de loucura decorre de uma exacerbação do orgulho egóico, e denota um medo doentio do Universo, ou Não-Ego. É evidente, uma forma de autismo. Esta doença está sendo aos poucos eliminada da espécie: lendas como a “Queda” e o “Pecado Original” decorreram dela, inventada pelos Irmãos Negros.

Atitudes sociais intolerantes, apliquem-se elas a qualquer forma de atividade ou correntes de opinião, tornam-se extremamente deletérias se transformadas em estatutos restritivos. Estudemos o efeito psicológico da moralidade dessa religião sobre a sociedade brasileira. O “machismo” pátrio é tão exagerado que sugere imediatamente, a qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento de psicologia, uma grande dúvida subconsciente quanto à virilidade. Pesquisas científicas realizadas em vários países do mundo, levaram sexólogos a conclusão que

homossexualidade, é uma das fases normais da no desenvolvimento sexual da adolescência. Nos Estados Unidos da América, ficou provado que para cada cinco homens da população, três haviam tido experiências homossexuais entre a infância, adolescência e a idade adulta. O Sr. Richard Burton, famoso antropólogo inglês, inclui o Brasil, no rol dos países que visitara, como um dos maiores em índice de homossexualidade.

O homem brasileiro de nossa geração tinha um curioso padrão de moral dupla, que lhe permitia ser tão promíscuo quanto quisesse, mas proibia as mulheres, principalmente a dele de fazerem o mesmo. Essa mesma moral dupla era aplicada também aos homossexuais: o parceiro ativo era considerado normal, mas o parceiro passivo era chamado de veado.

No entanto, se a norma sexual consiste em relações com sexo oposto, que opinião podemos ter de um homem que é capaz de experimentar uma ereção `a vista do corpo de outro homem, ou através de carícias de outro irmão de sexo?

A realidade biológica é bem diversa. A homossexualidade, tanto masculina quanto feminina, impera em quaisquer ambientes em que os sexos sejam segregados, como exemplo as penitenciárias, internatos, e casernas.

Thelemitas afirmam que o normal é uma quantidade estatística, e não um absoluto dogmático. Em palavras mais simples: Thelemitas acreditam que homens e mulheres podem copular entre si, mas se quiserem podem demonstrar uma conduta sexual anômala, sem que isto deixem de ser normais. O que é importante para nós de Thelema, é que quaisquer que forem estes atos sexuais, que sejam expontâneos por parte de todos os praticantes. Violentar o corpo alheio, contra a vontade de seu habitante, é uma terrível forma de Restrição, que é o único Pecado que nós admitimos, e condenamos sem reservas.

Somos seguidores, sim, de Aleister Crowley, o “mago negro”, chamado assim pela imprensa marron, o qual não só praticava a homossexualidade, como a heterossexualidade, e ainda por cima afirmava que tais atividades tem valor espiritual e mágicko!. Já que defendemos suas doutrinas, e também os homossexuais, (masculinos e femininos), isto é sinal de que somos homossexuais. Ora, também defendemos o direito dos católicos

romanos de serem católicos romanos, mas nem por isso formos tachados de crististas!

As poucas experiências homossexuais que tivemos, ocorreram em nossa adolescência anormalmente frustrada por um progenitor carnal criado num seminário católico romano mineiro, ou em nossa juventude ainda condicionada por recalques de educação. Há anos que não praticamos a homossexualidade, nem sequer como operação mágicka. É irônico que naquela época em que a polícia invadiu nossa casa, nos acusou de sermos entre outras coisas de homossexual; o único fato que puderam descobrir sobre nossa vida sexual era que copulávamos ocasionalmente com uma de nossas alunas, a qual era naquela época bastante adulta em matéria de libido.

Foi essa mesma aluna e parceira sexual que nos relatou que o colégio de freiras que cursava, era costumeiro um exame ginecológico semestral das alunas para verificar se o hímen delas ainda se encontrava intato!!! Esse exame era feito com o consentimento dos pais, e as alunas formavam fila para tal fim em frente a um consultório médico, enquanto os alunos do sexo masculino se congregavam para zombar delas, e ocasionalmente, vaiar as reprovadas. Esse colégio foi apontada pela moça na Baixada Fluminense, cujo nome do mesmo deixaremos de citar.

Vários rapazes nos confidenciou, que há certos colégios de padres no Brasil onde alunos internos tomam banho de chuveiro de camisola. Aparentemente, a vista do corpo humano desnudo poderá ser ofensiva aos olhos de determinados homens dedicados a Deus, muito embora tem-se dito ter sido o dito-cujo que criou o corpo humano. Para os padres a única finalidade do sexo é para procriar. O controle da natalidade, o divórcio, o amor livre, a experimentação sexual, as técnicas sexuais, a sutileza do sexo que enriquecem a estética do ser humano, são odiosas para esses representantes de uma religião, cuja única recomendação feita pelo seu originador foi *“Amai-vos uns aos outros.”*

Atrás dessas restrições, desses recalques, dessas fobias, há mais que um pressentimento da potencialidade mágicka e mística do ato sexual: há um ódio surdo e letal contra a existência de outras percepções do Universo que não a dos teólogos. Amar a Deus não é difícil para eles; “Deus”, afinal de contas é apenas um reflexo de sua própria vaidade e orgulho. Mas amar o próximo, em

todos os planos está a coragem final da verdadeira humildade e da verdadeira caridade, que lhes é difícilima. Nem sequer o ódio franco (que do ponto de vista espiritual, também é uma forma de amor) lhes é possível: a arma deles é sempre a dissimulação, a insinuação, e a calúnia. Hoje, como em Nicéia, o cristianismo romano afaga pela frente, e apunhala pela costas, todos aqueles que não se deixam envolver pela estagnação moral, seu dogmatismo intelectual, e seu sado-masoquismo emocional. Mas procuremos por um só instante usar nossa razão e nosso bom-senso e admiremos o sofrimento de uma homem que se tivesse existido de acordo com os sofismas imbecis decretados no Concílio de Nicéia, teria tido sobre os seus semelhantes a imensa vantagem de ser um homem não só em aparência, mas na realidade um deus. No entanto, durante séculos, milhões de seres humanos sofreram, às mãos dos adoradores desse homem, torturas muito piores do que a dele.

O Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde estávamos, em nossa juventude, aceitou entre seu corpo docente um capelão. O primeiro ato deste foi examinar em segredo os livros da Sociedade Literária do Colégio. Como resultado várias obras magníficas e sérias desapareceram “milagrosamente” do catálogo, entre elas uma História da Inquisição em dois volumes, onde não só as torturas favoritas eram descritas, como também eram ilustradas com gravuras da época. O fito principal da Inquisição, era perseguir, torturar e matar, homens e mulheres cujo único crime foi de terem a dignidade humana de recusar aceitar um credo crapuloso.

O sado-masoquismo é sempre o resultado de uma sexualidade reprimida. Padres e Freiras que, sendo dotados de energia nervosa e vitalidade animal, cumprem os preceitos psíquicos; e os muitos são os que fingem ser abstinentes em público, mas que em privado se aliviam de uma maneira ou de outra, tornam-se hipócritas. Como todo ato sexual é uma das mais profundas formas de expressão da consciência, sua restrição pode deixar as mais variadas enfermidades morais nos abstinentes.

A União dos oposto, pressupõe Amor, e amor pressupõe Mudança; nós crescemos espiritualmente na medida que nosso ego se modifica e amplia ao incluir a vivência daqueles outros

Egos com os quais entramos em contato. A União dos opostos é essencial à vida do espírito, e outro Ego senão o nosso é sempre uma forma de oposto, o que é muito natural. A relutância normal da faculdade que compõe nosso Ego (Antakharana) em aceitar Mudanças é o mesmo que produz em nós aquele ódio surdo e íntimo que sempre acompanha o mesmo verdadeiro Amor, e só se dissolve no momento do Êxtase, ou Orgasmo.

O Fausto de Goethe exigiu que o momento parasse, porque era Belo; mas a verdadeira Beleza consiste na sucessão de momentos, quer sejam belos ou que sejam feios, ao nosso Ego. Não é possível progredir sem mudar, assim como não é possível regredir sem mudanças.

Não vemos melhor maneira de terminar este capítulo do que citando as palavras de um grande poeta e místico inglês, William Blake:

**“Observa o mundo em um grão de areia
E o céu em uma flor silvestre,
Sustenta o infinito na palma de tua mão
E a eternidade em uma hora.”**

**“Tal como a lagarta escolhe as
folhas mais viçosas para depositar seus ovos,
assim o padre deposita a sua maldição sobre as mais
belas alegrias.**

**“Prisões são construídas com tijolos de Lei;
bordeis, com tijolos de Religião.**

O fraco em coragem é forte em astúcia.

**““Tu nunca saberás o que é bastante
se não souberes o que demasiado.
“Nenhuma ave voa demasiado alto,
contanto que voe com suas próprias asas.**

**“Que os negros roupetas da
opressão deixem de manchar o mundo
com a baba dos seus preconceitos;**

**nem lhes seja mais permitido
perseguir os profetas da alvorada!**

“Pois tudo quanto vive é Santo.”

CAPÍTULO XII

A FAMÍLIA E OUTRAS SUPERTIÇÕES

Em 1963 E.V., publicamos um livro intitulado “Chamando os Filhos do Sol”: o qual foi a primeira publicação Thelêmica em português desde os escritos de Fernando Pessoa, o grande poeta e iniciado. Nesse livro anunciávamos a A.:A.:e a O.T.O., e criticávamos duramente o comunismo, que era então a filosofia da moda entre os liberais e ameaçava dominar politicamente o governo. Em 1964 e.v. mandamos destruir a edição, pois não queríamos ser identificados como o reacionarismo ultra-direitista que sabíamos iria resultar da assim-chamadas “Revolução”.

Entretanto, o livro havia vendido uma razoável quantidade de exemplares e tinha nos angariado uma pequena quantidade de correspondentes e candidatos a iniciação. No ano seguinte ficamos como hóspedes na residência de um desses discípulos, e pilheriando com sua filhinha de oito anos dissemos-lhes “Por enquanto você ainda é muito criança para flertar comigo. Daqui a dez anos eu passo você na cara.”

A criança não deveria ter entendido nossa expressão de brincadeira, e seu flerte era a atividade espontânea e inocente do desenvolvimento genético. Porém, ao lhe dizermos isto, notamos que havíamos nos enganado quanto ao seu estágio de desenvolvimento intelectual: ela nos olhou com uma expressão de tal malícia que fomos impelidos a recolher-nos ao Silêncio e retiramo-nos da sala.¹¹⁹

Alguns dias depois o pai que estivera presente juntamente com a mãe, à nossa conversação com a filha, interpelou-nos duramente em particular, acusando-nos de tentar hipnotizar a menina para “uso” futuro.

¹¹⁹ A precocidade sexual da menina, devia-se a vivência do pai, o qual, antes de casar-se e se tornar um Burges respeitável, havia, conforme nos confidenciou, trabalhado como proxeneta e sido sustentado por mulheres.

Disse-lhes que estavam sendo ridículos. Será que não percebem que é o ciúme de sua filha que lhes levou a me falar assim?

O pai disse-me: Eu não tenho ciúme sexual de minha filha! – Esse insulto é prova da sua obsessão com o sexo! Eu só quero proteger a inocência dela!

Não podíamos lhe dizer que inocência era coisa que a filha dele não tinha, aos oito anos de idade; isto apenas iria aumentar o ciúme doentio do pai, e prejudicar o desenvolvimento da criança durante a puberdade e adolescência. Decidimos que o mais conveniente naquelas circunstâncias era sairmos de sua casa, e assim o fizemos, para nunca mais voltar.¹²⁰

Trocamos correspondência com esse discípulo ainda durante alguns meses após esse incidente; finalmente, sua insubordinação e desrespeito nos levaram a cortar contato com ele.

Doze anos mais tarde esse mesmo indivíduo entrou novamente em contato conosco. Submetemo-lo a um teste preliminar de obediência, no qual ele passou; e aceitamos novamente como discípulo. Logo porém, pressentimos que não mudou em nada: seus recalques, e seu ódio surdo por nós, continuavam os mesmos.¹²¹ Havíamos ensinado a este homem uma fórmula mágicka de grande poder.¹²² Ao entrar em contato conosco novamente, solicitamo-lhe que nos enviasse um Relatório Mágicko dos doze anos decorridos. Assim fez. Averiguamos que, com o auxílio da fórmula de poder que lhe fornecemos, tinha melhorado bastante o nível de vida de sua família: mas averiguamos também, que era perigoso contrariá-lo em alguma coisa. Entre outros casos, citava um militar de alta patente que o prejudicara indiretamente num negócio; pouco após, a filha desse

¹²⁰ Estávamos hospedados naquela casa a convite do nosso discípulo, e a contragosto: sabíamos que as vibrações da aura de um iniciado do grau que então tínhamos podiam exacerbar o ego de principiantes, e o preveníamos desta possibilidade quando de seu convite. Ele insistira, e cedêramos. É escusado dizer que este foi um erro que não tornamos a repetir.

¹²¹ O discípulo sempre odeia o mestre, num certo plano de consciência: é a dor do Ego ao perceber a presença do Não-Ego. O progresso iniciático depende da capacidade do discípulo de manter esta repulsa, sob controle, e obedecer ao Instrutor.

¹²² Para a qual ele ainda não estava preparado. Este foi outro erro que não votaremos a cometer.

militar falecera de um mal súbito. Um negociante tentara passá-lo para trás numa empreitada; este comerciante caíra seriamente doente, e um filho seu morrera num acidente de automóvel. O Relatório indicava que nosso discípulo associava a desventura desses opositores como a interferência deles em suas atividades.

Escrevemo-lhe, reprovando duramente. Você se chama Thelemita, dissemo-lhe, mas a sua psicologia parece aquela de qualquer feiticeira barata da Idade Média.

Replicou-nos, furioso, dizendo que não tínhamos moral para acusá-lo, pois tentáramos hipnotizar a sua filha para que nos servisse de concubina. “Ou você acha que é atitude de um Iniciado decretar a uma menina de oito anos que vai passá-la na cara daí a dez anos? E a vontade da menina, não entra em conta?”

Lemos esta carta com profundo espanto: pensávamos que a estupidez e a obstinação de pretensos candidatos a Iniciação não poderiam nos surpreender mais; e aqui estava um desmentido. É claro esquecêramos, tanto o incidente, quanto a menina; mas a insistência do pai trouxe-nos a cena de volta. Poderíamos ter explicado que nunca se passara pela nossa mente forçar a menina a se submeter a nós! Mas a explicação era tão óbvia que oferecê-la a um pretenso candidato a Thelema seria uma farsa. Além disso, tínhamos certeza de que este homem não nos acreditaria se nos desculpássemos; ele pensaria que estávamos mentindo. Ele renovara contato conosco simplesmente para nos “provar” que não tínhamos mais “poder” do que ele sobre a filha; e para provar que era mais poderoso que nós.

Escrevemo-lhe as seguintes linhas:

“Sinto muito que você se sinta tão inferiorizado em relação a mim, e morreria com prazer para evitar que minha existência lhe oprimisse tanto: mas infelizmente tenho compromissos prévios que considero de maior importância que o conforto do seu ego puramente humano.

“Quanto a sua filha eu tinha esquecido a existência dela, mas lembro-me agora que percebi nela uma certa grosseria do sensorium (Kama-Rupa), que sem dúvida ela herdou do pai; e receio ter perdido o interesse de passá-la na cara. Ela terá que procurar outro parceiro ou parceiros para este fim, Faça votos

sinceros, em benefício do progresso dela nesta encarnação, que encontre alguém mais refinado que ela, e muito mais que o pai.”

A finalidade desta carta era testar o controle egóico do discípulo; como já esperávamos, ele fracassou nesta Ordália, o que possibilitou cortar o contato com ele por completo.¹²³

Pode parecer incrível que nos dias de hoje, uma pessoa interessada em parapsicologia possa ignorar o trabalho de pioneiros com Freud, Adler, Jung, Stekel, e Reich. Mas no Brasil tudo é possível, até mesmo censura e liberdade dirigida.

Nosso leitores já devem ter ouvido falar nos Complexos de Édipo e de Electra; mas é possível que não tenham refletido sobre a existência do Complexo de Jocasta e do complexo de Agamenon!

Tanto o amor materno como o paterno, no que tem de sadio, são instintos puramente animais. Não há porque se estabelecer como divinos ou inigualáveis, que a humanidade, freqüentemente, costuma exibir com menos perfeição que outros da classe dos mamíferos.

Quando o sentimento materno ou paterno, sai do nível do instinto, entra inevitavelmente, no nível da libido.

Todo sentimento de afeição é basicamente sexual em sua origem, como disse Freud: e é por isto que homens que zombam de homossexuais, ou humilham enquanto os usam, são suspeitos de gostos parecidos. Esses homens em geral, têm um amigo do peito, ou pertencem a uma patota favorita, ou têm reuniões anuais com colegas de universidades ou de colégios.

Eça de Queiroz definiu a família em certa ocasião, como “um grupo de egoísmo que janta de chinelas”. No que concerne ao egoísmo, este fino epigrama se aplica a qualquer grupo humano; o problema consiste que o egoísmo pode se tornar demasiado, como no tipicamente super-pai brasileiro. Esse assunto da possessividade genitora, foi delicadamente tratado por Gibran em um dos seus poemas:

¹²³ Um membro da A.: A.: está obrigado para com seus discípulos enquanto estes não desobedecem a uma ordem dada em nome da Ordem. Nunca antes déramos uma ordem formal a esse homem, o que nos obrigou a recebê-lo de volta quando veio a nossa procura após doze anos de silêncio. A Ordem que lhe demos neste caso, foi simplesmente que cumprisse os compromissos que ele mesmo estabelecera conosco.

**“Vossos filhos não são vossos filhos.
“Eles vêm através de vós, mas não são de vós.
“E embora vivam convosco, não vos pertencem.
“Podeis dar-lhes vosso amor, mas
não vossos pensamentos.
“Porque eles têm pensamentos próprios.
“Podeis abrigar-lhe o corpo, mas não o espírito.
“Podeis esforçar-vos em ser como eles, mas
não busqueis fazê-los como vós.
“Pois a vida não anda para trás.”**

Quando escrevemos “Chamando os filhos do Sol” publicamos as seguintes linhas:

“Quereis educar bem os vossos filhos? Tratai-os como frescas encarnações da divindade, deuses recém-nascidos ao mundo, verdes mensageiros das alturas, emissários do mundo misterioso do além-túmulo a que ireis dar um dia.

Proporcionai-lhes todas as oportunidades de adquirir conhecimento e experiência, e deixai que eles escolham livremente entres todas as oportunidade que lhes proporcionais. Não os limites nunca a não ser nas coisas que o bom senso manda, isto é, na conservação da saúde e na disciplina da inteligência. Está no bem comandar a uma criança que não ponha a mão no fogo; mas é melhor ainda explicar-lhe que o fogo queima aos descuidados, e dar-lhe uma demonstração. Quando vossos filhos atinge a idade responsável, isto é, a puberdade, momento em que o Fogo se manifesta pela primeira vez através da inteira carne, ou a Água jorra pelos portais da vida com sua doçura e alegria, não tenteis apagar o fogo, nem tenteis represar a água. Ensinai antes a ambos o que sabeis a respeito da reprodução dos sexos, o que não é muito; ensinai-lhes como evitar a concepção involuntária, tendência natural do ser instintivo; ensinai-lhes as regras de higiene que conservam o aparelho criador livre das chamadas doenças venéreas; e assim cumprindo o vosso dever, deixai que corram os vossos filhos livremente o largo do mundo. Se tivestes o cuidado de respeitar o julgamento de vossos filhos desde o berço, se cultivastes

com desvelo a vossa essência inteira, ressoando assim na virtude interna de vossos filhos, se, enfim, habituastes os vossos filhos ao destemor e a liberdade, eles amarão sem prejudicar e sem serem prejudicados, e voarão mais alto e mais longe que jamais alcançastes.

Que maior fonte de orgulho podem ter os pais, do que ver como os seus filhos os ultrapassaram em tudo? E há nisto simples e saudáveis egoísmo, que se fazeis de vossos filhos homens e mulheres mais livres e mais fortes do que sois, eles por sua vez, farão de vós homens e mulheres mais livres e mais fortes ainda, quando encarnardes no meio deles.

Cada criança que nasce e cresce saudável e livre, é a esperança da humanidade. Portanto, regai as flores, ó homens, se quereis um dia colher os frutos!"

Este capítulo leva o título "A família e outras superstições. Que é superstição? Os dicionários definem a palavra como significando apego exagerado a alguma crença ou dogma sem base nos fatos. Mas embora a humanidade, como bem disse Fernando Pessoa, tenda a ser estúpida, ela não é estúpida a ponto de se apegar espontaneamente ao que não é prático. Uma superstição, portanto, é um apego exagerado a algum fato, ou conjunto de fatos que já foi prático e adequado ao bem-estar humano; mas deixou de assim ser por algum motivo., isto é, a Lei de Mudanças.

Em épocas pré-históricas a família era fonte de união e de força para um grupo de seres humanos; juntos eles eram mais eficientes contra outros grupos, ou contra grandes perigos que os cercavam.

Em épocas históricas, antes da idade industrial, a família era muito útil, principalmente, aos pais, cujo principal motivo para terem os filhos era na obtenção de trabalhadores na lavoura ou no artesanato a quem não precisavam pagar salários.

Na época industrial, ou moderna, a família deixou de ter sentido econômico. Filhos, a não ser para os muito pobres ou para os muito ricos, são um peso e uma desvantagem.

Note-se nunca houve na forMaçom de família, qualquer verdadeiro sentido de amor ou amizade. A lenda de amor fraterno, é desmentida pela lenda de Caim e Abel; a lenda do amor filial é desmentida pela lenda de Júpiter matando Saturno

para lhe herdar o trono; a lenda do amor paterno é desmentida pela lenda de Jeová expulsando Adão do Paraíso; a lenda do amor materno é desmentida por Cibele, emasculando seu filho Átis para conservá-lo preso.

A realidade é bem outra: a família não apenas é um grupo de egoísmo que janta de chinelas, como é um círculo telepático de conformismo e inércia.

Como escreveu Mestre Therion: “Em todo sistema de treino mágicko ou místico, a primeira condição que os aspirantes devem cumprir é colocar a família, de uma vez por todas, fora de seu círculo.

“Mesmo os Evangelhos insistem claramente e persistentemente nisto.

“O próprio Cristo (todo aquele que seja designado por este título na passagem) renega a sua mãe e os seus irmãos (Lucas, viii, 19). E repetidamente ele condiciona o discipulado à renúncia total de todos os laços familiares. Ele nem sequer queria permitir a um homem que comparecesse ao enterro do pai; dizendo-lhe: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos.”

“Eu creio que a definição do problema deveria incluir qualquer conjunto de pessoas as quais têm interesse em comum dos quais se esperam que você compartilhe. A nossa velha turma, o nosso velho clube, a nossa velha firma, o nosso partido, o nosso país: qualquer um desses poderá se irritar o bastante se você se interessar por assuntos que nada têm a ver com eles.

“Mas a família é o tipo clássico, porque a sua atração é potente e persistente. O condicionamento começou quando você nasceu; sua personalidade é deliberadamente repuxada e contorcida para se adaptar ao código dos seus parentes; e o conhecimento que eles têm da zoologia é tão imperfeito que estão sempre certo que o Patinho Feio deles é na realidade uma Ovelha Negra.

“A força de toda família está no fato de que ela só se preocupa com a família; sua fórmula mágicka, portanto, é necessariamente hostil a um fito exclusivamente individual quanto a Iniciação.”

A renúncia à liberdade individual em prol de um grupo, por penosa que seja, possibilitou a sobrevivência de nossa espécie na pré-história; mas nos tempos modernos não é necessário

mantermos uma concepção grupal que só foi realmente útil aos trogloditas.

A existência da família diminui a possibilidade de revolta contra o sistema – qualquer que seja – porque diminui a iniciativa e o espírito de aventura do cidadão individual.

Lembramo-nos que quando os estados Unidos entraram em guerra com a Coréia, discutiu-se a possibilidade do Brasil participar com uma força expedicionária. Estávamos no círculo familiar nesta ocasião quando o assunto veio à baila.

-Se o Brasil enviar uma força expedicionária eu irei – dissemos.

Nossa mãe olhou-nos com assombro.

-Irá por que?

-Porque eu sou reservista e fui aluno do Colégio Militar. Além disso, detesto comunismo.

-Você não irá não! - gritou nossa mãe. - Se for preciso, eu corto o seu dedo indicador para você não ir!

Bom, pelo menos era apenas o dedo indicador. Mas embora, na época, não soubéssemos da história de Átis, achamos que seria prudente sairmos da vizinhança de uma pessoa que considerava qualquer parte de nosso corpo sua propriedade particular; e assim fizemos tão logo atingimos a maioridade. Fomos morar nos estados Unidos, e só regressamos ao Brasil depois da morte de Jocasta.

Certa vez Mestre Therion, antes de morrer, escreveu a uma de suas discípulas falando sobre o amor materno:

“Você declara que o amor da mãe pela prole é algo que homem nenhum pode entender e você parece achar que este argumento é irrespondível!

“Bem alguns homens pelo menos tentaram entendê-lo; entre outros, entra Émile Zola, com seu romance “La terre debaixo do Braço.

“Ira ele bancar o poeta romântico e nos falar de rosas perfumosas e do brilho do orvalho na noite enluarada?

“De jeito nenhum.

“A terra, para ele, é realmente a mãe de todos os seres humanos: fonte única do nosso alimento essencial; à terra estamos todos acorrentados pelos nossos inexoráveis corpos, nossa necessidade irresistível de viver - e de morrer.

“Não ‘e sublime a tese? E como Zola a demonstra?

Simples: uma vaca está parindo uma cria num estábulo; ao mesmo tempo, a dona da vaca está parindo uma criança na casa da fazenda. O escritor descreve os dois acontecimentos simultaneamente; pula de um para o outro de tal forma que breve o leitor perde o fio e não sabe se é a vaca que está “dando à luz” ou se é a mulher que está dando cria.

“O mingau ralo acumulado de um bilhão de sentimentalistas estala em vão contra este feio penhasco de verdade nua.

“Mas dirá você: está bem! Zola está descrevendo o parto de uma mulher do campo, uma pessoa rústica e de sentimentos grosseiros.

“Esta desculpa não serve ó tu Aspirante à Sabedoria Secreta! Sob o efeito de anestésicos, as mais refinadas senhoras das mais altas posições sociais e com as melhores reputações religiosas são capazes de dizer torrentes de sujeiras que envergonhariam as mais grosseiras megeras das favelas.

‘Daí concluímos que enquanto nossa existência estiver ligada aos reinos animal e vegetal, de maneira a permanecermos escravos natos dos hábitos totalmente inevitáveis da matéria, continuaremos sendo arrastados de volta de qualquer vôo do ideal ou da imaginação que tente quebrar as cadeias que nos ancoram à lama.

“O que encontramos, na prática, como consequência deste instinto “sublime e sagrado”?

“A fórmula mágicka do homem é atirar-se para fora; a da mulher é encerrar dentro de si mesma.

“Portanto, como até Jung percebeu em seu primeiro livro, e declarou explicitamente, a primeira tarefa da hombridade – do herói – é escapar da mãe. Ora no caso do filho, com sua fórmula masculina, é fácil “cuspir no prato que comeu”, mas a filha não tem porrete,(Baqueta) nem espada, sua única esperança é arranjar um homem como fez a mãe: a ameba, que nasce por fissão, nutre-se estendendo seus pseudópodes para envolver quaisquer partículas que cheguem ao seu alcance; ela é um parasita de sua própria genitora até que a fissão se complete.

“A fórmula da mulher normalmente se manifesta como o instinto possessivo; freqüentemente se mascara em instinto protetor, mas a verdade essencial é que seu impulso é devorar.

Daí a idéia mortal do lar, onde ela pode digerir suas vítimas em segurança e tão devagar quanto lhe aprouver.¹²⁴

“Portanto, quando a gente ouve dizer que uma mãe é tão boa, tão dedicada à filha – coitada da filha!

“Não lhe permitem nunca decidir por si mesma, nem sequer nas coisas mais simples; está acorrentada pé e mão ao seu decente lar cristão; é uma criada doméstica sem férias nem salário. Nem poderá escapar, a não ser que o vampirismo da mãe se manifeste na forma de vendê-la em leilão ao melhor partido.

“Será preciso dizer que a “boa mãe” usualmente não está consciente de tudo isto, e que lerá esta simples descrição dos fatos com revolta e indignação?

“Mas a verdade é esta: a fórmula feminina é a Morte: o “retorno à Grande Mãe é a catástrofe do herói nas lendas.

“Deveria ser desnecessário acrescentar a conclusão, mas que eu acrescente: Quem quer que não tenha destruído totalmente e para sempre qualquer vestígio deste instinto em si mesmo, ou si mesma, arrancando toda raiz e torrando-a com Fogo, não está em condições de dar o primeiro passo no Caminho dos Sábios.

“Não é com estas poucas mas bem escolhidas palavras que eu me proponho a aumentar minha popularidade nos clubes de senhoras de seu país. (A discípula, Jane Wolfe, era uma cidadã americana)”

Faz aproximadamente dez anos um conhecido nosso, judeu e sionista, levou-nos a visitar parentes seus em Niterói. Era o primeiro contato que tínhamos com uma família ortodoxa israelita, e tivemos oportunidade de constatar que os complexos e recalques relacionados com a família não são exclusividade dos católicos romanos.¹²⁵

¹²⁴ Esta carta foi escrita por Crowley a uma mulher, a qual ele lhe sugere que adotasse como Mote Mágico de Probacionista, as palavras “Fiat Iod” isto é: “Que o Poder Criador Espiritual Masculino se manifeste em mim”.

¹²⁵ Aliás, a concepção da família usa por crististas é herança direta das recomendações do Velho Testamento. Entre os judeus primitivos, vivendo em regiões inóspitas e ainda por cima invasores de terras alheias, era conveniente manter o espírito grupal tão aceso quanto possível; e isto os profetas fizeram, sempre falando, e claro, em nome de “Jeová”. Não há qualquer sistema religioso em que a concepção da família no estilo troglodita seja tão incentivada quanto no sistema israelita; e a quantidade de supermães e superpais judeus, em consequência, supera até hoje, tanto em número quanto em intensidade de atavismo, o número de supermães e superpais crististas. Isto foi em grande parte devido as perseguições que os judeus sofreram às mãos dos meigos seguidores de

Entre os membros da família havia uma moça de uns vinte e cinco anos, inteligente e atraente, que trabalhava em posição de responsabilidade numa firma comercial; e em dado momento seus parentes começaram a insistir com ela sobre as grandes vantagens de se casar e constituir família; eventualmente, sobre as doçura de ser mãe e ter filhos.

Observando a expressão fisionômica da moça enquanto seus parentes falavam, fomos levados a fazer o seguinte comentário:

-Pessoalmente, eu não gosto de ver uma mulher grávida. Acho feio, grotesco e animal. Lembra-me uma vaca a ponto de dar cria.

Enquanto os parentes constrangidos pararam um momento de falar, a moça nos lançou um olhar de compreensão e gratidão. Quando a conversa recomeçou, os parentes passaram a outro assunto.

Ao sairmos da residência, nosso conhecido nos exclamou:

-Você não tem um pinga de tato! Aquela menina não quer casar, e você ainda vai e diz uma coisa daquelas na frente dela!

Não replicamos a este comentário. Nossa intenção fora mostrar a moça que ela não estava só no mundo, nem era anormal por suas relações. Não queremos diminuir as probabilidades da moça se tornar esposa, e constituir família. Decisões no nível humano só devem ser tomadas em sã consciência. As mulheres que reconhecem e admitem que a gravidez, o parto, e a maternidade são atividades puramente animais, quase sempre são as melhores mães: são as que menos tentam aprisionar os seus filhos.

A lenda da Virgem Maria, isto é, de uma mulher que concebe sem cópula e pare sem dor, é uma tentativa patética do falso misticismo cristista de evitar a percepção, por parte da humanidade, de que a família, longe de ser santa, é um dinossauro cultural em vias de extinção. Reproduzimos aqui um

“Jesus”: os judeus foram talvez o único povo da terra forçado a manter intata a síndrome emocional da família troglodita por circunstâncias externas às suas aspirações. Isto serviu, também, para refinar este grupo cultural: durante mil anos os judeus burros ou incapazes foram sumariamente eliminados da corrente genética do grupo. Como resultado, os judeus formam hoje um dos mais eficientes e inteligentes grupos culturais sobre a face da terra, e as gerações mais recentes estão sempre na vanguarda dos invasores das artes e das ciências.

trecho de uma carta publicada num jornal brasileiro, de grande circulação, na semana santa de 1978. e.v. por um padre:

“...nada nos impede admitir que o próprio Jesus, nascendo para sofrer, quisesse poupar sua Mãe as dores do parto.

“Não consta que o parto de Maria tenha sido doloroso. O que consta é que ela se dirigiu para ele com um entusiasmo radioso e aniMaçom do amor. Consta também que no estábulo, com seu filho recém-nascido, ela estava serena e silenciosa.”

“É claro que para os católicos, o parto de Nossa Senhora foi em tudo diferente de todos os outros partos. É natural que não gostemos e que, até, nos sintamos feridos e machucados com qualquer coisa que se diga em detrimento da grandeza da mãe divina que amamos e reverenciamos e que tomemos como ingênua qualquer tentativa de pôr em dúvida a sua nobreza.

Esta carta foi escrita em protesto a um pseudo-documentário sobre “as condições políticas que levaram a execução de Jesus”, exibido em horário nobre pela TV Globo. O padre alega que tal exibição irá desencorajar futuras genitoras de aumentar a superpopulação mundial; mas enfatiza, simultaneamente, que a única mulher que foi isenta pela sistema de dores e desconfortos do parto foi a “Mãe de Deus”.

Como de costume, esta religião, nada dá, a não ser promessas, e tudo quer tomar da raça humana. A religião inteira celebra a apoteose da dor, e do sofrimento. Sofrer é expiar; expiar é ser salvo; ser salvo é não ir para o inferno, onde seguramente irão parar todos que não pertençam a essa “santa religião”. Seria o caso de sugerir a esse padre, que não quer que as mulheres exibam descontrole nem medo, que ache um meio de engravidar e parir, ele mesmo, a fim de ver como é bom.

Lembramo-nos de que, numa classe mais adiantada daquele mesmo curso onde fomos despedidos, trouxemos à baila uma conversação em inglês o assunto de bebês de proveta. Sugerimos que dentro em breve serão poupadas às mulheres o peso da gravidez e o sofrimento do parto: uma vez facilmente extraído, sem dor nem dano, e colocado num útero artificial onde necessárias substâncias nutrientes poderão ser cuidadosamente dosadas de acordo com, o desenvolvimento do feto. (Isto não é

um sonho nem ficção-científica: a experiência já foi feita, debaixo de enorme sigilo, em muitas partes do mundo.)¹²⁶

A idéia de que aquilo que nos causa dor e sofrimento para obter tem mais valor que as coisas que conseguimos sem dificuldades é, evidentemente, irracional; provém da concepção do Deus Sacrificado que tanto influenciou a humanidade. Sacrificar significa, simplesmente Consagrar.

A origem deste condicionamento foi brilhantemente estudada em “O Ramo Dourado” pelo grande antropologista inglês Sir. James Frazer. Este livro que por óbvios motivos nunca foi publicado em português, traça as analogias entre vários cultos do Deus Sacrificado. Esta obra monumental esta dividida em vários volumes, cada um cobrindo um deus que morre e ressuscita. “Jesus” ocupa um dos volumes apenas.

Do ponto de vista científico, e do bom senso organizado, a dor é um sintoma de erro ou ineficiência. A dor fisiológica foi estabelecida para nos servi de aviso que há algo errado na relação do nosso Psicossoma com nosso meio-ambiente. A idéia de que há um valor moral e especial em sofrer é uma característica cultural adquirida; não é uma tendência normal em qualquer espécie viva.

Fernando Pessoa, em certa ocasião, escreveu estas linhas lapidadas:

“O amor é que é essencial.
O sexo é só um acidente.
Pode ser igual, ou diferente.
O homem não é um animal:
É uma carne inteligente,
Embora às vezes doente.”

Os animais raramente experimentam dor durante o parto; e é sabido que em certas tribos primitivas as mulheres escolhem um lugar solitário e se agacham quando chega a hora de parir; e o fazem sem gritar, sem gemer, e sem a necessidade de parteira ou obstetra.

¹²⁶ Nota particular: Observem o leitor, que o autor deste livro escreveu esta observação há mais de 40 anos. Hoje já estamos certos deste resultado, como também, de várias clonagens, em várias partes do mundo.

O fato de que o parto está se tornando progressivamente mais doloroso para a mulher civilizada indica que a humanidade está se distanciando cada vez mais das suas origens naturais, e animais; e a carne está se tornando mais inteligente, conseqüentemente mais complexa e mais sensível. Ora é preciso usar a inteligência se quisermos aliviar a carne!

Os cursilhos são tentativas de adaptar a teologia católico-romana às condições sócio-político-econômicas do fim do Século Vinte. Sabemos aliás que grande parte do material ensinado em cursilhos foi inspirado pelas nossas críticas feitas ao sistema católico romano, em mais de quatrocentas cartas a espiões e informantes, disfarçados em candidatos à Iniciação, escritas entre 1964 e.v. até a presente.

As mulheres nunca conseguiram a igualdade que tanto ambicionam, e que tanto merecem, enquanto as desvantagens representadas pela gravidez e a maternidade permanecerem. É verdade que a mulher vem sendo explorada há milênios; mas isto não ocorre porque os homens sejam mais egoístas ou maldosos do que elas: é o resultado simples e direto de suas desvantagens puramente animais de fêmeas. O vilão de tudo é a própria existência animal, que a inteligência procura transcender. A única maneira de sermos verdadeiras mulheres e verdadeiros homens, é nos lembrarmos de que, antes de pertencermos a um determinado sexo, pertencemos a espécie humana. Fossem os homens a parirem, e as mulheres a saírem para sustentação do lar, as variáveis da equação trocariam de lugar; mas os termos permaneceriam exatamente os mesmos.

Não há vilões tradicionais e absolutos na natureza; não caímos do céu, nem pecamos no paraíso, quer por conta própria ou conta alheia: somos apenas mais uma espécie viva em evolução dentro do Universo. Recentemente, desenvolvemos instrumentos de percepção que nos causam problemas de que a maioria dos outros animais estão à salvo.

Neste livro, procuramos tratar de alguns tipos desses problemas. Não deve ser lamentado que tais problemas existam: **são o preço que a carne paga para ser inteligente;** e não são nem pertencentes, nem decretados por qualquer divindade! Quem aspira a escalar os cimos deve se lembrar de que os raios só atingem as montanhas. “Quem não arisca não petisca”, diz o

ditado popular; e novamente como disse o genial Fernando Pessoa:

**“Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.**

PUBLICAÇÕES

Revista Mezla
Revista Sothis
Jornal Oriflamme
Jornal Gazeta Mágicka

Crowley:

Líber Aleph
Líber 333
A Visão e a Voz
Líber Al vel Legis
Oito Leituras em Yoga
Konx Om Pax
Os Comentários Mágickos & Filosóficos do Livro da Lei
Os Comentários Mágickos & Filosóficos de Líber LXV
Os Comentários Mágickos & Filosóficos de A Visão e a Voz
Livro Quatro Parte I (Magick – Misticismo)
Livro Quatro Parte II (Magick – Teoria Elementar)
Livro Quatro Parte III (Magick – Teoria e Prática)
Livro Quatro Parte IV (Equinócio dos Deuses)
Líber 888
John St. John
A Voz do Silêncio – Os Sete Portais
Líber 777 (com Líber D e Gematria)
Líber Chanokh
No Coração do Mestre
AHA
O Livro de Thoth

Frater Achad/ V.I.O.O.I.V.:

Líber 165 – O Mestre do Templo
INRI
A Rosa Cruz

Israel Regardie:

A Arte da Verdadeira Cura
Uma Cartilha Qabalista
A Árvore da Vida

EM PRELO

O Olho no Triângulo (Israel Regardie)

Golden Dawn (Israel Regardie)
O Culto das Sombras (Kenneth Grant)
A Fonte de Hécate (Kenneth Grant)
Goécia (Aleister Crowley)
Tao Te Ching (Aleister Crowley)